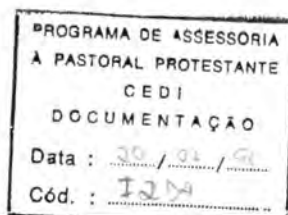


DOSSIÊ "CASO CASALDÁLIGA"

outubro 1988



ÍNDICE

Apresentação

Casaldáliga - na volta de Roma, mais eclesial e mais latino-americano

Casaldáliga - é difícil silenciar profetas

Casaldáliga - um profeta sempre suscita profetas

Para CNBB, Casaldáliga é apenas um bispo

A instituição sempre detesta fatos novos

APRESENTAÇÃO

A Documentação do Programa de Assessoria à Pastoral Protestante preparou, para uso interno, um dossiê do "caso Casaldáliga". Esse dossiê foi montado a partir das notícias da grande imprensa do Rio-São Paulo e organizado tematicamente.

Primeiro, a carta de d. Pedro na volta de sua visita "ad limina" possibilita a compreensão de que ele não é apenas mais um bispo, mas, por ser profeta-pastor representa a Igreja que se quer comprometida a partir dos pobres, a Igreja profética popular.

Em seguida, o fato da "punição" e suas repercussões demonstra, entre outros atos (nomeação dos bispos para o Brasil, a divisão da Arquidiocese de SP, o estudo sobre o estatuto teológico das Conferências Episcopais), um sério questionamento do Vaticano à Igreja que é e está comprometida com as lutas populares. Por isto mesmo, é que o silêncio não é algo simples, mesmo que seja querido por alguns. O silêncio é questionado e posto à prova.

D. Pedro profeta faz com que outros profetas se manifestem. É importante perceber a profundidade do comprometimento que se vê na Igreja. São muitos os solidários. Por outro lado, esta Igreja comprometida profeticamente com os pobres gera solidariedade para além dela mesma, entre aqueles que também estão comprometidos com as lutas do povo.

Porém, se há amigos, há os não tão amigos, há aqueles que gostariam que não fosse bem assim. Houve quem vibrasse com a possibilidade de um profeta ser calado, quem quisesse trancá-lo entre quatro paredes.

As coisas estão no ar, o que acontecerá? Foi apenas o início do fim? ou o fim de um mau começo? São várias as perguntas que emergem dos fatos, mas algumas constatações também são possíveis: uma Igreja solidária não caminha solitária, este é o caminho da Igreja das CEBs, da Igreja popular.

ROSÂNGELA SOARES DE OLIVEIRA
JORGE ATÍLIO SILVA IULIANELLI
outubro 1988

CASALDÁLIGA - NA VOLTA DE ROMA,
MAIS ECLESIAL E MAIS LATINO-AMERICANO

Até agora, ainda não havia realizado a visita "ad limina", que os bispos temos obrigação de fazer, indo a Roma, cada cinco anos. E eu já tinha 17 anos de bispo. Da Congregação dos Bispos, recebi duas cartas bastante duras, me cobrando essa visita e me recordando - 9 anos depois - supostas "contas" pendentes da Visita Apostólica que recebemos na Prelazia, em consequência das acusações de um bispo ultraconservador. Decidi apelar ao papa - do bispo de São Félix para o bispo de Roma - e lhe escrevi, dia 22 de fevereiro de 1986, uma longa carta de desabafos eclesiais. "Se o Sr. crê oportuno, lhe dizia na carta - pode fazer-me indicar uma data para que eu vá visitá-lo pessoalmente".

Essa data foi agora, no mês de junho.

Viajei para Roma em Alitalia, cercado de buliçosos ítalo-argentinos que também regressavam a suas raízes. Viajavam no mesmo avião 40 Irmãs de São José - entre elas a nossa irmã Irene - que iam para um curso-peregrinação às fontes de sua Congregação religiosa. Sentia-me cercado também de muitas orações, conselhos amigos, promessas de apoio. Por sua parte, a Curia e a Nunciatura me haviam pedido a máxima reserva em relação a essa viagem.

Em meu mais do que intermitente diário, anotara: "Vou a Roma em romaria. "Videre Petrum, videre Martyres, videre Franciscum". Roma e Assis. A pedra, o sangue e a pomba, da América Latina, com a espiga de milho fecundada por tanto sangue martir e coesamente fraterna em sua vontade de Libertação".

Depois de 20 anos de distâncias, me esperavam em Roma, na Itália, as pedras históricas, as basílicas, as catacumbas, os obeliscos trazidos de outros Povos; as ruínas esculpidas por gatos sagrados; as "piazzes" ensolaradas e seus desmazelados turistas; as colinas e suas casas de campo; os trigais e amapolas; as cerejas e o bom vinho; as oliveiras; a giesta nacional - minha "ginesta" catalã. Também os "gelati", é claro, e aquele tráfego romano, atropeladamente caseiro; os cartazes nos muros gritando Ecologia, Política, Arte; os meios de comunicação, sobretudo da Espanha e da Catalunha com um acompanhamento mais do que solícito; comunidades cristãs de compromisso radical; velhos amigos; meus companheiros claretianos que se desdobraram em disponibilidade fraterna, de modo particular José Fernando Tobon e Angel Calvo, da Prefeitura Geral de Apostolado; e minha família... Reencontros, saudades, raízes. No final das contas, europeu ainda além de latino-americano.

E, como disse, a Pedra apostólica, selada com o sangue dos primeiros mártires:

Algo temos, Roma, de romanos

todos os que herdamos

o leite do latim, a fé de Pedro.

Apesar do Império, por trás do Vaticano,

na Pedra e no Sangue partilhados

todos muito temos de romanos.

No dia 16, de jaqueta emprestada, fui recebido em antesala por monsenhor Re, secretário da Congregação dos bispos, que já estivera na nunciatura do Panamá. "Cum Petro et sub Petro", me aconselhava ele, persistente. E "um só Senhor, uma só fé, um só batismo", acrescentava eu para que a confissão fosse mais plena. Lembrou-me também que, no sábado, na entrevista conjunta com os cardeais Gantin e Ratzinger, eu deveria comparecer com vestimenta apropriada. (No caso, seria a batina e a faixa claretianas, cedidas muito gentilmente pelo veterano padre Garde, o colar indígena de tucum e a cruz franciscana).

O cardeal Gantin, prefeito da Congregação, me antecipava: "Será um encontro de plena sinceridade, com plena liberdade, em plena fraternidade".

Senti logo - caçoava eu depois deste prólogo - que seria submetido a um vestibular eclesial: de disciplina, por parte da Congregação dos Bispos; de teologia, por parte da Congregação da Doutrina da Fé.

Foi no sábado, dia 18. Durante hora e meia. Também na Congregação dos Bispos. Com o cardeal Gantin, seu secretário Re e um subsecretário; com o cardeal Ratzinger e seu secretário monsenhor Bovone e monsenhor Américo, português, da Secretaria de Estado. Os monsenhores anotavam tudo e tinham em mãos fotocópias de textos meus.

Expectativa, seriedade e jeito. Sem agressões. Pessoalmente, creio que falei com liberdade. Ratzinger sorria com frequência. Eu fiz questão de declarar que, graças a Deus, não tenho problemas de fé embora tenha discrepâncias teológicas; como tão pouco tenho problemas de comunhão embora divergindo em aspectos relativos de disciplina.

O cardeal Gantin começou lendo um texto que me recordava a solenidade do momento e de toda visita ad limina. Reconhecia nossos sofrimentos e nossa dedicação ao Povo. (Às

seja sempre mais evangélica". Eu falava para setores menos "eclesiásticos". Poderia ter dito que a Igreja é "semper renovanda". Mencionamos, na conversa, o pluralismo, a nossa Teologia, as Conferências Episcopais, a nomeação de bispos.

- O Sr. tem se referido ao Pretório e ao Sinédrio, me disse Ratzinger, gozador. E eu consenti, no mesmo tom.

Monsenhor Bovone me leu o telegrama que 10 bispos brasileiros enviamos a Roma, na ocasião da primeira censura pública contra Leonardo Boff. Consentí também. Ele acrescentou:

- O Sr. escreveu que o segundo documento sobre a Teologia da Libertação corrige o primeiro.

Respondi que sim, que é verdade. Corrige-o porque o completa. Se o primeiro fosse completo, não teria sido necessário o segundo.

Em determinado momento, o cardeal Ratzinger observou que todas as palavras podem ser justificadas, como que sugerindo que é fácil dar interpretações posteriores corretas a anteriores incorreções.

O cardeal Gantin referiu-se, sério, ao problema de minhas visitas à Nicarágua. "Isso já é um 'fatto', sublinha, um 'fatto'! Deixar a própria diocese para ir a outro país, interferir em outro episcopado..." Tentei explicar-me. Mas, ao longo desses encontros vaticanos, vi que a Nicarágua é o que menos se pode "explicar" ali.

Conto para ele, para eles, que fui a Nicaragua durante o jejum contra a agressão, e com o respaldo de 23 companheiros bispos; cito minha anterior amizade com os nicaraguenses, minhas cartas aos bispos do país, minhas idas a outros países centro-americanos e a boa acolhida de irmãos bispos desses países. Falo da solidariedade, do que significa Nicarágua para toda a América Latina. Recordo que há cristãos, católicos mais concretamente, em ambos os lados daquela Igreja e que a Igreja, como jerarquia, tem a obrigação de atender ao outro lado também. Cito o escândalo que esse outro lado sofre. Não nos "convencemos"!

- O Sr. disse que a visita ad limina era inútil, me aborda Gantin.

Disse que era "quase" inútil, brinco eu. E repito a queixa de tantos, no mundo inteiro, sobre esse particular. Reconheço que houve uma nova forma, na última visita do episcopado brasileiro, com a ida a Roma dos 21 bispos, nos três dias em que eles e os dicasterios discutiram abertamente diante do papa. Recordo que o próprio João Paulo II, na carta que dirigiu à CNBB, reconhecia essa nova forma de visita como mais colegial e que serviria de modelo para outros episcopados.

- O Sr. é utilizado; sua palavra, seus escritos, sua atuação.

Todos somos utilizados, respondo. Os Srs. também e também o papa. Além do mais, devemos ver quem e como nos utilizam. Falo da comunicação, da opinião pública - também dentro da Igreja -, da colegialidade e da corresponsabilidade. Lamento que cultivemos um secretismo excessivo.

Desde o início da entrevista, eles tinham insinuado um possível texto com proposições, que eu deveria assinar. Nesse momento me formularam mais concretamente essa proposta. Respondi-lhes que não assinaria nada sem tempo suficiente para pensar e consultar. Que eu mesmo jamais pediria a alguém um tipo de assinatura assim. Reagiram:

- Não se trata de um tribunal, não. O Sr. terá tempo de pensar sobre isso.

Relembro ao cardeal Gantin que, em sua carta, ele me prometia um encontro com o papa. Ele me confirma isso. Naquela mesma tarde se encontraria com João Paulo II. Entendi que era para colocá-lo a par de nossa entrevista.

Levantamo-nos. Pedi para rezarmos juntos. Para que fôssemos sempre fiéis ao Reino, para ajudar a Igreja a ser sempre mais evangélica. "Para revolucioná-la, não é?", interveio Ratzinger, sorrindo. Sim, para revolucioná-la evangelicamente, completo.

Conto-lhes a recente ameaça de que estou sendo alvo pela UDR e lhes asseguro que, se caio, será pelo Reino e pela Igreja também... Rezamos o Pai nosso, em latim, e uma invocação à Maria, Mãe da Igreja.

Quando eu já estava na escada, um dos monsenhores veio ao meu encontro para pedir-me que não transmitisse nada da nossa conversa aos jornalistas. Respondi que só falaria à imprensa depois de minha audiência com o papa; e que, se não contamos aos jornalistas a verdade, eles se vêem obrigados a inventar, talvez mentiras. Insisto no direito e no dever da comunicação. Soube, depois, que a Rádio Vaticana recebeu ordens superiores de nada comunicar sobre minha passagem por Roma.

Na sala de espera, antes da audiência, havia um calendário de ACNUR dedicado aos refugiados. Recordei com especial carinho os refugiados guatemaltecos. A legenda do calendário dizia assim: "É muito fácil ser um refugiado; tua raça e tuas opiniões diferentes podem bastar".

O cardeal mostrava-se tenso:

- O Sr. esteve com o papa, não?

- Sim, estive com ele uns 15 minutos.

- Inuteis!

Diante de minha expressão de assombro, ele me cobra duramente o fato de, na Espanha, terem sido publicados fragmentos de minha carta a João Paulo II. Todo o mundo, acrescenta ele, vê suas discrepâncias como o Santo Padre e, ele é o secretário, insinuam que nessa carta há falta de respeito.

- A carta, replico eu, parece-me muito respeitosa e muito eclesial. Foi pensada, redigida, consultada. Expressa, isso sim, preocupações e até divergências que muitos de nós, católicos, sentimos e que temos o direito de sentir e de expressar, como Igreja que somos. A carta não trata de assuntos privados.

Depois, muito energicamente e, em nome da Congregação dos Bispos, o cardeal me recrimina, outra vez, minhas idas à Nicarágua.

- Vou rezar, vou pensar, vou consultar meus companheiros, respondi.

Ele pede ainda que examine minha consciência no que se refere a meu modo de relacionar-me com a opinião pública.

- Eu também sou bispo da Igreja, afirmo. E me sinto com o dever da corresponsabilidade. O próprio papa insistiu na comunicação. Creio que devemos possibilitar o diálogo, o pluralismo, o bem maior da Igreja, obra de todos nós.

Vem à tona o tema de Lefebvre. E lhes digo que me parece até muito evangélico que a curia tenha tido tanta compreensão com o bispo idoso, mas que gostaria que houvesse a mesma compreensão com outros setores da Igreja. O cardeal me replica dizendo que eles tratam igualmente todos os bispos.

- O Sr. cardeal Ratzinger lhe escreverá, conclui ele.

Tive também -fora do programa oficial- um encontro sumamente efusivo com o latino-americano cardeal Pironio.

Esses dias, pensei muitas vezes, na fé, com pena, com esperança, na obrigação irremunciável que temos de comunhão-comunicação entre as Igrejas locais e a Igreja de Roma; entre o papa e sua curia e os bispos e suas conferências; entre nossa Igreja e as Igrejas, falando ecumenicamente; entre as Igrejas e o Mundo. Sonhei, metido naquelas pedras e venerando tanta tradição, em outro tipo de curia romana, para outro tipo de ministério papal. Senti, com um pouco de culpabilidade também, as distâncias que nos colocam em contradição quando nos deveriam situar em catolicidade, una e plural, fiel e livre, evangélica e histórica.

E reassumi a verdade do Terceiro Mundo com uma certa indignação impotente porém comprometida. Somente reconhecendo essa verdade, o Primeiro Mundo poderá salvar-se como humano e como cristão.

Quanto ao mais, esses dias foram muito familiares, deliciosamente caseiros. Os meus foram a Roma, de Balsareny, de Valencia, levando-me fotos, recordações, ajuda, do resto da família. E vivemos juntos, superada de repente a distância de 20 anos, um lindo re-encontro. Três sobrinhos-netos -Edgar, Meritxell, Elisenda- receberam de minhas mãos a primeira Comunhão na Eucaristia -literalmente doméstica- que celebramos nas catacumbas de Priscilla. (Meritxell chorou, depois, diante de umas reproduções dos Mistérios de Cristo, na cripta cordimariana de Parioli, porque não entendia a Santíssima Trindade. E, no dia seguinte, um psicanalista romano me expos seus projetos de confrontar as relações humanas com as relações trinitárias. De tudo isso, deduzi que não estava tão perdida aque la velha Europa, quando suas crianças e seus cientistas se desvivem por aproximar-se da mesma inefável Trindade. Ainda há fé em Israel!).

Hospedei-me na curia generalícia de meus irmãos claretianos, agasalhado como um bispo mesmo. No Claretianum concelebrei com antigos companheiros de estudos, agora espalhados missionariamente pelo mundo. Celebrei a Eucaristia em Tre Fontane, com as Irmãzinhas de Jesus, sempre tão universais e ágeis de espírito. Com a comunidade "brasileira" - de Roma e de Assis- que me presenteou com um grão de mostarda do Cenaculo de Jerusalém. Com as Irmãs de São José de Chambery. Com as "Adoratrizes". Reuni-me com latino-americanos, dei algumas entrevistas e descobri maravilhosas comunidades novas, grupos de solidariedade, fé, militância. Regressando de Assis, jantei com os Irmãozinhos do Evangelho. Conversei também com religiosos, comprometidos com os Direitos Humanos e estive com os Missionários do Verbo Divino, reunidos em capítulo geral. E visitei o Pe. Arrupe, cravado numa longa cruz de anos de impossibilidade e silêncio, que me sorria e chorava, enquanto eu lhe ponderava o bem que seus jesuítas fazem, sobretudo em nossa América Central.

CASALDÁLIGA - É DIFÍCIL SILENCIAR PROFETAS

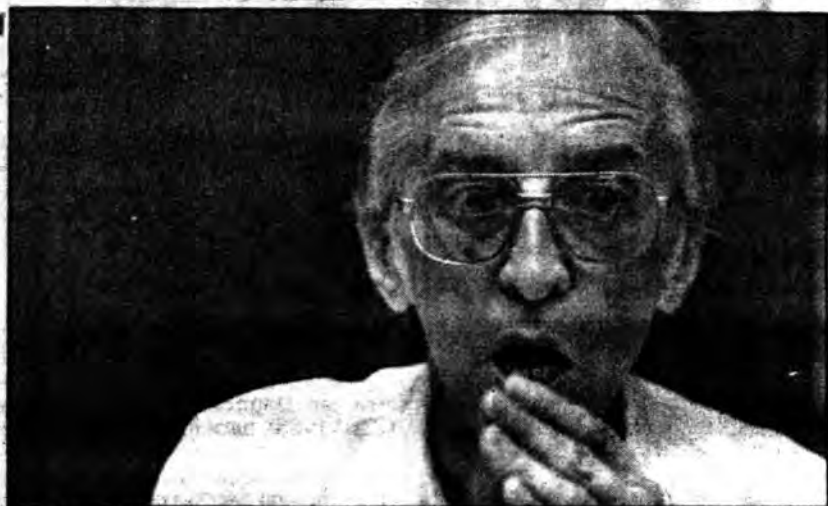
Vaticano pune Dom Pedro Casaldáliga

SÃO PAULO — O Vaticano proibiu o Bispo de São Felix do Araguaia, Dom Pedro Casaldáliga, de falar em público, viajar e publicar artigos e livros, numa punição semelhante à sofrida pelo teólogo Franciscano Leonardo Boff, submetido a um ano de "silêncio obsequioso". Há três dias, Dom Pedro recebeu uma carta do Presidente da Sagrada Congregação dos Bispos do Vaticano, Cardeal Bernardin Gantin, comunicando a decisão da Santa Sé.

Considerado um dos líderes da "ala progressista" da Igreja no Brasil, o espanhol Dom Pedro Casaldáliga se recusava, desde que assumiu a prelazia de São Felix do Araguaia, em 1971, a fazer a obrigatória visita periódica ao Papa — a *ad limina*. O Bispo as considera inúteis, por serem rápidas e caras. Além disso, durante o regime militar, temia ter seu retorno ao Brasil impedido pelas autoridades.

Seu engajamento à Teologia da Libertação também contraria o Vaticano. As duas visitas que fez à Nicarágua, nos dois últimos anos, irritaram ainda mais as autoridades da Igreja.

Há três meses, ele esteve no Vaticano com o Papa João Paulo II e com o Cardeal Gantin e o Presidente da



D. Pedro Casaldáliga não poderá falar em público, viajar nem publicar textos

Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé (ex-Santo Ofício), Cardeal Josef Ratzinger, no Vaticano, para esclarecer suas posições. Os Cardeais lhe perguntaram o que achava dos documentos sobre a Teologia da Libertação. Ele disse que os aceitava, assim como à Carta papal que considerava a corrente "oportuna e necessária". Os Cardeais lhe pediram para que assinasse um documento, preparado pelo Vaticano, no

qual estaria resumido seu pensamento. Ele se recusou.

O Bispo saiu de sua Diocese logo após ter recebido o documento do Vaticano. Na noite de ontem, Dom Tomás Balduino, que o estava hospedando, disse que o amigo saíra. Ele evitou comentar os termos da decisão do Vaticano, explicando que tentara esclarecer tudo com a Nunciatura Apostólica e a representação diplomática do Vaticano no Brasil.

Um 'progressista' adepto da Teologia da Libertação

Considerado um dos líderes da "ala progressista" da Igreja no Brasil, o espanhol de nascimento Pedro Casaldáliga sempre se recusou a fazer as visitas *ad limina* pois, além de considerá-las inúteis, na época do regime militar temia ser impedido de retornar ao Brasil.

As duas viagens que fez à Nicarágua, nos últimos dois anos, irritaram ainda mais as autoridades do Vaticano, já desgostosas pela sua ausência das visitas *ad limina* e pelo seu engajamento na Teologia da Libertação.

Casaldáliga chegou a enviar uma carta ao Papa explicando as suas posições. Há cerca de três meses reuniu-se no Vaticano com o Papa João Paulo II e com os Presidentes das Sagradas Congregações dos Bispos, Cardeal Bernardin Gantin, e para a Doutrina da Fé (ex-Santo Ofício), Cardeal Josef Ratzinger, quando recusou-se a assinar um documento, preparado pelo Vaticano, resumindo

as suas idéias.

A conversa de 15 minutos com o Papa João Paulo II foi amena. Casaldáliga repetiu ao Papa a razão de suas restrições às visitas *ad limina*, mas elogiou o encontro que João Paulo teve no ano passado com um grupo de bispos brasileiros — no qual teria havido tempo suficiente para a discussão dos problemas.

Dom Pedro Casaldáliga chegou ao Brasil em janeiro de 1968 e, por duas vezes, o Governo brasileiro tentou expulsá-lo por sua atuação em favor dos que não têm terra. Antes de ser eleito bispo iniciou um trabalho de documentação do que considera "injustiças e arbitrariedades" que se cometem no Brasil contra os trabalhadores rurais. Logo depois que foi escolhido Bispo, segundo Dom Tomás Balduino, alguns representantes dos latifundiários procuraram a Nunciatura Apostólica, em Brasília, tentando impedir a sua sagração.

Vaticano proíbe Casaldáliga de viajar, falar e escrever

DERMI AZEVEDO
Do Reportagem Local

A Congregação vaticana para os Bispos acaba de submeter o bispo de São Félix do Araguaia (MT), d. Pedro Casaldáliga, 60, um dos principais representantes da corrente "progressista" na Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), a uma série de restrições que incluem o "silêncio obsequioso" por um período indeterminado, além de limitações em suas viagens e em sua liberdade de falar e escrever. A decisão foi tomada pelo prefeito da Congregação para os Bispos, cardeal africano d. Bernardin Gantin e ainda não chegou oficialmente a d. Pedro, que está viajando pelo interior do Mato Grosso, fazendo visitas pastorais. Há três anos, o franciscano Leonardo Boff foi o primeiro teólogo submetido ao "silêncio" na Igreja Católica do Brasil por causa de seu livro "Igreja, Carisma e Poder".

A punição a d. Pedro Casaldáliga ocorre há apenas dois meses de seu retorno do Vaticano, onde realizou — pela primeira vez, depois de 17 anos como bispo — a visita "ad limina apostolorum" (que os bispos são obrigados a fazer ao Papa, de

cinco em cinco anos, de acordo com o Código de Direito Canônico). Antes de junho último, Casaldáliga vinha recusando-se a fazer essa visita, alegando seu caráter "burocrático e pouco prático", como afirmou em carta enviada ao papa João Paulo 2º, em 22 de fevereiro de 1988.

De 16 a 27 de junho, no Vaticano, Casaldáliga foi submetido a um interrogatório, por parte do prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, cardeal alemão Joseph Ratzinger e do cardeal Bernardin Gantin sobre aspectos doutrinários, teológicos, pastorais e políticos de sua atuação como bispo no Brasil e na América Latina. Foi também recebido pelo papa João Paulo 2º. Na sessão de 18 de junho último, na Congregação para os Bispos, d. Bernardin disse a d. Pedro que ele e Ratzinger "tinham sérias advertências" a fazer-lhe e citou o caso do arcebispo tradicionalista francês d. Marcel Lefebvre que, naqueles dias, polemizava com o Papa por causa da ordenação de bispos fora das normas canônicas.

Casaldáliga teve que responder a seis perguntas dos cardeais. Sobre a mesa, estavam fotocópias de seus artigos e entrevistas. A primeira

pergunta foi se aceita os documentos da Santa Sé sobre a Teologia da Libertação. O bispo respondeu positivamente, dizendo, porém, que aceita os textos "junto com a carta que o Papa escreveu aos bispos do Brasil, em 1986, considerando essa Teologia como oportuna, útil e necessária". A segunda foi se fazia uma "opção classista" pelos pobres. A terceira, sobre "pecado social" e "pecado pessoal". A quarta, sobre a celebração da missa como "um rito social". A quinta, sobre as referências de Casaldáliga ao arcebispo salvadoreño d. Oscar Romero e ao padre guerrilheiro colombiano Camilo Torres como "mártires" e a sexta sobre uma afirmação que o bispo teria feito de que iria "revolucionar" a Igreja.

Casaldáliga foi, também, censurado pelos cardeais por fazer visitas à Nicarágua, El Salvador e outros países da América Central, por "dar entrevistas à imprensa" e por ter assinado, com mais nove bispos, há três anos, uma nota de apoio a Leonardo Boff, por ocasião do "silêncio" do teólogo. O bispo não quis assinar, durante o interrogatório, documentos que lhe foram apresentados pelos cardeais, que significavam a aceitação da censura.

Bispo está na mira de Roma

Do Reportagem Local

Espanhol de Barcelona e missionário da ordem dos Claretianos, d. Pedro Casaldáliga está sob a mira da Cúria Romana praticamente desde que chegou à Amazônia, há 20 anos, como o primeiro padre a viver permanentemente na região Norte do Mato Grosso. É um dos fundadores da Comissão Pastoral da Terra (CPT) e do Conselho Indigenista Missionário (CIMI).

Durante o Movimento de 1964, os governos militares tentaram expulsá-lo cinco vezes do país. Vários de seus padres e agentes pastorais foram presos. Um deles, padre Francisco Jentel, foi condenado a dez anos de prisão e expulso do país, morrendo na França. O arquivo da prelazia de São Félix (que ocupa uma área de 150 mil km quadrados, na Amazônia Legal brasileira), foi saqueado e o seu boletim diocesano editado de forma apócrifa.

O padre jesuíta, João Bosco Penido Burnier, foi morto ao seu lado por

policiais, no Mato Grosso, quando ambos protestavam contra torturas que estavam sendo praticadas contra mulheres presas. Acusado de "comunista" pelo então arcebispo de Diamantina (MG), d. Geraldo Sigaud, Casaldáliga teve a sua prelazia inspecionada, em 1977, pelo então arcebispo de Teresina (PI) e hoje cardeal de Brasília, d. José Freire Falcão.

Indicado pelo Nuncio Apostólico em Brasília para verificar as denúncias "in loco", d. Freire Falcão passou quatro dias em S. Félix, mas não visitou as comunidades de base. Até hoje, d. Pedro não recebeu o relatório sobre a "visita apostólica" que recebeu. Em junho último, antes de viajar ao Vaticano, recebeu ameaças de morte, em praça pública, por parte de pistoleiros do norte do Mato Grosso. Segundo dados da Comissão Pastoral da Terra, a cabeça de d. Pedro já foi colocada a prêmio, várias vezes, por adversários da reforma agrária na região Centro-Oeste.

As punições

★ Não dar entrevistas

★ Não viajar à América Central, principalmente à Nicarágua

★ Não fazer conferências sem autorização

★ Não escrever sem censura prévia

★ Acatar estritamente as normas canônicas sobre visitas "ad limina"

Prelados evitam falar

Do Reportagem Local

A punição de d. Pedro Casaldáliga pelo Vaticano deixou "perplexos" os bispos brasileiros que souberam da notícia através de telefonemas nacionais e internacionais. Nenhum dos prelados ouvidos pela Folha quis fazer declarações formais sobre o caso, alegando que a decisão da Congregação para os Bispos ainda não chegou formalmente ao próprio Casaldáliga. O bispo de São Félix encontrava-se, ontem, no interior do Mato Grosso em visita pastoral às comunidades de sua prelazia.

Um dos bispos disse, informalmente, que "infelizmente tudo o que regime militar não conseguiu fazer contra d. Pedro, durante 20 anos, a própria Igreja faz agora, com o silêncio, em pleno regime de abertura democrática".

Assessores da Igreja disseram, também, que as causas da punição de d. Pedro Casaldáliga são de duas naturezas: suas viagens à América Central (em apoio ao regime sandi-

nista da Nicarágua e às forças de oposição em El Salvador, Guatemala e Honduras) desagradaram tanto os setores "conservadores" da Igreja, quanto o Departamento de Estado norte-americano que teria feito pressões contra ele junto ao Vaticano.

Paralelamente, a Cúria Romana teria decidido, ao castigar d. Pedro Casaldáliga, dar o exemplo de uma "punição exemplar" aos setores "progressistas" da Igreja Católica, sobretudo na América Latina e no Terceiro Mundo.

Na visita a Roma, há três meses, Casaldáliga ouviu duras advertências dos cardeais Gantin e Ratzinger. "Suas visitas à Nicarágua já são um fato. Deixar a própria diocese e visitar outro país, interferir noutro episcopado, é um fato. Você é utilizado. Você, suas palavras, sua atuação e seus escritos", disse Gantin. Casaldáliga respondeu: "Todos somos utilizados. Vocês também e até o Papa. Devemos ver quem e como nos utilizam."

Este é o comunicado

Esta é a íntegra do comunicado de d. Pedro Casaldáliga

"Ontem, dia 22 de setembro a Rede Globo do Rio de Janeiro e Brasília falou pelo telefone com a sede da Prelazia de São Félix do Araguaia, MT, dizendo ter recebido um fax da Roma em que se comunicava que o Vaticano me teria imposto silêncio total e que este seria o primeiro caso que se dava com um Bispo Católico.

Como esta notícia se tornou pública, eu me sinto no dever de dar a seguinte comunicação:

Há uma semana recebi da Nunciatura de Brasília e um papel timbrado da mesma um documento com o título de "Intimado". O documento viria da Congregação para a Doutrina da Fé e da Congregação para os Bispos; não trouxe assinatura de ninguém mas veio assinado daquela Congregação romana. Retornava-me logo que um dia eu tinha conversado em Roma com os Cardeais Ratzinger e Gantin; também com o Cardeal Namias das Relações da Igreja com o Estado; com o Cardeal Montini, chefe da Pontificia, e com alguns procedimentos da Cúria Romana, minhas visitas à América Central, especialmente a Nicarágua. O documento veio a mim com o teor de que eu estava intimado a não fazer mais nenhuma viagem ao exterior sem a autorização da Congregação para a Doutrina da Fé e da Congregação para os Bispos.

De 22 de 23 de setembro até 24 de setembro estive no exterior. De 25 de setembro até 26 de setembro estive em Brasília. De 27 de setembro até 28 de setembro estive em São Paulo. De 29 de setembro até 30 de setembro estive em São Paulo. De 1 de outubro até 2 de outubro estive em São Paulo. De 3 de outubro até 4 de outubro estive em São Paulo. De 5 de outubro até 6 de outubro estive em São Paulo. De 7 de outubro até 8 de outubro estive em São Paulo. De 9 de outubro até 10 de outubro estive em São Paulo. De 11 de outubro até 12 de outubro estive em São Paulo. De 13 de outubro até 14 de outubro estive em São Paulo. De 15 de outubro até 16 de outubro estive em São Paulo. De 17 de outubro até 18 de outubro estive em São Paulo. De 19 de outubro até 20 de outubro estive em São Paulo. De 21 de outubro até 22 de outubro estive em São Paulo. De 23 de outubro até 24 de outubro estive em São Paulo. De 25 de outubro até 26 de outubro estive em São Paulo. De 27 de outubro até 28 de outubro estive em São Paulo. De 29 de outubro até 30 de outubro estive em São Paulo. De 31 de outubro até 1 de novembro estive em São Paulo. De 2 de novembro até 3 de novembro estive em São Paulo. De 4 de novembro até 5 de novembro estive em São Paulo. De 6 de novembro até 7 de novembro estive em São Paulo. De 8 de novembro até 9 de novembro estive em São Paulo. De 10 de novembro até 11 de novembro estive em São Paulo. De 12 de novembro até 13 de novembro estive em São Paulo. De 14 de novembro até 15 de novembro estive em São Paulo. De 16 de novembro até 17 de novembro estive em São Paulo. De 18 de novembro até 19 de novembro estive em São Paulo. De 20 de novembro até 21 de novembro estive em São Paulo. De 22 de novembro até 23 de novembro estive em São Paulo. De 24 de novembro até 25 de novembro estive em São Paulo. De 26 de novembro até 27 de novembro estive em São Paulo. De 28 de novembro até 29 de novembro estive em São Paulo. De 30 de novembro até 1 de dezembro estive em São Paulo. De 2 de dezembro até 3 de dezembro estive em São Paulo. De 4 de dezembro até 5 de dezembro estive em São Paulo. De 6 de dezembro até 7 de dezembro estive em São Paulo. De 8 de dezembro até 9 de dezembro estive em São Paulo. De 10 de dezembro até 11 de dezembro estive em São Paulo. De 12 de dezembro até 13 de dezembro estive em São Paulo. De 14 de dezembro até 15 de dezembro estive em São Paulo. De 16 de dezembro até 17 de dezembro estive em São Paulo. De 18 de dezembro até 19 de dezembro estive em São Paulo. De 20 de dezembro até 21 de dezembro estive em São Paulo. De 22 de dezembro até 23 de dezembro estive em São Paulo. De 24 de dezembro até 25 de dezembro estive em São Paulo. De 26 de dezembro até 27 de dezembro estive em São Paulo. De 28 de dezembro até 29 de dezembro estive em São Paulo. De 30 de dezembro até 31 de dezembro estive em São Paulo.

Dom Paulo Casaldáliga, Bispo de Goiás, recebeu ontem, dia 22, a Nunciatura pedindo esclarecimentos. O Nunciato Mons. Fiorentino respondeu que o Vaticano estava atento e que ele estava sob pressão.

D. Pedro Casaldáliga
Bispo de São Félix do Araguaia

Bispo irá resistir à intimação do Vaticano pedindo silêncio

DERMI AZEVEDO

Da Reportagem Local

O bispo de São Félix do Araguaia (MT), d. Pedro Casaldáliga, 60, um dos principais representantes da corrente "progressista" da Igreja no Brasil, disse ontem às 21h que a "Intimação" recebida por ele, de Roma, há duas semanas, "visa atingir uma série de causas", que não são suas "mas de toda a Igreja latino-americana, tais como a encarnação progressiva nos povos e culturas do Terceiro Mundo, a superação da dicotomia entre fé e vida e a memória dos mártires de hoje". Em nota divulgada na manhã de ontem, d. Pedro afirma que não vai assinar a "Intimação" enviada pelas Congregações para a Doutrina da Fé e para os Bispos.

D. Pedro disse "estranyar" que a "Intimação" tenha sido enviada sem a assinatura dos cardeais Joseph Ratzinger e Bernardin Gantin e, também, em papel timbrado da Nunciatura Apostólica em Brasília e não do Vaticano. Destacou ser "providencial" que as restrições ao seu trabalho tenham vindo "coincidentalmente" no momento em que com-

pleta 20 anos de atuação, como missionário, no Brasil. "Tudo isto acabará gerando uma maior vivência do pluralismo, da liberdade e da capacidade de nossas igrejas de viverem em meio ao sofrimento, com espírito bastante pascal", destacou.

Na "Intimação", o bispo é "solicitado" a assinar uma confissão de culpa sobre o seu apoio à Teologia da Libertação, suas críticas à Cúria Romana, práticas litúrgicas e catequéticas utilizadas em São Félix e sobre suas viagens à América Central, sobretudo à Nicarágua.

Ao mesmo tempo, Casaldáliga já está preparando um processo, com base no Código de Direito Canônico, em que pedirá esclarecimentos aos prefeitos das Congregações vaticanas para a Doutrina da Fé, d. Joseph Ratzinger, e para os Bispos, d. Bernardin Gantin, sobre as restrições a seu respeito.

É a primeira vez, na história da Igreja Católica contemporânea, que a tentativa de silenciar um bispo é feita sem a formalização de um processo e que o bispo — no caso, d. Casaldáliga — decide resistir à "intimação", por considerá-la falha do

ponto de vista formal e sem fundamentação teológica e pastoral.

Assessorado por outros bispos e teólogos, Casaldáliga prepara também um estudo de caráter "eclesiológico" (com base na doutrina católica sobre a própria Igreja), a ser encaminhado ao Vaticano, contestando as medidas restritivas de setores "conservadores" da Cúria Romana contra as liberdades de opinião, manifestação e de ir e vir.

Em uma curta nota divulgada ontem, às 8h30, em Goiás Velho (GO), onde visita o bispo local, d. Tomás Balduino, o bispo de São Félix afirma que o documento "pedia" a sua assinatura "com a qual eu assumiria certas proibições ou restrições" em torno da Teologia da Libertação, liturgia, catequese (ensino da doutrina cristã), Cúria Romana e visitas à América Central. "Não assinei o documento", diz Casaldáliga. Afirma depois que d. Tomás Balduino pediu esclarecimentos anteontem à Nunciatura em Brasília. O Nuncio substituto, monsenhor Florentino, respondeu-lhe que d. Carlo Furno (o embaixador do papa) estava ausente e que ele mesmo "estava sob segredo".

Poucos conhecem teor no Vaticano

ROMA — Fontes do Vaticano admitiram, ontem, a existência de uma carta destinada a D. Pedro Casaldáliga, através da Nunciatura Apostólica, contendo o *monitum*, ou seja, uma advertência canônica. A carta dizia, segundo essas fontes, que D. Pedro deveria moderar seu comportamento crítico à Santa Sé. Os únicos expoentes da Santa Sé com conhecimento do texto seriam o prefeito e o secretário para a Congregação dos Bispos, cardeal Bernardin Gantin e monsenhor Giovanni Ré. Essas mesmas fontes dizem ignorar os termos formais do documento. Acrescentam, porém, que o bispo brasileiro é incômodo ao Vaticano, mas não a ponto de levar a Congregação e o cardeal Ratzinger a aplicar um procedimento em caráter disciplinar vetando a expressão de idéias e pensamentos do bispo.

O procedimento com conotação proibitiva, explicam, só poderia ser adotado em relação a professores e teólogos, como já ocorreu com o brasileiro Leonardo Boff.

A notícia do documento endereçado a D. Casaldáliga suscitou muita curiosidade nos ambientes vaticanos e colheu de surpresa D. Agnelo Rossi, responsável pelo patrimônio da Santa Sé. O secretário da Congregação para os Bispos, Giovanni Ré, disse que as congregações emitem documentos após os encontros *ad limina*, reuniões quinquenais que os bispos de todo o mundo mantêm com diversos expoentes do Vaticano e o papa. Trata-se de documento destinado a aprofundar o exame dos temas tratados em colóquio, mas em caráter puramente analítico, com propostas e sugestões.

A ordem dos claretianos em Roma, à qual pertence D. Pedro Casaldáliga, nega categoricamente a existência de uma advertência ao bispo de São Félix do Araguaia. Os principais expoentes daquela entidade afirmam ter falado com D. Pedro, em telefonema internacional feito ao Brasil ontem. Os setores progressistas do Vaticano interpretam de modo bem diverso esse episódio e a série de contradições nele contida. D. Casaldáliga, admittem, é incômodo ao Vaticano, mas na prática a Santa Sé não pode proibi-lo de circular e de exprimir livremente suas opiniões e idéias.

Pode-se, então, supor a existência de um aviso, uma advertência, como as que foram feitas ao bispo francês Marcel Lefebvre, protagonista do mais recente cisma com o Vaticano. A Santa Sé poderia, enfim, estar desenvolvendo uma tática de manipulação de opiniões, através de comunicados às igrejas locais e nunciaturas. Segundo essa versão, D. Pedro poderia ser o *bode expiatório* em uma ofensiva da Igreja contra as correntes progressistas anteriormente perdidas.

Casaldáliga diz que não acatará proibições da Igreja

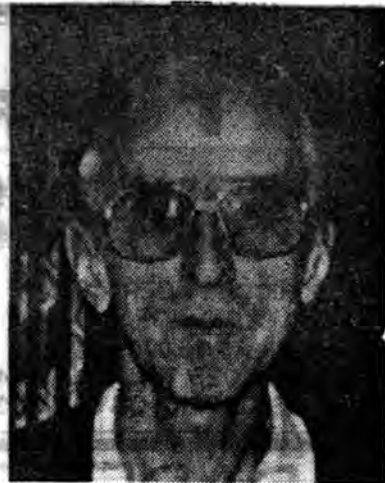
BRASÍLIA — O bispo de São Félix do Araguaia, dom Pedro Casaldáliga, vai continuar falando em público, viajando e publicando seus artigos e livros, por entender que, oficialmente, até agora não está obrigado ao silêncio pelo papa João Paulo II por ter apoiado a teologia da libertação. Isso porque o documento, intitulado Intimação, que recebeu pelo Correio da Nunciatura Apostólica de Brasília, no último dia 16, supostamente enviada pela Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé e pela Sagrada Congregação dos Bispos do Vaticano, não tinha nenhuma assinatura ou selo das congregações romanas.

A intimação veio pelo Correio, enviada pelo serviço de correspondência expressa, o Sedex, selada pela Nunciatura Apostólica. No interior do envelope havia uma carta do Nuncio D. Carlo Furno, repassando a ele um documento das Congregações para a Doutrina da Fé e para os bispos. O texto exigia que o bispo se abstivesse de viajar para a América Central, cumprisse a visita *ad limina*, realizada pelos bispos ao papa a cada cinco anos, não se pronunciasse sobre Teologia da Libertação, só promovesse atos litúrgicos de cunho religioso e não publicasse folhetos contrários à doutrina da Igreja. O envio desse documento foi precedido de um telefonema do Nuncio para D. Casaldáliga, para avisar que o envelope seguiria pelo Correio.

"A Nunciatura me deve explicações", disse dom Pedro, que não assinou o documento e estava ontem em Goiás Velho, em Goiás. Segundo ele, o texto do documento retomava temas que havia discutido com o Papa João Paulo II, em Roma há três meses, como a teologia da libertação, suas visitas à Nicarágua e alguns folhetos catequéticos considerados de fundo socialista. O nuncio apostólico, dom Carlo Furno, não quis se manifestar.

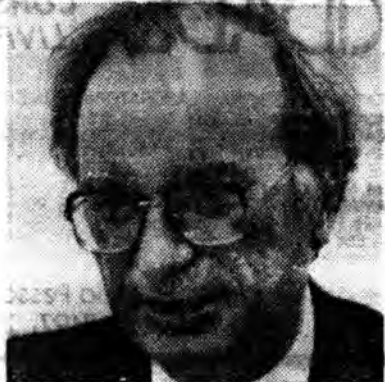
"Não sei nada sobre o assunto", garantiu o monsenhor Florentin Gomes, assessor do nuncio, apesar de ter sido apontado por dom Pedro como intermediário entre sua Prelazia e a Nunciatura Apostólica em pelo menos um telefonema. A CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), entidade máxima da Igreja Católica no País, através de seu secretário-geral, dom Antônio Celso Quiróz, disse que "não sabe de nada" sobre o assunto. Durante todo o dia, assessores da CNBB telefonaram para a Diocese de Goiás Velho, em Goiás, pedindo informações a dom Pedro.

O bispo de Goiás, dom Tomás Balduino, ligou diversas vezes para o nuncio em Brasília, mas não conseguiu localizar dom Carlo Furno, que voltou à cidade às 18 horas vindo de uma viagem ao Rio de Janeiro. "Não houve qualquer punição a dom Pedro, que deverá estudar a intimação", garantiu dom Tomás. Assim, ontem, dom Pedro participou normalmente das celebrações pelos 20 anos da Diocese



Casaldáliga: não vale

Zeca Feltosa — 6-4-88

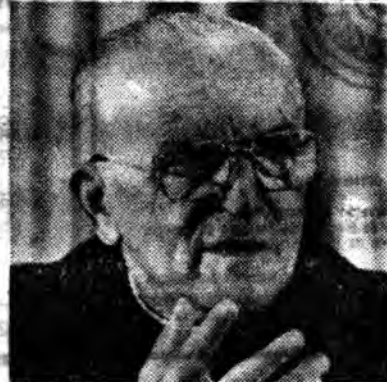


D. Luciano: sem informações



Furno: sem explicações

Dilmar Cavalher — 13-2-87



D. Eugenio: houve justiça

de Goiás Velho. "Há um interesse do Vaticano no silêncio de Pedro", afirmou dom Tomás, que disse estar havendo "uma acirrada divisão ideológica" dentro da Igreja Católica. Ele explicou que a postura do Vaticano é conservadora, que "está incomodado com o processo de renovação da Igreja" através da teologia da libertação. Dom Tomás acha que "a maioria da Igreja Católica hoje está aliada ao poder".

O presidente da CNBB, Dom Luciano Mendes, passou o dia de ontem, em Mariana, Minas Gerais, tentando confirmar a punição que teria sido imposta pelo Vaticano a Dom Pedro Casaldáliga. Como até às 19h ele não havia conseguido uma informação oficial, preferiu não dar entrevista, como explicou o presidente do Regional Leste II da CNBB, Dom Arnaldo Ribeiro, que passou o dia com o arcebispo de Mariana.

Segundo Dom Arnaldo, o presidente da CNBB tentou contato, por telefone, com a Nunciatura Apostólica e com outros órgãos eclesiais, mas ninguém confirma, oficialmente, a punição. Dom Arnaldo explicou que Dom Luciano não queria dar entrevistas sem falar antes com Dom Pedro Casaldáliga.

As restrições impostas pelo Vaticano ao bispo de São Félix do Araguaia, D.

Pedro Casaldáliga, não surpreenderam o cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro, D. Eugênio Sales. Ele soube da notícia pela manhã no Rio, e obteve a confirmação com o nuncio apostólico do Brasil, D. Carlo Furno, e declarou que "a Santa Sé agiu com muita caridade e absoluta justiça".

Norma apócrifa não é comum

Dois especialistas em direito canônico estranharam o envio de um documento sem assinatura e sem timbre. "A Santa Sé nunca manda documentos sem assinaturas, em hipótese alguma", disse, em Belo Horizonte, o padre Antônio Sérgio Palombo de Magalhães, ex-diretor do Instituto Central de Filosofia e Teologia da PUC (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais). "Essa não é a atitude da Igreja que é muito clara nisso, a punição simplesmente não existe." Também, segundo o padre Emílio de Castro, do Rio, o documento sem assinatura não tem validade jurídica. "Todo documento sem firma é anônimo e, portanto, não tem valor", afirmou ele. "No foro externo, d. Pedro não pode ser obrigado a cumprir um documento que não está assinado."

É incomum texto sem a assinatura de remetente

Da Reportagem Local

O envio de um documento a um bispo, através da Nunciatura Apostólica, sem a assinatura dos remetentes — como é o caso, segundo d. Pedro Casaldáliga, da "intimação" que recebeu do Vaticano — significa um precedente incomum na tradicional diplomacia vaticana.

Esse eventual "esquecimento" dos cardeais Joseph Ratzinger e Berardin Gantin pode dar margem a uma investigação em profundidade sobre os mecanismos de poder e as mediações burocráticas da Cúria Romana. Uma das hipóteses discutidas ontem, nos meios eclesiais, era a de que a "intimação" teria sido produzida nos escalões intermediários curiais, à revelia do próprio papa.

O que é certo é que o documento para Casaldáliga veio de Roma e foi encaminhado pela Nunciatura em Brasília. O núncio, d. Carlo Furno, não foi localizado ontem, na embaixada do Vaticano. Ele não costuma dar entrevistas sobre assuntos eclesiais ou políticos e seus assessores sempre alegam "segredo de ofício" para também ficarem calados.

Diante da repercussão internacional provocada pela notícia das restrições vaticanas a Casaldáliga, o Vaticano e a própria Nunciatura já estão sendo pressionados para explicarem como tramitam os documentos da Igreja, principalmente os que se referem a restrições ou punições por motivos teológicos, disciplinares ou doutrinários. (Dermi Azevedo)

Ratzinger é o segundo homem na hierarquia

Da Reportagem Local

O cardeal alemão Joseph Ratzinger — um dos supostos signatários da "Intimação" contra d. Pedro Casaldáliga (embora com seu nome, o documento enviado ao bispo veio sem assinatura) — é o segundo homem mais poderoso na direção da Igreja Católica, depois do papa. Em sua mesa, na Congregação para a Doutrina da Fé, estão depositados muitos processos contra teólogos e bispos, além de consultas sobre a interpretação da doutrina católica.

Na Colômbia, há cerca de um mês, Ratzinger disse aos bispos locais que "é preciso secar o ambiente eclesial" para os "progressistas". Agora, uma de suas tarefas prioritárias é retomar o diálogo com os tradicionalistas ligados a d. Marcel Lefebvre.

Sentenças do papa não podem ser discutidas

Da Reportagem Local

Na estrutura hierárquica da Igreja Católica, o papa tem o poder "supremo, pleno, imediato e universal" e contra as suas sentenças e decretos "não há apelação". Definido como "o juiz supremo para todo o mundo católico", o papa não pode ser processado, nem julgado por ninguém. É o que diz o Código de Direito Canônico, a lei máxima da Igreja, acrescentando, no cânon (artigo) 1.311, que a Igreja "tem o direito originário e próprio de infligir sanções penais aos fiéis delinquentes".

As penalidades eclesiais — ao contrário do que ocorre no Direito comum — podem ser aplicadas através de "decretos extra-judiciais", em casos extremos, quando as repreensões e advertências não so-

rem suficientes para "corrigir o réu".

Antes de tomarem posse, os bispos são obrigados a fazer uma profissão de fé e um juramento de fidelidade ao papa. As penas, na Igreja, podem cessar pelo seu cumprimento, pela mudança da lei e pelo perdão.

Contra as decisões de escalões administrativos da Igreja, depois do papa, cabem recursos aos Tribunais da Sé Apostólica.

O tribunal ordinário para receber apelações, no Vaticano, é a "Rota Romana".

Nos tribunais eclesiais, ao contrário dos civis, não existe a publicidade dos processos. No caso de Casaldáliga, o procedimento jurídico a ser provavelmente adotado será um "pedido de esclarecimentos" sobre a "intimação" que recebeu.

Gantin é um dos bispos ligados a João Paulo 2º

Da Reportagem Local

O arcebispo e cardeal africano (do Benin), d. Bernardin Gantin, prefeito da Sagrada Congregação para os Bispos, do Vaticano, é um dos funcionários de maior confiança de João Paulo 2º. Por isso Gantin veio ao Brasil, há dois anos, selar o pacto de bom entendimento entre a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e o Vaticano, depois do desgaste provocado pelo silêncio imposto ao teólogo Leonardo Boff.

De lá para cá, contudo, tem havido um retrocesso no relacionamento entre Gantin e os setores "progressistas" do episcopado brasileiro. O tratamento formal e inquisidor dado por ele durante a visita que Casaldáliga fez ao Vaticano, em junho último, foi um indício nesse sentido. O mesmo ocorre com a "intimação".

Casaldáliga participa de ato contra sua punição

BRASÍLIA — Dom Pedro Casaldáliga, Bispo de São Félix do Araguaia (GO), desafiará hoje, com a celebração de uma missa em praça aberta, na cidade de Goiás Velho, a proibição de falar em temas polêmicos que lhe foi imposta pelo Vaticano. A missa, que encerra as comemorações dos 20 anos da Diocese de Dom Tomás Balduino, Bispo de Goiás Velho, deverá se transformar numa grande manifestação política de apoio a Dom Pedro.

Integrantes da Comissão Pastoral da Terra (CPT), do Movimento dos Sem-Terra e das Comunidades Eclesiais de Base da Diocese de Goiás Velho vão desfilar com faixas de protesto contra a decisão da Congregação para a Doutrina da Fé (Ex-Santo Ofício) e da Congregação para os Bispos que teria proibido Dom Pedro Casaldáliga de falar em público, escrever artigos e livros sobre a Teo-

logia da Libertação e viajar à América Central.

— Nós não vamos aceitar estas punições. Não acreditamos que a reunificação da Igreja possa ser feita de forma arbitrária. Não se pode retirar da vivência do evangelho o seu compromisso social e político — alertou o padre Ivo Berlotto, um dos integrantes da CPT.

Apesar do caráter de desafio à autoridade do Vaticano que tem a manifestação de hoje, Dom Pedro Casaldáliga e seus seguidores são cautelosos ao responder se a sua atitude pode provocar um novo cisma na Igreja.

— O cisma não vem da América Latina. Ele está acontecendo em Ene, na Suíça — disse Dom Tomás Balduino, referindo-se ao Arcebispo francês Marcel Lefebvre.

Nota do Vaticano explica repreensão

MÔNICA FALCONE
Correspondente

ROMA — O Vaticano desmentiu ontem ter imposto silêncio a Dom Pedro Casaldáliga. De acordo com a nota oficial, foi recomendado ao Bispo "manter-se em sintonia com o magistério da Igreja" e, principalmente, não viajar à Nicarágua sem convite dos Bispos nicaraguenses. Casaldáliga planejava para breve uma terceira viagem àquele País.

Segundo a Santa Sé, a carta enviada ao Bispo não representa uma punição, mas uma "recomendação de moderação" em alguns temas.

Bispo revelou trechos de seu diálogo com Ratzinger

Foto de Luiz Antônio

SÃO PAULO — Após voltar do Vaticano, em junho, quando cumpriu a visita ad limina ao Papa e encontrou-se com autoridades da Santa Sé, o Bispo de São Félix do Araguaia, Dom Pedro Casaldáliga, enviou a amigos uma carta de seis páginas com o resumo de seus encontros com os Cardeais.

A seguir, um trecho da versão de Casaldáliga do diálogo com o Cardeal Josef Ratzinger, Presidente da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé:

RATZINGER — O senhor aceita os documentos da Santa Sé sobre a Teologia da Libertação?

CASALDÁLIGA — Aceito, junto com a carta que o Papa enviou aos Bispos do Brasil, na qual afirma que a Teologia da Libertação "não somente é oportuna, mas também útil e necessária".

RATZINGER — O senhor escreveu que a opção pelos pobres deve ser entendida "classicamente"...

CASALDÁLIGA — Queremos evitar que se pense nos pobres como espontaneamente pobres, fora de uma estrutura que os explora e marginaliza. O próprio Papa disse, precisamente na América Latina,



Dom Pedro Casaldáliga

que "os ricos são cada vez mais ricos a custa dos pobres... cada vez mais pobres".

RATZINGER — Os senhores celebram a Eucaristia como um rito social...

CASALDÁLIGA — Tradicionalmente, a Igreja nos faz repetir no ofertório: "fruto da terra e do trabalho do homem". Algo há de social nessa "terra" e nesse "trabalho".

RATZINGER — Os senhores facilmente chamam de mártires a Monsenhor Romero, a Camilo Torres... É bom recordar certas pes-

que "os ricos são cada vez mais ricos a custa dos pobres... cada vez mais pobres".

RATZINGER — Os senhores falam de pecado social. E o pecado pessoal?

CASALDÁLIGA — Recordo sempre simultaneamente as duas vertentes do pecado. O Novo Testamento denuncia "o pecado do Mundo". São as pessoas as que pecam, evidentemente, mas dentro de estruturas que elas fazem pecamino-

sas que se dedicaram ao povo, mas chamá-las de mártires...

CASALDÁLIGA — Nós sabemos distinguir os mártires "canônicos", oficialmente reconhecidos pela Igreja, desses muitos outros mártires que chamamos "mártires do Reino", que deram sua vida pela justiça e pelo evangelho. Escrevi um poema a "São Romero da América" e assim o considero: santo, mártir, nosso.

Casaldáliga diz que poderia até processar o Vaticano

DERMI AZEVEDO

Enviado especial a Goiás (GO)

O bispo de São Félix do Araguaia (MT), d. Pedro Casaldáliga, 60, disse ontem que os desmentidos feitos pelo Vaticano sobre as punições que recebeu "são muito genéricas". Casaldáliga afirmou que, "se fosse preciso partir para um tipo mais normal de Justiça, as declarações do porta-voz do Vaticano mereceriam até um processo".

Casaldáliga disse que já se sente "caluniado e punido" pelas declarações do vice-chefe da assessoria de imprensa do Vaticano, monsenhor Giovanni D'Ercole, de que ele "deve ser fiel as orientações do magistério e não interferir nas questões internas de outras Igrejas". Para o bispo de São Félix "é bom lembrar que é preciso antes de tudo ser fiel ao evangelho e a própria consciência". Destacou que "é preciso esperar o julgamento de Deus e defender a liberdade e o pluralismo na Igreja".

D. Pedro recusou-se há duas semanas a assinar uma "intimação" das Congressões vaticanas para a Doutrina da Fé e para os Bispos, que recebeu através do Nuncio Apostólico (embaixador do papa), em Brasília, d. Carlo Furno. No documento — em papel timbrado da nunciatura, mas sem a assinatura dos cardeais José Ratzinger e Bernardin Gantin e também sem data — d. Pedro é "solicitado" a "não fazer celebrações políticas", "não visitar Igrejas de outros países sem a licença dos bispos locais" e outras restrições.

O bispo disse também, durante entrevista exclusiva à Folha, na manhã de ontem, que "impor o silêncio a alguém é uma tortura, uma castração e um escândalo, principalmente na Igreja". "Como a Igreja, impondo o silêncio, pode exigir a liberdade de expressão e dialogar com as culturas?"

O documento (do qual d. Pedro possui duas cópias, acompanhadas por cartas do Nuncio) contém ainda uma série de "considerandos" sobre a Teologia da Libertação, folhetos litúrgicos sobre a missa e o batismo, críticas do bispo à Cúria Romana e sobre suas viagens à América Central, principalmente à Nicarágua. Depois de cada "considerando", há uma frase em letras maiúsculas com "os compromissos" que limitam a sua liberdade de expressão,

de circulação e de trabalho.

D. Pedro afirmou, depois, que "há setores do Vaticano que estão cercando os espaços e a caminhada da Igreja, comprometida com os pobres, sobretudo na América Latina". Destacou ser "evidente" que esses setores querem atingir o seu "apoio explícito aos teólogos da libertação" e a sua "recusa ao secretismo e às diplomacias, que não são muito evangélicas".

Em sua opinião, as coerções internas na Igreja "são incompatíveis com o evangelho. Para Casaldáliga, "resistir ao silêncio na Igreja é um serviço evangélico".

Quanto às suas viagens à América Central, sobretudo à Nicarágua, disse que "de acordo com a doutrina da Igreja, cada bispo deve ter o cuidado pastoral com as comunidades cristãs em todo o mundo", e que suas viagens são feitas "a serviço da justiça e da paz".

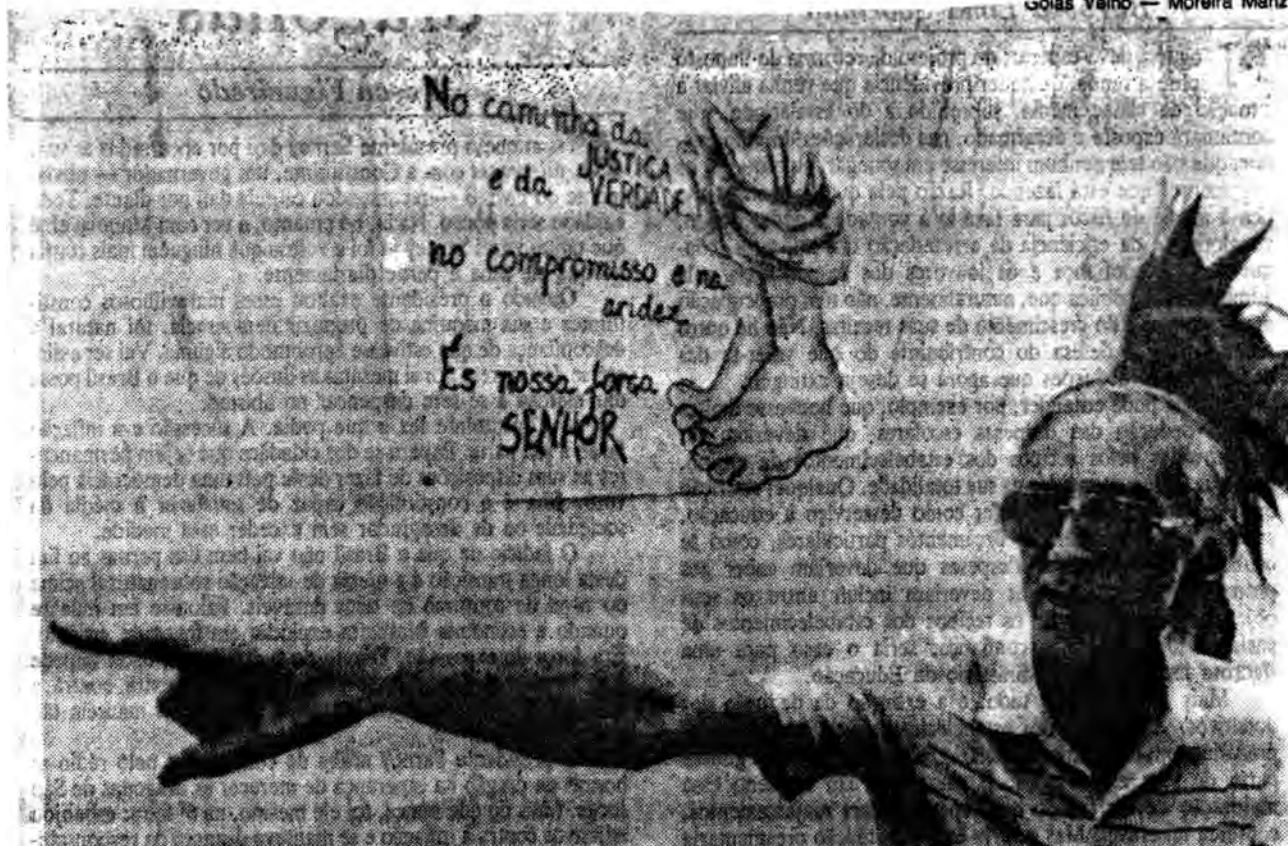
Para Casaldáliga, a Igreja no Brasil e na América Latina "está vivendo uma nova fase de romanização centralizadora que culminará de modo solene com a celebração da conferência episcopal latino-americana, em Santo Domingo (República Dominicana) em 1992".

Essa "romanização" teria segundo o bispo, "características mais modernas, inclusive tecnicamente, com muitos recursos financeiros". Citou como exemplo dessa tendência o projeto "Lumen 2000" que pretende promover uma cruzada de evangelização no mundo entre 1990 e 2000, com um orçamento previsto de US\$ 400 milhões.

Perguntado o que faria se o Vaticano consumasse a sua punição, d. Pedro afirmou que pensaria simultaneamente em três coisas: consultaria primeiro a sua consciência; consideraria em seguida o evangelho e a doutrina da Igreja; e por último veria a tática e as estratégias a adotar diante do fato consumado.

Para Casaldáliga, o Vaticano "deveria, em vez de punir, agradecer aos bispos que atuam como porta-vozes das críticas das aspirações e até mesmo dos escândalos que acontecem dentro da Igreja". Acrescentou que as críticas que fez "com carinho e respeito" ao papa João Paulo 2º "expressam aquilo que milhões de católicos estão dizendo no mundo inteiro e portanto não têm nada de originalidade".

Goias Velho — Moreira Mariz



Para D. Casaldáliga, o papa pode errar, pois não viveu no meio dos índios e posseiros

Bispo diz que papa desconhece a realidade e não é infalível

GOIÁS VELHO (GO) — O bispo de São Félix do Araguaia (MT), D. Pedro Casaldáliga, disse que o Papa João Paulo II desconhece a realidade do Terceiro Mundo, nunca viveu no meio dos índios, dos sem-terra e dos exploradores, e está sujeito a uma série de falhas. "Se considerarmos o Papa infalível, estaremos dando mais valor a ele do que ao Evangelho", disse o bispo, dois dias depois que as punições de silêncio impostas a ele pelo Vaticano foram tornadas públicas.

D. Casaldáliga disse que o papa João Paulo II defendeu durante a realização do Concílio Vaticano II, nos anos 60, a tese de que a Igreja é uma sociedade perfeita, mas foi derrotado pelos que pregaram maior ligação dos ritos religiosos com os interesses da comunidade. "Se a tese de João Paulo II tivesse sido aprovada, prevaleceria a idéia de uma

Igreja auto-suficiente, com partidos próprios, com meios de comunicação próprios. Seria uma Igreja paralela ao mundo", afirmou D. Pedro.

Para o bispo de São Félix, a punição imposta a ele pelo Vaticano é ilegal, pois não é oficial. Disse que se receber um comunicado devidamente assinado, com selos das Congregações para a Doutrina da Fé e para os Bispos (as duas que se responsabilizam pela "intimação"), verá o que fazer. "Para mim seria muito cómodo calar a boca, não ir mais a Nicarágua, pois toda vez que saio corro risco de vida". Disse que se a proibição oficializada, consultará o Tesouro Evangelico. "Em termos estratégicos, é melhor ficar calado ou não? É melhor ir a Nicarágua ou não?"

Enquanto não recebe a comunicação oficial, Casaldáliga mantém suas progra-

mação de ir a Nicarágua em fevereiro do ano que vem. O bispo disse que instintivamente se considera mais do lado do índio, do negro, do pobre e do oprimido. "Mas não posso agir pelo lado instintivo, nessas horas é preciso muita tática. Eu sou bispo, represento uma causa, sou ligado aos massacrados. Desde que assumi a Prelazia de São Félix, venho sofrendo pressões. Então, tenho de pensar bastante. Mas esse documento atual, que não tem assinatura, não merece respeito".

D. Pedro atribui a reação do Vaticano a uma estratégia "relacionada mundial", com orientação, principalmente, dos Estados Unidos. "Um documento do Pentágono diz que os maiores inimigos dos EUA são as Comunidades Eclesiais de Base e a Teologia da Libertação. Não sou bispo de Miami, sou mesmo inimigo dos poderosos", afirmou.

Vaticano nega ter punido Casaldáliga com silêncio

CIDADE DO VATICANO — Um comunicado oficial de poucas linhas e sem assinatura, lido ontem pelo porta-voz da Santa Sé, padre Giovanni D'Ercoli, nega as informações segundo as quais D. Pedro Casaldáliga teria sido forçado pelo Vaticano a permanecer em silêncio, evitando viagens ou publicação de suas ideias em livros e artigos.

Segundo o porta-voz D'Ercoli, D. Pedro teria sido apenas "alertado" por autoridades do Vaticano — quando de sua visita ao papa em junho último — para que se mantivesse plenamente fiel aos ensinamentos do magisterio da Igreja e não interferisse em outras igrejas particulares, evitando suas freqüentes viagens a outros países sem a autorização dos bispos do lugar. Em junho, D. Pedro Casaldáliga teria conversado longamente com o cardeal Joseph Ratzinger (prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé) e com o cardeal Bernardini Gantun (prefeito da Congregação para os Bispos). Segundo o documento lido pelo porta-voz, o bispo deu explicações sobre suas visitas a Nicarágua e sua simpatia pela Teologia da Libertação.

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) divulgou, no fim da tarde de ontem, nota em que também nega a punição a Casaldáliga. Mas ressaltou que o bispo deve entrar em contato com as "congregações românicas para os esclarecimentos e diligências requeridas". A nota não faz nenhuma referência ao documento que D. Pedro recebeu.

Casaldáliga surpreende Roma

ROCCO MORABITO
Correspondente

ROMA — A polêmica em torno do caso Casaldáliga está aberta em Roma. A capital do cristianismo foi surpreendida pelas manifestações do bispo de São Félix do Araguaia que teria feito alusão ao seu encontro com João Paulo II, a 21 de junho, oportunidade em que o papa lhe falou de coração aberto.

A Cúria romana também está preocupada com a hipótese de um gesto de solidariedade dos bispos brasileiros a dom Pedro Casaldáliga. A posição oficial, manifestada pela Sala de Imprensa do Vaticano, é que não houve punição nem imposição de silêncio, e que apenas foram lembrados a dom Pedro seus deveres de bispo.

Membros da Cúria reproavam no bispo de São Félix a atitude que qualificam de "acender a polêmica", considerando que dom Pedro é "notoriamente privilegiado pelo papa". Há quem reconheça o seu zelo missionário, e sua inspiração poética, mas lhe reprova a reação exacerbada aos apelos de Roma.

Dos amigos — não são tantos — que dom Pedro tem em Roma, partem conselhos para não tomar atitudes irrefletidas que inevitavelmente iriam favorecer os inimigos da Igreja. O superior da congregação dos claretianos, a qual pertence

dom Pedro, recomendou-lhe que, para resguardar sua autonomia de bispo, tenha muita, muita prudência. Casaldáliga se comunicou por telefone com seu superior e lhe disse ter recebido muita solidariedade no Brasil.

COLOQUIO

No momento em que dom Pedro parece entrar em rota de colisão com o papa, é esclarecedor lembrar o coloquio que ambos tiveram no dia 21 de junho, por ocasião da visita ad limina do bispo de São Félix. O diálogo foi referido em uma publicação espanhola, segundo a versão de dom Pedro.

Entre outras coisas, Casaldáliga ponderou ao papa que as realidades diferentes obrigam a adoção de posições talvez não compreendidas pelo conjunto da Igreja. O papa concordou e repetiu várias vezes que "a Igreja deve assumir a problemática social". Dom Pedro congratulou-se com João Paulo II por sua encíclica *Sollicitudo Rei Socialis* à qual denominou Carta do Terceiro Mundo.

O papa perguntou pela situação do povo em São Félix, os índios, posseiros, peões e colonos, e da equipe pastoral. Dom Pedro convidou o papa a voltar ao Brasil e até lhe sugeriu um roteiro incluindo o santuário da Trindade e outras regiões do Interior do País.



Casaldáliga: recomendação de prudência dos claretianos

Foto: Nê/AF

Vaticano quer saber como vazou carta a Casaldáliga

MÔNICA FALCONE
Correspondente

ROMA — O autor da carta enviada pelo Vaticano a Dom Pedro Casaldáliga, noticiada pela imprensa como uma punição, declarou-se surpreso com a divulgação de seu conteúdo. Segundo Dom Giovanni Battista Re, Secretário para a Congregação dos Bispos, o teor deste tipo de correspondência tem de ser mantido em sigilo por todos os intermediários que dele tomarem ciência, sob pena de excomunhão. Os comunicados deste gênero transitam por mala diplomática e são encaminhados às Nunciaturas — as Embaixadas do Vaticano — que as entregam ao destinatário.

Dom Giovanni disse que apenas ele e o Prefeito da Congregação, Cardeal Bernardin Gantin, sabiam do conteúdo da carta e que, assim, a notícia só pode ter sido vazada e deturpada no Brasil. Ele garante que a carta resumia-se a uma recomendação de moderação a Dom Pedro.

Segundo um prelado espanhol que atua na Congregação, o Vaticano está preocupado com a ameaça à vida de Dom Pedro representada pela versão de que o Bispo não contaria com a aprovação irrestrita da Santa Sé. Quando esteve em Roma, Casaldáliga contou ao Papa e aos Cardeais

Gantin e Joseph Ratzinger ter recebido ameaças de morte. O Bispo chegou a gravar testemunhos de sua estadia na Itália, além do conteúdo de diversos documentos, para serem divulgados no caso de sua morte.

Garantindo que não houve punição ao religioso, Dom Giovanni esclareceu que foi recomendado a Dom Pedro Casaldáliga que não viajasse à Nicarágua, além de moderação quanto à Teologia da Libertação, às críticas ao Vaticano e ao uso de certos textos para catequese. Dom Giovanni explicou que a medida não se compara à imposição de silêncio feita ao teólogo Frei Leonardo Boff, pois não se poderia aplicá-la a um Bispo, a autoridade máxima de uma prelazia.

● CNBB — A advertência a Dom Pedro Casaldáliga será discutida hoje, em Brasília, pelos 11 bispos que compõem a Comissão Episcopal de Pastoral (CEP), da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). O órgão é o responsável pela orientação geral das pastorais da CNBB — entre elas, as do índio e da terra, nas quais Casaldáliga tem maior atuação.

A CEP analisará documento preparado por bispos e padres ligados ao religioso, no qual afirmam ter causas comuns. Também deverá ser discutido o constrangimento entre a Nunciatura Apostólica e a CNBB, criado com as notícias sobre a advertência. Ontem, Casaldáliga viajou para a reserva indígena dos Timbira, em Mato Grosso.

Dom Paulo já aceita divisão da Arquidiocese

BRASÍLIA — Já considerando irreversível a decisão do Vaticano de dividir a Arquidiocese de São Paulo, o Cardeal Dom Paulo Evaristo Arns entregou ontem ao Nuncio Apostólico, Dom Carlo Furno, as informações geográficas e pastorais sobre as quatro regiões episcopais que serão transformadas em dioceses — São Miguel Paulista, Santo Amaro, Osasco e Itapeverica da Serra —, que representam 75 por cento da área atual da Arquidiocese.

— Não trouxe proposta alguma, apenas o material que me foi solicitado — disse Dom Paulo.

Ele veio a Brasília apenas para esta missão, retornando a São Paulo logo depois do encontro. O Cardeal disse que Dom Carlo Furno não deu qualquer informação sobre quando o Papa assinará o decreto criando as novas dioceses, nem sobre a transformação em Bispos diocesanos dos atuais Bispos auxiliares.

A divisão da Arquidiocese deixará sob jurisdição de Dom Paulo apenas as regiões episcopais da Sé, Lapa, Ipiranga, Santana e Belém, ficando com 241 das 395 paróquias, 820 dos 1.137 padres seculares e religiosos e 285 dos 875 centros comunitários.

Bispo diz que não acatará

Do enviado especial

O bispo de S. Félix do Araguaia (MT), d. Pedro Casaldáliga, já decidiu que continuará visitando a América Central, principalmente a Nicarágua e El Salvador, mesmo se for formalmente proibido pelas Congregações Vaticanas para a Doutrina da Fé e para os Bispos. A decisão do bispo se baseia no Código de Direito Canônico — que garante aos bispos católicos o cuidado pastoral sobre a Igreja em todo o mundo e não apenas em suas dioceses — e nos seus direitos individuais, como cidadão. D. Pedro Casaldáliga está convencido de que seu apoio à Nicarágua é o motivo central da "intimação" que recebeu há três semanas do Vaticano, através da Nunciatura Apostólica em Brasília.

Pouco antes da chegada desse documento, o cardeal arcebispo de Manágua (Nicarágua), d. Miguel Obando y Bravo — um dos principais inimigos ideológicos de Casaldáliga — voltou do Vaticano e passou por

Miami, na Flórida (EUA), onde esteve reunido com representantes da oposição nicaraguense. Pertence a d. Obando y Bravo a tese — já assimilada ao discurso oficial do Vaticano sobre Casaldáliga — de que as visitas de d. Pedro à América Central representaria "uma interferência nos assuntos internos de outras Igrejas".

Caso seja proibido de voltar à Manágua, Casaldáliga continuará fazendo suas viagens anuais à América Central "na condição de peregrino", como disse à Folha, anteontem. Nessa condição, ele irá evitar fazer pregações em igrejas ou instituições diretamente ligadas aos bispos locais, mas visitará comunidades de base e participará de retiros com padres, religiosos e leigos.

Casaldáliga faz jejum todas as sextas-feiras pela paz na América Central. Foi um dos redatores do "Kairós Centro-Americano", um texto recente, feito por diversos teólogos, sobre o Cristianismo na América Central.

Livro será lançado em 89

Do enviado especial

"O voo do quetzal. Espiritualidade em Centroamérica", com 200 páginas, é o mais novo livro de d. Pedro Casaldáliga, em espanhol que está no prelo na editora "Maiz Nuestro", da Cidade do Panamá, para ser lançado no início do próximo ano. O quetzal é um pássaro das serras centro-americanas, de penas multicoloridas, que simboliza a liberdade e nunca se deixa aprisionar. Um outro livro de d. Pedro, "Na procura do Reino", da Editora FTD (pertencente aos Irmãos Maristas), será lançado em São Paulo, no próximo dia 29, com a presença do autor.

Com prefácio de José Maria Vigil, "El vuelo del Quetzal" reúne entrevistas, conferências e homilias de Casaldáliga. No primeiro capítulo — "Pelas veredas de Deus na América Central" — o bispo diz que o arcebispo salvadoreño d. Oscar Romero, assassinado em 1980, "já está canonizado pelo povo".

D. Pedro afirma também, que seus colegas nicaraguenses "sofrem de episcopalite aguda" e que "a Igreja é maior e melhor que os bispos". Para ele, os bispos "deveriam renunciar aos 65 anos, porque não é fácil, depois dessa idade, estar a par de tudo". Diz depois, que o cardeal-arcebispo paulistano, d. Evaristo Arns, "queria renunciar agora, mas não o deixam fazer isto", qualificando-o de "o bispo mais significativo no mundo inteiro".

Em outro trecho do livro, ao comentar as visitas de bispos brasileiros ao papa, Casaldáliga diz que "é preciso conquistar espaços de pluralismo" na Igreja. Referindo-se ao cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro, d. Eugênio Sales, d. Pedro afirma: "Há um irmão nosso, bispo, cardeal, que tem dose cargo na Cúria Romana. E, então, somente através de sua presença, de sua palavra e de seu julgamento, vem de Roma o que a Roma vai".

Casaldáliga não vê sentido na 'intimação' papal

Da Reportagem Local

O bispo de São Félix do Araguaia (MT), d. Pedro Casaldáliga, 60, disse em entrevista ao jornal "Barricada", órgão oficial da Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN), partido governante na Nicarágua, que a "intimação" que recebeu de Roma, há três semanas, contendo restrições à sua liberdade de pensamento e de atuação pastoral, "é um documento praticamente esvaziado e quase não tem sentido, porque perdeu a sua referência pessoal, seu caráter reservado e sua responsabilidade".

D. Pedro acrescentou que se assinasse o documento, "assumiria certas previsões ou restrições", referentes à Teologia da Libertação.

A punição de Casaldáliga

Houve punição ou apenas uma advertência? Para as duas hipóteses há uma única resposta: querem silenciar um bispo-poeta comprometido com as lutas de seu povo. Ninguém melhor do que o próprio dom Pedro Casaldáliga poderia explicar a sensação de ser submetido a um "vestibular eclesiástico" e sentir como o Vaticano "tem muito de jaula, quicá dourada"

Carlos Alberto Ricardo/CEI



As reações

Rev. Sérgio Marcus Pinto Lopes, secretário regional do Clai/Brasil

"Como cristão e pastor evangélico, creio que as atitudes que vem tomando a Congregação para a Doutrina da Fé refletem um espírito autoritário e retrógrado que não cabe mais no século 20. Refletem também um desrespeito à Declaração Universal dos Direitos Humanos, especialmente ao consagrado direito de livre expressão. Julgo, ainda, um desrespeito a uma pessoa, cujo objetivo, antes de mais nada, é o de integrar outras pessoas e nações à plena liberdade e ao direito de soberania dos povos. Por tudo isso, o que está acontecendo não tem outro nome senão violência".

Padre José Oscar Beozzo, da Cehila-Brasil

"D. Pedro foi pressionado e perseguido durante o regime militar. É estranho que Roma o cale agora. Ele representa um testemunho importante de solidariedade à Nicarágua e aos povos centro-americanos. É estranho que se queira cortar essa solidariedade e, ao mesmo tempo, haja um silêncio com relação à guerra dos Estados Unidos na América Central. Por

último, é estranho que exista uma tolerância com os conservadores (no caso do bispo Marcel Lefebvre foram vinte anos de negociação) e uma precipitação com aqueles que têm um compromisso com os interesses populares".

D. Sumio Takatsu, bispo anglicano

"É inacreditável que um homem dedicado ao apostolado e diaconia em favor dos pobres, marginalizados e oprimidos com tanta humildade como d. Pedro Casaldáliga seja silenciado pelo governo central de sua Igreja. Tal imposição de disciplina, como aconteceu também com Hans Küng, Schillebeeckx, Boff e outros, uma após outra, nos leva a indagar: o que é que está acontecendo com a renovação da Igreja encetada pelo Vaticano 2º? Como fica o colegiado dos bispos numa região? E a diversidade na unidade? Tal imposição de disciplina por um órgão central é imaneente ao próprio sistema centralizado, ou é apenas um acidente? Essas perguntas são de interesse ecumênico e um bispo, que pertence a uma Comunhão (Anglicana) em diálogo com Roma, não pode deixar de fazê-las".

"(...) No dia 16, de jaqueta emprestada, fui recebido em antessala por monsenhor Re, secretário da Congregação dos Bispos, que já estivera na nunciatura do Panamá. "Cum Petro e sub Petro", me aconselhava ele, persistente. E "um só Senhor, uma só fé, um só batismo", acrescentava eu para que a confissão fosse mais plena. Lembrou-me também que, no sábado, na entrevista conjunta com os cardeais Gantin e Ratzinger, eu deveria comparecer com vestimenta apropriada (no caso, seria a batina e a faixa claretianas, cedidas muito gentilmente pelo veterano padre Garde, o colar indígena de tucum e a cruz franciscana).

Senti logo — caçoava eu depois deste prólogo — que seria submetido a um vestibular eclesiástico: de disciplina, por parte da Congregação dos Bispos; de Teologia, por parte da Congregação da Doutrina da Fé.

Foi no sábado, dia 18. Durante hora e meia. Também na Congregação dos Bispos. Com o cardeal Gantin, seu secretário Re e um subsecretário; com o cardeal Ratzinger e seu secretário, monsenhor Bovone e o monsenhor Américo, português, da Secretaria de Estado. Os monsenhores anotavam tudo e tinham nas mãos fotocópias de textos meus. Desde o início da entrevista, eles tinham insinuado um possível texto com proposições, que eu deveria assinar. Nesse momento me formularam mais concretamente essa proposta. Respondi-lhes que não assinaria nada sem tempo suficiente para pensar e consultar. Que eu mesmo jamais pediria a alguém um tipo de assinatura assim. Reagiram:

— Não se trata de um tribunal, não. O senhor terá tempo de pensar sobre isso.

(...) A audiência particular com João Paulo 2º foi no dia 21. E durou aproximadamente quinze minutos. Depois de passar por uns oito guardas, apresentar quatro vezes o "biglietto della Prefettura della Casa Pontificia" e atravessar pátios, corredores e salões.

O papa, com um gesto, me convidou a falar, sentados os dois em torno a uma mesa.

Refiro-lhe a proposta dos cardeais em relação a certas proposições que eu deveria assinar e lhe confesso que, no meu entender, isso me parece falta de confiança.

— Também pode ser uma prova de confiança, replica ele. O cardeal Arns, quando vem aqui, gosta das coisas por escrito.

Depois abre os braços e, entre admoestador e brincalhão, me diz:

— Para que veja que não sou nenhuma fera...

No primeiro momento quase me espanto: depois achei engraçado o gesto.

— Nunca pensei isso, eu sorri.

(Mas na verdade sentia, naqueles dias mais de perto, como aquele Vaticano tem muito de jaula, quicá dourada. Diante da estátua de São Pedro, em bronze, recordei — como não? — os versos de Alberti, as ganas de Pedro de ver-se, livremente, pescador...)

(Trechos da crônica que d. Pedro Casaldáliga enviou aos amigos, logo após sua recente visita ao Vaticano)

IGREJA

O pito vazou*Vaticano pune pela Globo
bispo progressista*

O bispo de São Félix do Araguaia, dom Pedro Casaldáliga, voltou a sua rotina habitual. Retomou as visitas pastorais e até já marcou o lançamento de seu próximo livro, *Na Pro-*

**Casaldáliga***Pomba e serpente ao mesmo tempo*

cura do Reino, para o dia 29, em São Paulo. Dom Pedro, um catalão de 60 anos de idade, 20 de Brasil e 17 de São Félix do Araguaia, está deixando para trás o documento de advertência que pousou em suas mãos – e na Rede Globo – no último dia 16. “É um defunto sem identificação”, ele diz, lembrando que o documento supostamente enviado pela Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé e pela Sagrada Congregação dos Bispos do Vaticano e repassado pela Nunciatura Apostólica de Brasília chegou sem nenhuma assinatura ou selo das congregações romanas.

Sorratário e misterioso, o documento que lhe impõe restrições ao direito de expressão (especialmente a favor da Teologia da Libertação) e de locomoção (em particular pela turbulenta América Central) não teve, porém, um destino tão discreto. Repicou dentro e fora do País, aprofundando ainda mais a distância que separa a Igreja católica em duas facções tão distintas quanto a água e o vinho – a dos progressistas, que tem em dom Pedro Casaldáliga uma de suas mais respeitadas lideranças, e a dos conservadores, que aplaudiram entusiasmados o teor rigoroso da advertência. Sobre os conservadores – daqui e do Vaticano – recai uma agravante: eles teriam deixado “vazar” uma informação estritamente confidencial, já que, logo depois do documento, dom Pedro recebeu um telefonema da Rede Globo avisando-o de que o Vaticano havia divulgado a informação de que ele estava sujeito à imposição do silêncio total.

Como se fosse uma cartilha, o documento enumera ponto a ponto, sem rodeios, suas intenções. Exige que o bispo de São Félix do Araguaia se abstenha de viajar para a Nicarágua; que cumpra a chamada visita *ad limina* (realizada pelos bispos ao Papa a cada cinco anos); que não se pronuncie sobre a Teologia da Libertação; só promova atos litúrgicos de cunho religioso e não publique folhetos contrários à doutrina da Igreja. Em duas páginas e meia, a “Intimação” acrescenta, ainda, orientação para que dom Pedro não imprima um significado político às procissões. Por fim, pede a sua assinatura, uma espécie de “ciente”, cujo melhor sinônimo seria submissão às restrições.

O bispo do São Félix do Araguaia leu tudo atentamente. Não assinou. “Eu não inventei os índios, os posseiros. Não posso deixar de denunciar sua situação e também de falar dos mártires, como o padre João Bosco Burnier, assassinado no Mato Grosso”, argumentou.

Desde que chegou ao Brasil, em 1968, a atividade pastoral de dom Pedro Casaldáliga não incomoda apenas aos religiosos conservadores. Incomodou aos militares e também aos donos das fazendas de mais de um milhão de hectares que se espalham pela região do Araguaia. Sempre fiel à pregação e à prática da igualdade fraterna, dom Pedro teve sua expulsão do País várias vezes pedida por aqueles que não concordam principalmente com esse seu princípio religioso. Em 27 de abril de 1982, chegou a ser espancado. Não recuou.

Dom Pedro Casaldáliga aprendeu a viver numa região de confrontos, delicada. Não faltam por ali conflitos entre posseiros, índios e latifundiários. Também não falta miséria. “Ele vive em extrema pobreza”, testemunha o padre José Oscar Beozzo, de São Paulo, que já prestou serviços na Prelazia do Araguaia por duas vezes. “É um bispo exemplar e não merece uma punição desse tipo. Ele tem o direito de interrogar o porquê de algumas coisas”, defende o padre Beozzo. Com outras palavras, os fiéis de Goiás Velho, em Goiás, reforçaram essa defesa: na noite de domingo passado, 25, a comemoração dos 20 anos daquela Diocese transformou-se numa emocionada manifestação de apoio ao bispo e de repúdio à punição.

do Vaticano. Dom Pedro não perdeu a serenidade: "Sejam simples como as pombas, mas astutos como as serpentes", disse ele durante a missa de encerramento da festa. "Temos de ser astutos, críticos, manter os olhos abertos e a consciência alerta para ter coragem de enfrentar os lobos e a continuar a caminhada."

Sua própria caminhada, tudo indica, continuará sendo espinhosa. A medida, analisam algumas autoridades eclesiais, parece refletir a oposição do Vaticano ao envolvimento da Igreja latino-americana em questões sociais. "Há um interesse do Vaticano no silêncio de Pedro", afirma o bispo de Goiás, dom Tomás Balduino. "A postura do Vaticano é conservadora", ele prossegue, lembrando que "o processo de renovação da Igreja através da Teologia da Libertação está incomodando a maioria da Igreja católica, hoje aliada ao poder".

O Vaticano, suspeita-se, não esperava que o episódio tivesse tamanha ressonância. Acredita-se que o Vaticano imaginou que dom Pedro assinaria o documento. A Rede Globo, então, divulgaria a informação e ele, dom Pedro, estaria impossibilitado de reagir porque teria assinado a punição. A seqüência, ainda no plano da hipótese, viria com a divulgação de um relatório feito nove anos atrás pelo atual arcebispo de Brasília, dom José Freire Falcão, quando este ainda era arcebispo de Teresina. "Eles estão com a intenção de puni-lo", confidencia uma autoridade eclesial, "e estão ressuscitando o relatório."

Menos religioso e mais ideológico, o quebra-cabeça que se montou em torno de dom Pedro Casaldáliga chegou à redação do jornal *New York Times* como "uma ameaça de criar novas tensões sérias entre o Vaticano e a influente e muito independente Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), onde predominam os preçados simpáticos à Teologia da Libertação", escreveu o correspondente no Rio de Janeiro, Alan Riding. Lembrou-se, mais uma vez, do caso do teólogo Francisco Leonardo Boff, autor da Teologia da Libertação, a quem o Vaticano impôs, em 1985, a pena de 11 meses de "silêncio obsequioso, depois de tê-lo acusado de cometer erros doutrinários. Livre da punição, o próprio frei Boff também falou: "O Vaticano agiu influenciado

por uma articulação existente no Brasil que passa pelos arcebispos do Rio, dom Eugênio Sales, de Brasília, dom José Falcão, de Salvador, dom Lucas Neves, e do Recife, dom José Rodrigues Cardoso Sobrinho, os mesmos que dividiram a Arquidiocese de São Paulo contra a vontade do cardeal Evansto Arns."

Dom Pedro Casaldáliga teria, com a ausência de sua assinatura, prejudicado o fluir da trama. Simples e astuto, exatamente como preconizou em seu sermão, ele preferiu fazer sua mala e partir para as visitas pastorais, esperando que chova em cima da fumaça. "Não tenho a intenção de me tornar um pequeno Lefèbvre de esquerda", avisou com simplicidade, numa referência ao arcebispo ultraconservador que se rebelou e foi punido com a excomunhão.

Célia Chaim

No banco dos réus

Na sua prelazia do Araguaia, o bispo Pedro Casaldáliga resiste às advertências do Vaticano, mas já se abre o caminho para um acordo

Na semana passada, os principais jornais brasileiros ganharam leitores credenciados dentro do Vaticano — os cardeais Bernardin Gantin, prefeito da Congregação para os Bispos, e Joseph Ratzinger, prefeito da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé. Figurantes do círculo mais restrito da corte do papa João Paulo II, Ratzinger e Gantin pediram a seus

auxiliares que providenciassem cópias de reportagens brasileiras sobre o caso do bispo Pedro Casaldáliga, de São Félix do Araguaia, que recebeu um pito de Roma mas não o engoliu e atravessou a semana a desfraldar a bandeira da rebeldia. Em primeiro lugar, garantiu que continuará visitando a Nicarágua dos sandinistas — e Roma, numa carta de advertência que lhe enviou há

três semanas, pediu-lhe exatamente o contrário. O Vaticano exigiu-lhe igualmente o silêncio sobre alguns temas como a Teologia da Libertação, e a resposta de dom Pedro Casaldáliga foi a de continuar falando, mais ainda do que antes. Finalmente, o bispo de São Félix do Araguaia, um homem franzino, 55 quilos, nascido há sessenta anos na Espanha e capaz de armar confu-



são até com o papa, afirmou que João Paulo II desconhece a realidade brasileira e não é infalível.

Dom Pedro Casaldáliga, talvez hoje o maior emblema da igreja progressista no Brasil, conseguiu armar sua confusão em torno de João Paulo II e o motivo é um pouco maior do que ele próprio. Na sua eclosão, o caso Casaldáliga mostrou que no Brasil, há vários outros Casaldáliga, todos à esquerda da linha adotada pelo próprio Papa, todos ligados à Teologia da Libertação e todos críticos do estilo monárquico que gere a máquina da Igreja.

"O Vaticano desconhece que milhões e milhões de latino-americanos estão condenados à morte pela fome e a miséria e que os religiosos enfrentam até ameaças de morte por defender essas pessoas", co-



João Paulo II: atritos



Dom Luciano: acordos

mentava na última quarta-feira o bispo Erwin Kräutler, da prelazia do Xingu, no Pará, e presidente do Conselho Indigenista Missionário. Kräutler, um dos prelados a sair em defesa de Pedro Casaldáliga no seu atrito com Roma, acha que seu colega de São Félix recebeu uma censura do Vaticano porque os cardeais que cercam João Paulo II tornaram-se míopes. "Convido os prepostos das instâncias curiais a acompanhar-me na minha ação pastoral, pois tenho certeza de que mudariam de idéia", desafiou Kräutler. Vive na selva, num território conflagrado por disputas fundiárias que muitas vezes acabam em assassinato de uma das partes envolvidas — geralmente a parte pobre.

PAPA CASALDÁLIGA — Por trás das divergências que colocam em oposição religiosos como dom Pedro Casaldáliga e o cardeal Joseph Ratzinger agitam-se duas questões de fundo muito claras. A primeira, uma questão geográfica, econômica e social, opõe um bispo da selva, que vive entre miseráveis, a um cardeal alemão, que ocupa um gabinete silencioso na Santa Sé. Além disso, há hoje um indiscutível conflito entre a máquina do Vaticano, que vem promovendo uma revisão do Concílio Vaticano II, e diversas conferências episcopais latino-americanas, sobretudo a brasileira, em torno da distribuição do poder na Igreja. O concílio deu mais poder aos bispos, mas deixou intocada a característica de monarca absoluto que cerca o papa. Dentro desse paradoxo, no qual o papa nada deve aos cardeais, já que se considera eleito pelo Espírito Santo, enquanto os bispos querem fabricar a democracia no interior de um sistema monárquico, nada mais provável do que se criarem condições perfeitas para a eclosão de uma crise como a de Casaldáliga. O confronto deverá desembocar num grande acerto de contas, numa próxima

O bispo Casaldáliga (de costas), em sua prelazia: à distância dos gabinetes do Vaticano

conferência episcopal, marcada para o ano que vem, em São Domingo, República Dominicana. Na semana passada, contudo, esse conflito se mostrava vivo, com duas faces bem distintas — uma às margens do Rio Araguaia e outra nos gabinetes do Vaticano.

No lado romano, o bispo de São Félix do Araguaia deu azar. Uma semana depois de iniciada a celeuma em torno de sua punição através da carta do Vaticano, saiu o número de outubro da revista católica italiana

Jesus. Na publicação, há uma entrevista realizada um mês antes de explodir a polêmica entre Casaldáliga e a Santa Sé, na qual Casaldáliga se imagina papa e diz o que faria se assumisse o trono de Roma. Para começar, trocaria a Basílica de São Pedro pela de San Giovanni al Laterano, que a seu ver é a verdadeira sede do bispo de Roma. A seguir, daria os museus do Vaticano à Unesco. Mudaria ainda — e radicalmente — a assessoria tradicional dos papas. "Eu procuraria me aconselhar com muitos bispos e religiosos, mas também com leigos, sociólogos, jornalistas e crianças para saber o que queriam do chefe da Igreja", afirmou o bispo de São Félix do Araguaia.

A idéia de doar os museus do Vaticano à Unesco provavelmente resultaria no sumiço de algumas peças do acervo, sem que o público, que já frequenta suas alas, ganhasse uma única vantagem com a troca. O desejo de que o papa pergunte a crianças, sociólogos e jornalistas o que deve fazer o príncipe de Roma poderia resultar em conclusões curiosas, pois haveria crianças para defender a criação de uma Disneylândia romana e jornalistas a sugerirem que o papa desse entrevistas coletivas a cada manhã.

As declarações do bispo caíram todas mal, mas uma delas deixou os religiosos da Cúria Romana de cabelos em pé. Há uma semana, o papa afirmara, com toda a ênfase do seu conservadorismo, que não é correto pretender-se que mulheres tornem-se sacerdotisas. Pois, justamente quando se divulgava esta questão, a revista *Jesus* apresentava Casaldáliga defendendo a ordenação das mulheres. "Creio que, diante de Deus, não existe nenhum argumento, nem bíblico, nem de tradição, nem mesmo teológico, que impeça a mulher de ter na Igreja os mesmos direitos e ministérios do homem", afirmou Casaldáliga. O papa havia afirmado o contrário.

ANEL DE ÍNDIO — Em São Félix do Araguaia, norte do Mato Grosso e sede de seu território episcopal, uma região maior que o Estado de Pernambuco, com sete cidades — modestíssimas e 120 000 fiéis entre índios,





Dom Eugênio Salles: um gesto discreto e eficaz



Kräutler: "O Vaticano desconhece a nossa realidade"

colonos e posseiros, o bispo Pedro Casaldáliga era, na semana passada, o retrato da crise de um ponto de vista invertido. Com uma afabilidade que seu rebanho sempre admirou, mas também armado de uma obstinação que ninguém gosta de enfrentar, Casaldáliga não dava nenhum sinal de preocupação, enquanto sacolejava por estradas poeirentas em visita a seu rebanho pobre, que o trata simplesmente de Pedro. Entre terça e quarta-feira passada, venceu 1 000 quilômetros dentro de sua prelazia, a bordo de um ônibus de roça. Sua rotina é mais ou menos esta, acrescentando-se aí missas, conversas informais em qualquer canto de estrada e até uma ou outra sessão de piadas. Nesses encontros, Casaldáliga conversa de igual para igual. Apresenta-se aos fiéis de tênis, camisa de mangas curtas e um anel índio de madeira no lugar da jóia episcopal que enfeita os dedos dos prelados mais conservadores.

Ali está, enfiado entre os rios Araguaia e Tocantins, desde 1968 — e está muito bem, depois de sofrer sete ameaças de expulsão da parte do governo militar e outras tantas ameaças de morte enviadas por seus inimigos da região. Certa vez, em outubro de 1977, quase viu a ameaça cumprida na localidade de Cascalheira, onde ocorreu um conflito entre posseiros e policiais. Na batalha, um posseiro matou um homem da polícia e conseguiu fugir. Levaram então para a delegacia a mulher e a sogra do assassino, onde as duas foram submetidas a tortura para dizer em que lugar o parente se escondera. Ao saber que as mulheres estavam sendo maltratadas, Casaldáliga e o padre João Bosco Penido Burnier rumaram para a delegacia, discutiram com os policiais e

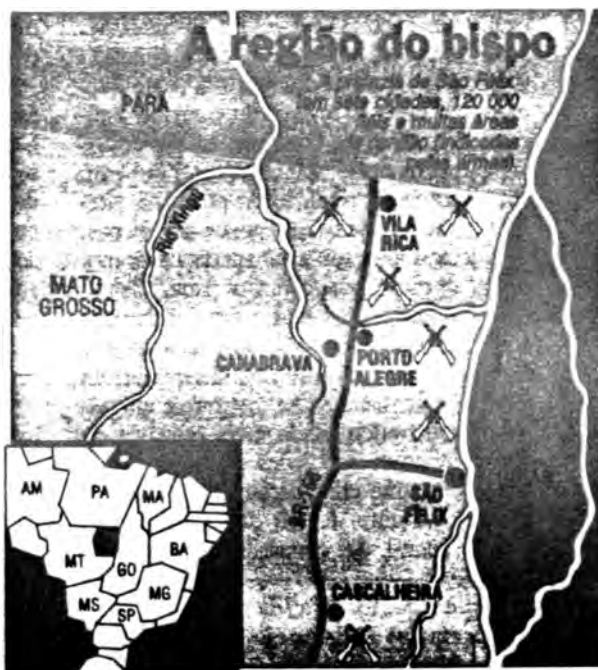
acabaram atacados por um cabo. Na confusão, o policial disparou o revólver e João Bosco morreu. "O tiro era para dom Pedro, mas o policial pensou que o bispo fosse João Bosco, porque ele era mais alto e mais bem vestido", conta Leopoldo Belmonte, ex-padre que vive há vinte anos em São Félix. Em vez de correr do perigo, o bispo socorreu o padre, que morreu em seus braços, e liderou depois manifestações populares contra a polícia, ao fim das quais a cadeia foi invadida e incendiada.

Histórias como essa correm pela prelazia e dão uma auréola mítica ao herói das narrativas. "Se tem injustiça, Pedro Casaldáliga logo aparece", diz Maria das Mercês, 53 anos, desde 1973 em São Félix. Há dois anos, o bispo enfrentou a polícia para tirar o filho dela da cadeia. "Ele arrancou o menino das mãos da po-

lícia", lembra Maria das Mercês. Crime do menino: passar um abaixo-assinado em favor de posseiros.

BARRIL DE PÓLVORA — Se Casaldáliga fosse papa, como ele mesmo já disse, consultaria o povo, doaria os museus do Vaticano e daria um voto favorável à ordenação das mulheres. E se Karol Wojtyła, o cardeal polonês, caísse em São Félix do Araguaia, em vez de aterrissar no Vaticano? Ficaria provavelmente mais parecido com Casaldáliga do que os cardeais alemães com quem freqüentemente se consulta. O motivo da questão aí é que qualquer pessoa com um código ético razoável, mesmo que seja tão materialista quanto um hipopótamo, se inclinaria mais para o lado de Casaldáliga do que dos seus inimigos no Araguaia. Sem tirar proveito pessoal algum, apenas pela crença exacerbada em alguma coisa, o bispo luta em defesa dos humildes de sua região, submetidos a um regime de miséria e exploração, no qual têm negados os mais básicos direitos de qualquer cidadão.

Se Karol Wojtyła estivesse no Araguaia, não tenho dúvida, ele agiria como dom Pedro Casaldáliga. Diz o dominicano frei Betto, de São Paulo, admirador do bispo. "Ele faz um trabalho pastoral e evangélico dentro da opção pelos pobres e, pessoalmente, leva uma vida constrangedoramente evangélica", diz frei Betto. Casaldáliga mora numa casa que seria considerada péssima para qualquer família de classe média ou alguma capital brasileira, com chão de terra batida e sem água encanada, dividindo-a com seis agentes pastoraes. Podia ter escolhido um pouco mais confortável para trabalhar como religioso, mas foi se meter e



MACEDO

São Félix do Araguaia, um pobre barril de pólvora onde morreram 228 pessoas desde 1982 em conflitos fundiários, segundo levantamento da Igreja local. O que a Igreja de dom Pedro Casaldáliga faz é lutar para que esse barril estoure contra os fazendeiros, e não para o lado da faixa humilde da população — e, nessa direção, vai longe demais, é intolerante e injusta em sua campanha.

MIOPIA E ARROGÂNCIA — Na retórica, tudo é muito cristão. "Nós queremos conscientizar o povo para que ele se organize e lute por seus direitos, por uma nova vida e uma nova terra, onde não haja mais oprimidos e opressores", diz o padre Laudemiro Borges, 29 anos, conhecido como "Mirim" em Vila Rica. "Se quiserem chamar isso de socialismo, chamem", acrescenta Mirim. Nas missas, os fiéis aprendem quem são os oprimidos e os opressores na vida real que se enfrenta lá fora da igreja, politizam-se, passam a entender os mecanismos através dos quais se consegue animar politicamente uma comunidade, discutem quais partidos merecem votos. "A gente aprende que é preciso lutar para sair da pobreza", diz Idalécio Jardim de Melo, 33 anos, morador de Vila Rica.

Na prática, essa pregação dá alguns frutos excelentes, mas também resulta numa distorção: nas igrejas da prelazia de São Félix do Araguaia não há lugar para os ricos, pois eles são considerados pelos padres como os grandes responsáveis pela miséria do povo (veja quadro à pág. 37). Há intolerância também em relação a outros temas. Na semana passada, procurado por VEJA em sua prelazia, dom Pedro Casaldáliga não gostou da visita. "VEJA é uma revista mentirosa, que calunia a Igreja e tergiversa", disse ele. Queixa-se, por exemplo, do fato de VEJA ter publicado reportagem sobre o padre Maurizio Maraglio, que morreu há dois anos de ataque cardíaco num motel no Maranhão. Segundo Casaldáliga e a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), o padre morreu "assassinado por latifundiários". Nenhum bispo apresentou até hoje qualquer evidência de que isso aconteceu, mas já apareceram duas prostitutas para contar como o padre morreu em sua companhia, além de se ter um laudo médico comprovando o ataque cardíaco. Nessa defesa de uma versão que até agora só se apoiou no desejo dos prelados e contra-

Balduino no contra-ataque

O bispo de Goiás Velho hostiliza o Vaticano

Os católicos que se espantaram com a rebeldia do bispo de São Félix do Araguaia, dom Pedro Casaldáliga, diante da punição recebida do Vaticano, não viram nada. Na terça-feira, em uma entrevista publicada pelo jornal *Folha de S. Paulo*, o bispo de Goiás Velho, dom Tomás Balduino, saiu em defesa de Casaldáliga, com oratória muito mais ácida, numa torrente crítica que não se via há muito tempo no clero brasileiro. Balduino chegou mesmo a acusar o Vaticano de

mesmo de câncer, diante da decepção e da tortura representada pela convivência entre o que há de mais sagrado e o que existe de mais abjeto que a força da chicana, das intrigas e do isolamento forçado dentro da Igreja". É certo que alguns bispos morreram em situação de desgosto com o Vaticano, mas é duvidoso que a Santa Sé consiga eliminar prelados por via telepática.

Fora da Igreja, dom Tomás ganhou fama por exigir o respeito aos direitos humanos numa época em que a tortura

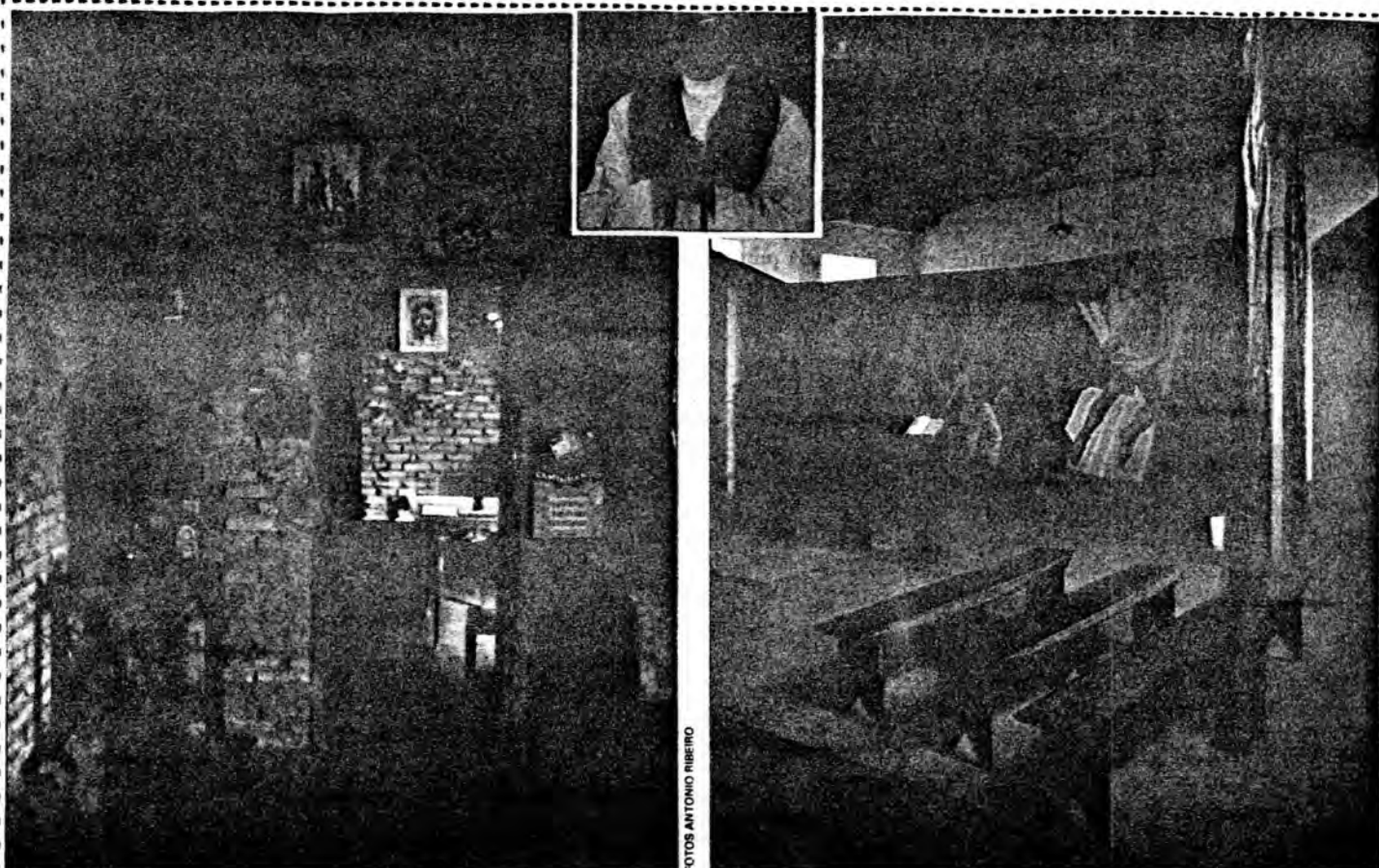


Passeata em Goiás Velho: união de Balduino (esq.) e Casaldáliga (dir.)

exercer uma pressão psicológica nefasta sobre os membros do clero e disse-o com todas as letras. "A gente se desvencilha mais facilmente de um tirano do que dos instrumentos utilizados na Igreja para isolar, destruir e quebrar resistências psicológicas", afirmou. Suas declarações ecoaram no Vaticano e, nos próximos dias, o bispo de Goiás Velho deve receber uma carta da Santa Sé convidando-o a reconsiderar sua crítica.

Na verdade, dom Tomás Balduino foi exagerado. Na entrevista à *Folha de S. Paulo* ele disse ter conhecimento da morte de vários bispos, "até

aos presos políticos era uma prática costumeira no Brasil. Dono de um brevê de piloto e de um curso de Teologia na França, ele possui muitos pontos em comum com dom Pedro Casaldáliga. Ambos são fundadores da Comissão Pastoral da Terra e do Conselho Indigenista Missionário e no seu dia-a-dia dedicam-se à defesa de posseiros e dos índios. Separados pelos 610 quilômetros que distanciam Goiás Velho de São Félix, eles marcharam juntos na semana passada, num ato para comemorar os vinte anos da prelazia de Goiás. O ato acabou se transformando numa passeata de solidariedade a dom Pedro Casaldáliga.



Casaldáliga (acima), sua casa (esq.) e sua igreja...

...em São Félix do Araguaia: modéstia e despojamento

riu os dados da realidade, a CNBB e Casaldáliga exibem miopia e arrogância. Na negação do sacramento do batismo a uma criança de família abastada, os padres da prelazia de São Félix aplicam uma lógica de difícil explicação.

TEMPERAMENTO DISCRETO — O caso Casaldáliga, com todas as suas singularidades, ilustra uma fricção ampla que divide setores da Igreja no Brasil e preocupa Roma. Nesse quadro, Casaldáliga é apenas um prelado mais disposto a criar caso do que a grande maioria dos colegas. Com Roma, criou várias áreas de atrito. Entre suas obrigações, os bispos devem fazer uma visita ao papa a cada cinco anos — pois Casaldáliga ficou dezessete anos sem mostrar o rosto na Santa Sé. Comete exageros ao politizar à esquerda a sua catequese em São Félix do Araguaia, segundo interpretação do Vaticano, mas não aceita alterar os rumos de seu apostolado. Esteve três vezes na Nicarágua sem pedir licença ao cardeal-arcebispo de Manágua, dom Miguel Obando Y Bravo, um conservador com autoridade na Santa Sé. Com isso, quebrou uma praxe entre os bispos e levou Obando a queixar-se dele junto às congregações dos Bispos e da Doutrina da Fé, comandadas por Bernardin Gantin e Ratzinger.

Na sua defesa do sandinismo, o bispo

de São Félix do Araguaia poderia amparar-se em um recurso gráfico. Quando esteve na Nicarágua, para dar um cocorote na Igreja local, liderada pelos padres Miguel D'Escoto e Ernesto Cardenal, o papa João Paulo II acabou fotografado contra um gigantesco cartaz com a imagem de Augusto César Sandino, o inspirador da revolução nicaraguense — e, com isso, o cocorote terminou em outra cabeça. Finalmente, em junho, numa sabatina com os dois cardeais em Roma, Casaldáliga recusou-se a tomar caminho mais moderado,



Ratzinger: vigilância conservadora

da mesma forma que o fez, há três semanas, ao receber a carta de admoestação do Vaticano. Enfim, é um osso duro de roer para os adversários.

Para se compreender até onde vai a capacidade de um bispo de produzir inquietação, pode-se tomar o exemplo de um homem de temperamento discreto como dom Eugênio Salles, cardeal do Rio de Janeiro, que dobrou órgãos de segurança do governo Figueiredo com uma única frase, tão simples quanto eficaz. Dom Eugênio queria visitar o presídio de Ilha Grande, no litoral fluminense, e o governo disse-lhe que não podia ir. A sua maneira diplomática, o cardeal fez então saber ao governo que, se não lhe fosse dada a autorização, ele se tornaria um prisioneiro voluntário dentro do próprio palácio episcopal. Parecia uma ameaça contra si próprio. Era, na realidade, um ultimato irresistível. A partir daí, o cardeal visitou o presídio quando quis.

NA BOCA DO LEÃO — Na sua lista de grandes criadores de casos, a Igreja brasileira tem nomes como Hélder Câmara e Paulo Evaristo Arns, mas esses bispos estão a uma distância respeitável de Casaldáliga. Dom Helder, um produto da máquina eclesial, é tolerado perfeitamente pelo sistema em que se desenvolveu.

Paulo Arns, um homem disciplinado mas inábil, está sendo devorado junto com sua arquidiocese pela máquina romana. Para adaptar-se a dom Helder e a dom Paulo, a Igreja não precisa mudar muito. Terá, porém, de ser outra Igreja para funcionar com muitos Casaldáliga, um cristão que no tempo da Roma pagã acabaria no Coliseu, na boca de um leão. Agora que não existem mais leões, cutuca a Santa Sé e muitos colegas brasileiros com seu báculo curto. Curiosamente, não recebe tantos ataques diretos dos bispos conservadores. Trata-se de um velho fenômeno: quando há ameaça de divisão, a corporação tende a ficar unida. Na época em que dom Geraldo de Proença Sigaud, de Diamantina, defendia a censura e até a tortura — "não se obtém confissões com bombons", chegou a dizer —, muita gente estranhava que pudesse referir-se a dom Helder como seu "irmão em Cristo". Era.



O papa diante do cartaz de Sandino: cocorote na cabeça errada

Na semana que entra, dom Luciano Mendes de Almeida, arcebispo de Mariana e presidente da CNBB, vai a Roma jogar um pouco de água fria no caso Casaldáliga. Um acordo já está em marcha. Luciano, um jesuíta com sobrenome do Império e grande fortuna familiar que preferiu o caminho do convento às colunas sociais, tem como grande interlocutor em

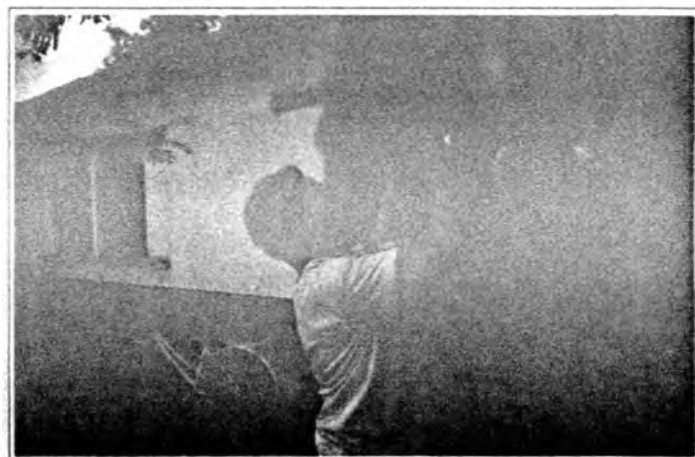
po francês Marcel Lefebvre, abrindo a seus seguidores a possibilidade de voltar ao aprisco de Roma. Ocorre que a Igreja de Lefebvre, ao contrário da de Casaldáliga, não se comunica com o povo por sua insistência em manter ritos arcaicos e por suas idéias, mais superadas do que a creolina. Entre os dois pólos de atrito, não foi uma semana boa para Roma. ●

Roma o cardeal Bernardin Gantin, como ele um religioso extremamente espiritual. Gantin, instrumento do papa para as costuras à esquerda dentro da Igreja, da mesma forma que Ratzinger cuida dos acertos à direita, já esteve no Brasil numa missão junto à CNBB e continua a postos. Quer moderação. Na semana passada, porém, o balanço desse sistema de vasos comunicantes se alterou, no momento em que o Vaticano fazia advertências a Casaldáliga enquanto namorava a Igreja cismática do bis-

Os opressores oprimidos

Em qualquer cidade do interior, eles seriam os reis da região, com poder, dinheiro e prestígio. Em São Félix do Araguaia, eles têm tudo isso, mas essas coisas não bastam para abrir as portas de todos os lugares. Graças a dom Pedro Casaldáliga, as portas das igrejas, igrejinhas e capelas estão vedadas — ali, rico não entra. "Padre aqui gosta de colocar o povo contra a gente", acusa Ricardo Ferreira de Queirós, 29 anos, diretor regional da Colonizadora Codevara, a maior proprietária de terras de Vila Rica. "Ter dinheiro aqui é pecado", ironiza. Vivendo em uma região onde os colonos tiram da terra menos de um salário mínimo por mês, as casas são de madeira e não há iluminação, água ou esgoto, Ricardo tem uma vida que se pode definir como nababesca para os bai-

xíssimos padrões locais. Ele mora em casa própria, tem televisão, aparelho de som e se dá o luxo de possuir um freezer em pleno sertão. Católico, só não consegue batizar a filha Natália, que com 1 ano e 2 meses continua pagã. "Vou ter que levá-la a Belo Horizonte, onde tenho parentes. É o único jeito", diz.



Ricardo e a filha Natália: o padre não quis batizá-la

Dentro da lógica simplista que divide o mundo em pobres e ricos e coloca a bondade como qualidade intrínseca dos primeiros e a maldade como defeito inato dos segundos, o padre Mirim, pároco de Vila Rica, explica o preconceito: "Há uma norma da prelaquia de não batizar pessoas ligadas à UDR", diz ele, referindo-se à União Democrática Ruralista,

entidade de fazendeiros que é combatida pela Igreja. "Quando Natália crescer, se ela participar da comunidade, ela se batiza", propõe o padre. Essa campanha contra as famílias de posse fundamenta-se na afirmação de que os ricos exploram os pobres e, assim, merecem a condenação, nesta e na outra vida.

Sentindo-se discriminados, os comerciantes de São Félix, quando não deixam a religião, tornam-se compulsoriamente católicos não praticantes. "Não nasci rico, mas ganhei muito dinheiro graças ao meu trabalho", afirma o comerciante José Rodrigues, 36 anos, que vende produtos agropecuários para toda a região. "Até conhecer dom Pedro, eu era católico, mas hoje não sou mais. Moro ao lado da catedral da cidade, mas não quero entrar na igreja e ser chamado de tubarão."

REAÇÃO DE CASALDÁLIGA E APOIO

DA OPINIÃO PÚBLICA FRUSTRAM TENTATIVA DE "SILÊNCIO"

São Paulo (AGEN) - A recente tentativa das congregações vaticanas para a Doutrina da Fé e para os Bispos de silenciar, através de uma "Intimação", o bispo de S. Félix do Araguaia, d. Pedro Casaldáliga, foi frustrada por dois fatores principais: a reação firme do bispo-poeta dos índios e lavradores e a repercussão obtida pelo caso na opinião pública nacional e internacional. Os cardeais Ratzinger e Gantin e o Nuncio Apostólico (embaixador do papa) em Brasília, d. Carlo Furno (além de todos os personagens, dentro e fora da Igreja, que queriam ver Pedro silenciado) não contavam com esses dados.

O esquema punitivo era simples: d. Pedro assinaria a "Intimação" e ficaria limitado na sua liberdade de atuação pastoral. Ao mesmo tempo, o mundo todo já saberia, através da Rede Globo, que ele havia sido castigado. Houve até cardeais, como d. Eugênio Sales, do Rio e d. José Falcão, de Brasília, que deram o fato como consumado. A Folha de S. Paulo publicou a notícia sobre a punição na mesma data em que O Globo a deu, por um motivo: a reportagem da Folha também tem suas fontes nas Organizações Globo. Mas o plano original era o de que a notícia saísse somente nos meios de comunicação de Roberto Marinho.

Versão da CNBB - Segundo o presidente da CNBB, d. Luciano Mendes, a Santa Sé "advertiu" d. Pedro "lembrando suas obrigações no exercício sacerdotal e episcopal: ao fazer pronunciamentos, atenha-se às orientações dadas pela Santa Sé; ao aprovar textos catequéticos para publicação, evite aprovar escritos que tragam dano à ortodoxia da fé e aos bons costumes; ao fazer celebrações litúrgicas, que essas celebrações não tenham fins sócio-políticos; não viajar sem entrar em contato com os bispos do lugar, sobretudo na Nunciatura e na América Central".

Quando d. Pedro esteve em Roma, há três meses, foi advertido por um dos monsenhores da Cúria Romana de que deve, ainda, aguardar os resultados de um relatório sobre uma inspeção feita à sua prelazia, há nove anos, por d. José Freire Falcão. Parece evidente que há setores curiais querendo silenciar Casaldáliga. Os principais motivos são estes: seu apoio à causa centro-americana e nicaraguense e sua fidelidade à Teologia da Libertação. Ambos os compromissos de d. Pedro ferem os interesses imperiais. (DA)

Decisão sobre o caso Casaldáliga será tomada por João Paulo 2º

Da Reportagem Local

A decisão final sobre as medidas restritivas da Cúria Romana ao bispo de São Félix do Araguaia (MT), d. Pedro Casaldáliga, será tomada pelo próprio papa João Paulo 2º. O caso Casaldáliga será discutido com o Papa, durante esta semana, pelo presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), d. Luciano Mendes de Almeida.

Ele viajou a Roma na última segunda-feira, acompanhado pelo vice-presidente da conferência episcopal, d. Paulo Eduardo Andrade Ponte, arcebispo de São Luís (MA). Além do caso Casaldáliga, a pauta do encontro que os dois dirigentes da CNBB terão no Vaticano inclui assuntos pastorais e administrativos da Igreja no Brasil, mas a questão

do bispo de São Félix do Araguaia será um dos principais pontos a serem debatidos.

Como autoridade máxima da Igreja Católica, o Papa poderá adotar uma destas duas decisões: encerrar a questão para não prejudicar o diálogo entre o Vaticano e a CNBB (classificado por ele, há dois anos, como sendo de "comunhão afetiva e efetiva") ou aceitar as sugestões dos cardeais Joseph Ratzinger e Bernardin Gantin, decidindo, então, punir o bispo de São Félix.

A principal punição a Casaldáliga poderia consistir na proibição de suas visitas à Nicarágua e a outros países centro-americanos em conflito sócio-político.

D. Pedro Casaldáliga aguarda a decisão pontifícia. A Folha apurou que Casaldáliga já decidiu continuar viajando à América Central, mesmo

sem falar nas igrejas dos países dessa região. E que não deixará também de fazer críticas à Cúria Romana quando julgar oportuna sua intervenção.

O bispo de São Félix está em São Paulo desde anteontem para um encontro com bispos, teólogos e comunidades de base. Nos dias 25 e 26 próximos, Casaldáliga participará de um ciclo de palestras na Igreja de São Domingos, em Perdizes, zona oeste de São Paulo, ao lado do cardeal d. Paulo Evaristo Arns e do teólogo peruano Gustavo Gutiérrez, um dos "pais" da Teologia da Libertação.

No dia 28 próximo, Casaldáliga receberá a Medalha Anchieta e um diploma de gratidão da cidade de São Paulo, em solenidade que será realizada às 19h30 na Câmara Municipal paulistana.

Dom Waldyr explica reação a Casaldaliga

SÃO PAULO — O Bispo de Volta Redonda, Dom Waldyr Calheiros, afirmou que a "intimação" do Vaticano ao Bispo de São Félix do Araguaia, Dom Pedro Casaldaliga, é resultado de denúncias formuladas à Cúria Romana por setores da Igreja brasileira que não aceitam o trabalho dos grupos 'progressistas' afinados com a Teologia da Libertação.

— Pessoas que não aceitam isso procuram incomodar a Cúria Romana. Creio que o problema é mais daqui do que de Roma — afirmou.

Ele criticou o Vaticano por não confirmar as acusações antes de advertir os prelados nem castigar os autores de denúncias falsas. Na sua opinião, o documento que Dom Pedro Casaldaliga foi convidado a assinar — comprometendo-se a não viajar a países da América Central sem a autorização do bispo local, a não fazer celebrações de cunho sócio-político e a não falar sobre Teologia da Libertação fora dos parâmetros estabelecidos nas duas mensagens do Papa — contém inverdades ou, pelo menos, acusações não comprovadas. Para ele, quem diz que Dom Casaldaliga faz celebrações com conotação política "não viu a fé celebrada em todos os acontecimentos da vida do povo." E quanto às viagens que fez à Nicarágua, Casaldaliga "escreveu ao bispo local pedindo autorização e não obteve resposta".

O mais grave no episódio, segundo Dom Waldyr, é que o vazamento da "intimação" foi uma "punição branca e pública" a Dom Casaldaliga e às

igrejas comprometidas com os trabalhadores, os camponeses, os índios, os negros e os pobres.

Dom Waldyr não concorda com a opinião de bispos e teólogos ligados à Teologia da Libertação de que existe um projeto do Vaticano para "restaurar a Igreja" e enquadrá-la em padrões mais conservadores. Existem, sim, pressões de movimentos conservadores, externos à Cúria Romana. Ele interpreta as divergências como fruto de "visões diferentes da Igreja", que não ferem a unidade, no que é essencial. Segundo ele, existem duas visões na Igreja: uma que olha mais para dentro da instituição e outra que se volta para o mundo. Na segunda, existem divergências entre as Igrejas do Primeiro Mundo e do Terceiro, pois os problemas são diferentes. E mesmo na Igreja do Terceiro Mundo há diferenças. Essa diversidade de modos de encarar a Igreja existe também na Cúria Romana. Ela, no entanto, na opinião de Dom Waldyr, deve prestar serviço a todas as igrejas, nas suas diversidades de locais e regiões. Deve deixar que elas se encarnem na cultura local e não impor culturas diferentes.

O Bispo de Volta Redonda não acredita que o Papa João Paulo II esteja empenhado em frear a Igreja progressista. Lembrou que ele enviou carta aos bispos brasileiros considerando a Teologia da Libertação "útil e necessária."

— A carta do Papa nos chegou há dois anos e eu não creio que ela tenha perdido a validade — afirmou.

CASALDÁLIGA - UM PROFETA SEMPRE SUSCITA PROFETAS

Boff lembra regime militar

PETRÓPOLIS — O teólogo franciscano Leonardo Boff, autor da Teologia da Libertação e o último a ser punido pelo Vaticano com o *silêncio obsequioso*, disse ontem que a punição aplicada a Dom Pedro Casaldáliga "revela a estratégia conservadora de setores importantes do Vaticano que, para atingir seus fins, não temem usar métodos escusos, extremamente ditatoriais, abominados durante o regime militar de segurança nacional: a violação do direito de expressão e locomoção".

De Petrópolis, ele divulgou nota em que se solidariza a Dom Casaldáliga ("pastor, profeta, poeta e amigo dos oprimidos"), e lamenta que ambos tenham experimentado "mais bastonadas das autoridades vaticanas do que apoio ao compromisso pela libertação dos pobres". Em entrevista no Centro de Defesa dos Direitos Humanos, o teólogo disse que a punição ao bispo de São Félix do Araguaia "desmoraliza completamente o discurso da Igreja, porque o povo se sente abandonado e perde a fé na instituição ao ver a Igreja fazer o jogo dos poderosos e dos opressores".

Frei Boff disse temer que os grandes latifundiários da região de Conceição do Araguaia se sintam estimulados com a punição da Igreja e decidam cumprir as ameaças de morte que têm feito a Dom Casaldáliga, por sua atuação em defesa dos trabalhadores rurais e da reforma agrária. "Não temo por Dom Pedro, pastor. É um santo que aprende até com o escândalo eclesial", afirmou, na nota. "Temo pelos indígenas, negros, posseiros, mulheres marginalizadas e outros ofendidos. Além de todo o peso da miséria, eles terão de sofrer também a decepção de ver dois grandes cardeais da Igreja de Roma, dom Ratzinger e dom Cantin, fazendo a alegria dos inimigos do povo e da Igreja da Libertação".

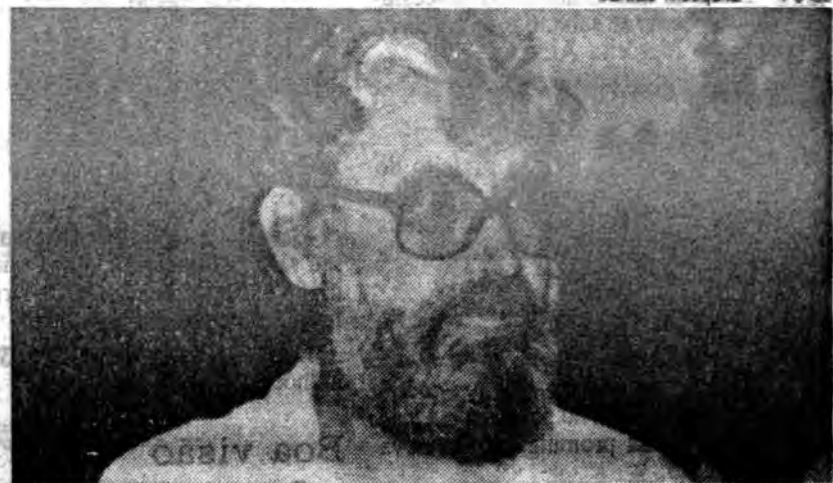
Frei Boff disse achar que punição a

Dom Casaldáliga acabará tornando-o mais conhecido. "No fundo, a punição vai aglutinar mais a ala progressista da CNBB, que tem uma linha não apreciada pelo Vaticano", comentou. "Eles tocaram com um bispo que recebe grande carinho no mundo todo". Boff denunciou que "o Vaticano agiu influenciado por uma articulação existente no Brasil que passa pelos arcebispos do Rio, dom Eugênio Sales, de Brasília, de Salvador e de Recife, que são os novos conservadores enviados pelo Vaticano. São os mesmos que dividiram a Arquidiocese de São Paulo, contra a vontade de dom Paulo Evaristo".

O autor da Teologia da Libertação acusou o "segundo escalão do Vaticano" de ter tentado jogar com D. Casaldáliga a mesma "política ambígua" que usou com ele, em 85, quando foi determinado o *silêncio obsequioso*. Dom Casaldáliga foi intimado a assinar a punição através de carta anônima enviada a ele há uma semana, em papel timbrado da Nunciatura Apostólica, em Brasília. "Na diplomacia do Vaticano é possível carta anônima, punições sigilosas, balões de ensaios, tudo que, evidentemente, não é tolerável". "O papa João Paulo II não participa desse grupo, pelo contrário, teve um bom diálogo com Dom Pedro e prometeu visitar Conceição do Araguaia no ano que vem", garantiu Boff.

"O Vaticano fez uma espécie de balão de ensaio", criticou Boff. "Se houver repercussão muito grande, ele desmente e fica tudo por isso mesmo. A carta não é assinada. Caso contrário, a punição fica em sigilo e dom Pedro se submete a ela". O teólogo diz que dom Casaldáliga não vai aceitar a punição e continuará fazendo o que prescreve o direito canônico. "Em sua Diocese, ele é autônomo, praticamente um papa. Não pode ser punido pelos cardeais. Cabe a ele resistir", defendeu.

Jarbas Mesquita — 4-3-88

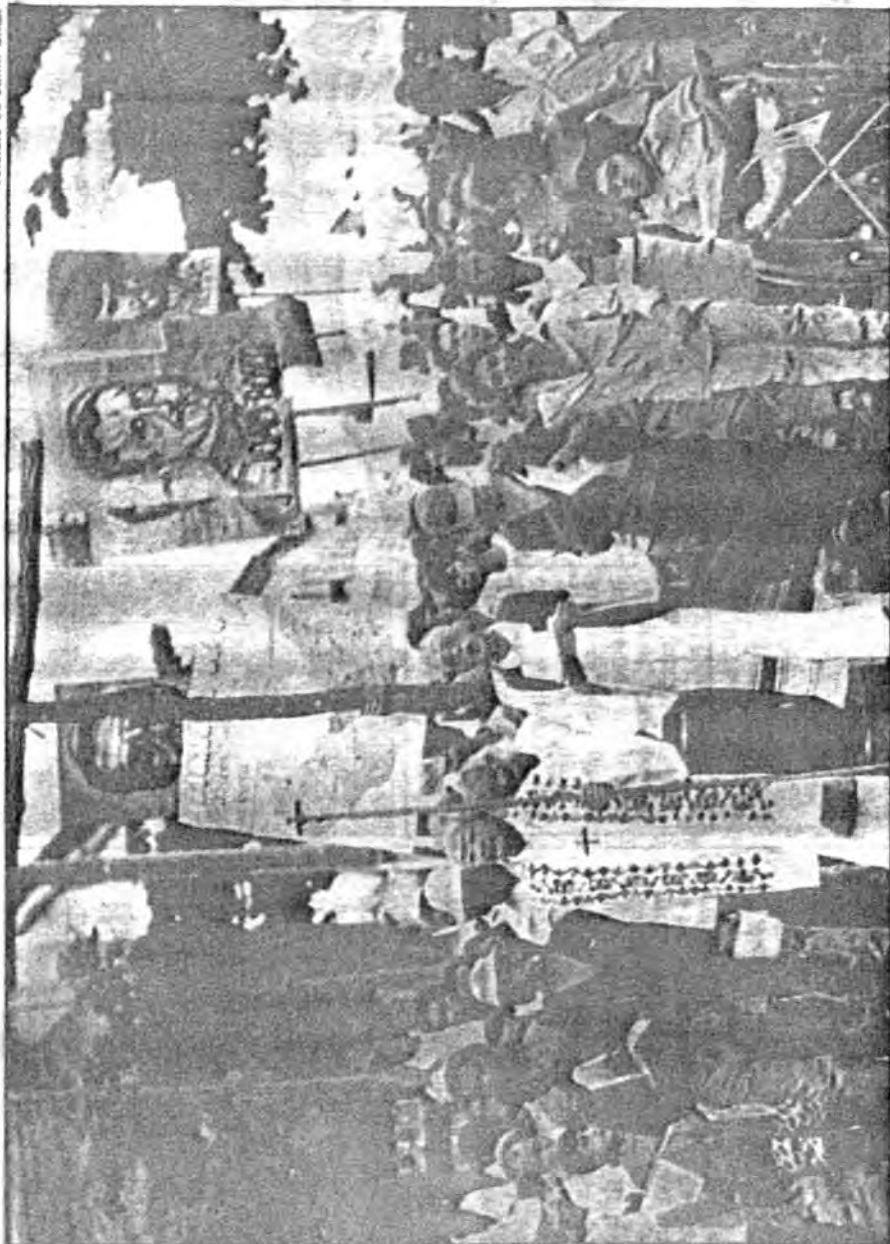


Boff denuncia "métodos ditatoriais"

Ato por Casaldáliga reúne

Telefoto de Jamil Bilar

cinco mil



Com cartazes lembrando os "mártires da caminhada da libertação", os romeiros seguem Casaldáliga (ao centro)

GOIÁS VELHO, GO — Cerca de cinco mil lavradores, membros das Comissões Pastorais da Terra da Região Centro-Oeste e representantes das Dioceses de Goiás Velho, São Félix do Araguaia e Goiânia, além da CNBB, participaram ontem da procissão e da Missa Campal celebrada nesta cidade pelos 20 anos da Diocese de Goiás. Também foram comemorados os 20 anos da Conferência Episcopal de Medellín, que marcou o lançamento da Teologia da Libertação na América Latina.

O ato religioso — co-celebrado pelos Bispos de Goiás Velho, Dom Thomaz Balduino, de São Félix do Araguaia, Dom Pedro Casaldáliga, e de Goiânia, Dom Antônio Ribeiro de Oliveira — transformou-se numa manifestação de desagravo a Casaldáliga pelas ameaças de punição com a "pena do silêncio", que teriam sido anunciadas pela Nunciatura Apostólica de Brasília.

Durante o sermão, o Bispo de Goiás foi demoradamente aplaudido quando declarou que as três dioceses estavam unidas em torno da "opção pelos pobres e marginalizados pela sociedade e pela Igreja". Ele disse que elas agiam "em comunhão da comunidade evangélica com o Santo Papa, sem a necessidade de interdições que, com a falácia, pretendem impedir a caminhada dos pobres para a libertação". Dom Antônio encerrou seu pronunciamento com um elogio a Casaldáliga:

— Ele está ajudando a fazer acontecer em Goiás e na América Latina o verdadeiro Evangelho que Jesus pregou para os pobres.

Os romeiros passaram o dia reunidos numa chácara da Diocese, concentrando-se no fim da tarde, numa praça da periferia de Goiás Velho. De lá, partiram para a cerimônia.

empunhando faixas e estandartes com nomes e desenhos dos "mártires da caminhada da libertação" — Padre Josino Moraes Tavares, Dom Oscar Romeiro (Arcebispo de El Salvador), João Bosco Burnier e o índio Marçal, entre outros, mortos em conflitos sociais na América Latina.

Até o início do percurso, o centro da cidade permaneceu alheio, man-

tendo a rotina da cidade histórica, berço da família Caiado. Só os fogos de artifício e os auto-falantes, que entoavam hinos religiosos e palavras de ordem, atraíram a atenção.

Dom Pedro Casaldáliga retirou do Evangelho sua mensagem aos fiéis e se utilizou de parábolas para evitar acirrar ainda mais o confronto com

seus opositores:

— Sejam simples como as pombas e astutos como as serpentes. O diabo, as grandes fazendas, a política pela conquista do poder não fazem parte da missão da Igreja. Jesus Cristo nos ensina a ser astutos, críticos, manter os olhos abertos e a consciência alertada para enxergar o mundo com clareza e justiça.

Para o Bispo, um documento indigno

GOIÁS VELHO — O Bispo da Prelazia de São Félix do Araguaia, Dom Pedro Casaldáliga, não considera suficientes as explicações prestadas pela Nunciatura Apostólica e pelo próprio Vaticano sobre o documento que lhe cassaria o direito de manifestação pública. O Bispo afirma ter duas cópias de uma intimação apócrifa, que lhe foi enviada junto a uma carta do Nuncio Apostólico em Brasília, Carlo Furno, e que ele classifica como "um documento sem dignidade e que ameaça a própria credibilidade da Nunciatura".

— Agora estes documentos são um cadáver sem identificação — definiu Casaldáliga.

Mesmo tendo negado oficialmente seu caráter intimidatório, o documento volta a abordar os mesmos pontos que foram levantados quando da visita do Bispo ao Vaticano, em junho. Entrevistado por Cardeais da Cúria Romana, o religioso foi inquirido sobre suas visitas à Nicarágua e o engajamento à Teologia da Libertação. A carta encaminhada por Dom Furno determina que Casaldáliga deve assiná-la, comprometendo-se a não mais visitar a Nicarágua, não fazer declarações públicas nem publicar livros ou artigos.

Para o Bispo, a própria apresentação do documento é suspeita. Casaldáliga estranhou que ele fosse redigido em papel timbrado da Nunciatura, pois chegara há pouco do Vaticano.

— Só se o Nuncio achou por bem traduzir o documento, que deve ter chegado ao Brasil redigido em latim. Um trabalho sem propósito, porque, por ser Bispo, domino o latim.

O Bispo de São Félix do Araguaia

foi orientado por alta fonte da Igreja a exigir uma investigação sobre a origem e os objetivos do documento. No entanto, negou-se a tomar a iniciativa, argumentando ser "contra qualquer tipo de inquisição".

O religioso considera claros os objetivos do documento, que representaria um segmento da Igreja e da sociedade "interessado em prejudicar a caminhada da Igreja latino-americana na direção dos povos marginalizados e em retirar a solidariedade à América Central e à Nicarágua".

Para ele, o interesse em esclarecer o episódio deve ser da própria Nunciatura e partir de uma exigência da sociedade.

— Caso o documento realmente tivesse o caráter que me foi transmitido, eu estaria de mãos amarradas se o assinasse. Se não o fizesse, seria um rebelde. Agora, nem um, nem outro.

Em Brasília, o Presidente da CNBB, Dom Luciano Mendes de Almeida, divulgou nota afirmando que Dom Pedro Casaldáliga entrará em contato com as Congregações Romanas para os esclarecimentos e diligências requeridas. "O intercâmbio entre bispos e a Sé Apostólica tem direito a ser feito, num clima de confiança e discreção, conforme o espírito evangélico, ao abrigo do sensacionalismo publicitário", lembra o Presidente da CNBB.

A nota reproduz comunicado divulgado pela Sala de Imprensa do Vaticano e transmitido à CNBB pelo Nuncio Apostólico, Dom Carlo Furno, esclarecendo que não são exatas as notícias divulgadas no Brasil de que Casaldáliga teria sido punido com o silêncio.

Bispos fazem carta aberta

Do enviado especial a Goiás Velho

Uma carta aberta de solidariedade ao bispo de São Félix do Araguaia, d. Pedro Casaldáliga, será divulgada ainda esta semana por aproximadamente 40 bispos brasileiros e já está recebendo assinaturas em várias dioceses de todo o país. Na carta, os bispos destacam a sua "estranheza" diante da forma como foi "vazada" a informação sobre as punições da Cúria Romana à Casaldáliga e revelam sua "admiração" pelo trabalho desenvolvido por Casaldáliga junto aos trabalhadores rurais e aos indígenas na Amazônia legal brasileira.

A assessoria jurídica da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) fará um exame rigoroso da "intimação" recebida por d. Pedro, para o posterior encaminhamento de um pedido de esclarecimento às congregações para a Doutrina da Fé e para os Bispos sobre esse documento e sua divulgação, através da imprensa, antes mesmo que houves-

se qualquer resposta do bispo.

Entre os assessores da Igreja presentes ontem em Goiás Velho, havia comentários informais de que o documento com restrições a Casaldáliga "existe, é inexplicável e merece ser esclarecido em todos os seus aspectos". Alguns padres diziam também que "as suspeições sobre Casaldáliga devem ser levantadas" e que "se isto não for feito a Santa Sé e a Nunciatura, em Brasília, ficarão em situação difícil por não estarem jogando limpo".

Confirmando a intenção de alguns organismos da Cúria Romana de castigarem Casaldáliga, a Folha apurou que está pendente, no Vaticano, o relatório sobre a "visita" realizada há nove anos a São Félix do Araguaia, por ordem de Roma, pelo então arcebispo de Teresina (PI), d. José Freire Falcão, hoje arcebispo de Brasília. Na sua visita a Roma, há dois meses, d. Pedro foi advertido que deveria aguardar as conclusões contidas nesse relatório.

(DA)

Fiéis são contra punição

Do enviado especial a Goiás Velho

Uma carta ao papa João Paulo 2º, pedindo que d. Pedro Casaldáliga não seja silenciado nem punido, será enviada hoje ao Vaticano por cem padres religiosos e leigos que participaram da 14ª Assembléia da Diocese de Goiás Velho, encerrada ontem com uma missa no centro da cidade. A carta foi escrita por um grupo de mulheres que participam das Comunidades Eclesiais de Base.

"Papa João de Deus — afirma a carta — nós queremos que o sr. não permita que d. Pedro se cale, pois ele precisa levar à frente este trabalho tão bonito que ele juntamente com outros bispos, padres e irmãs estão fazendo aqui no Brasil." Os militantes das CEBs afirmam que gostariam de "trazer Roma até aqui" e não somente o papa, para que "todos os seus ministérios sentissem um pouquinho da miséria que vive o nosso povo brasileiro".

Anteontem à noite, na reunião de encerramento da Assembléia Dioce-

sana de Goiás, Casaldáliga foi homenageado e deu uma bênção às comunidades. Ele afirmou que a prelaia de São Felix do Araguaia viveu os seus momentos mais graves na Diocese de Goiás e perguntou: "Se somos filhos da palavra de Deus, que nos criou e nos batizou, como vamos ficar em silêncio?"

Na Assembléia foi cantada a primeira música popular sobre o "silêncio" de Casaldáliga. A música diz: "querem calar a d. Pedro, mas ele não pode calar, ele é a voz da verdade, d. Pedro tem que falar; nem expulsando ou prendendo vão calar a voz do povo, a Igreja é a nossa voz e Pedro nos traz o novo; telefonemas choeram, de toda a parte do mundo, querendo esclarecimento do fato num só segundo, d. Pedro com sabedoria, esclarecia o assunto". Ontem, as comunidades de base da diocese se concentraram na chácara São José, a sete quilômetros do centro de Goiás, para festejar o fim da Assembléia e homenagear Casaldáliga. (DA)

'Progressistas' divulgam nota

GOIÁS VELHO(GO) — A chamada "ala progressista" da Igreja reagiu imediatamente à punição de silêncio imposta pelo Vaticano ao bispo de São Félix do Araguaia (MT), D. Pedro Casaldáliga. Em nota encabeçada pelo bispo de Goiás, D. Tomás Balduino, e que está sendo distribuída a todas as dioceses do país, os bispos desafiam o Vaticano e afirmam: "As causas pelas quais ele (D. Pedro) é repreendido são as nossas causas".

A nota é do conhecimento da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil — CNBB. Antes que fosse enviada às dioceses, o texto foi submetido ao presidente da entidade, D. Luciano Mendes de Almeida, que fez algumas sugestões e tirou uma frase que considerou ofensiva ao Papa João Paulo II: "Como os apóstolos de Cristo, os bispos não se intimidariam ante as perseguições dos reis de Israel". Mas D. Luciano desculpou-se e disse que, como presidente da CNBB, não convinha assinar a nota.

Os Bispos abrem nota dizendo que expressam publicamente sua estranheza pela divulgação das "punições" a D. Pedro Casaldáliga. Primeiro, porque a "intimação" que chegou às mãos do Prelado no dia 16 não tem assinatura de ninguém e nem os selos das congregações que a teriam enviado; segundo, porque antes de D. Pedro reagir ao documento, enviado pela Nunciatura Apostólica em caráter reservado e pessoal, os meios de

comunicação, referindo-se a um telex de Roma, publicaram com destaque reportagens sobre o assunto.

Comunhão— Em seguida, os bispos progressistas afirmam: "Como Igreja, nos sentimos no dever de manifestar nossa profunda comunhão com D. Pedro. O seu trabalho e a sua palavra são, para nós, e para todo povo latino-americano, uma fiel expressão do Evangelho de Jesus Cristo na linha do Concílio Vaticano II e do documento do Conselho Episcopal Latino-Americano, emitido em Medellín (1968) e em Puebla (1979), e em plena comunhão com a fé apostólica".

A nota é encerrada com um compromisso definitivo: "Nada nos fará abandonar o serviço efetivo aos povos indígenas, a caminhada dos lavradores e operários e a solidariedade latino-americana, especialmente aos povos irmãos oprimidos da América Central. Oramos ao Senhor e esperamos que, em breve, tudo isso se esclareça no sentido da unidade e do respeito à caminhada da Igreja de Deus na peregrina América Latina".

Durante todo o dia de hoje, cristãos das cidades ligadas à Diocese de Goiás farão manifestações de solidariedade a D. Pedro. Haverá passeatas com faixas e cartazes, celebrações e vigílias. Desde as 4 horas da madrugada de ontem, um grupo de pessoas faz vigília na casa paroquial de Goiás, em defesa do bispo de São Félix do Araguaia.

Fiéis fazem passeata e apóiam Casaldáliga

GOIÁS VELHO — Portando faixas e cartazes com fotos de lavradores e padres mortos na luta pela terra, cerca de 3 mil cristãos fizeram uma manifestação pelas ruas de Goiás Velho, para dar apoio ao bispo da cidade, D. Tomás Balduino, e ao mesmo tempo prestar solidariedade a D. Pedro Casaldáliga, ameaçado de punição pelo Vaticano.

A concentração coincidiu com a comemoração dos 20 anos de bispado de D. Tomás. Foi encerrada no início da noite com missa campal na Praça do Chafariz, celebrada pelo arcebispo de Goiânia, D. Antônio Ribeiro dos Santos, de tendência conservadora, auxiliado por D. Tomás e D. Pedro. Tudo isso, a menos de 50 metros da casa do ex-deputado do PDS Brasília Caiado, primo do presidente nacional da UDR, Ronaldo Caiado.

A Diocese de Goiás aproveitou a concentração para divulgar os resultados de sua assembléia diocesana, encerrada ontem, que estabelece as prioridades para os próximos anos: fortalecimento das polêmicas Comunidades Eclesiais de Base e intensificação da Pastoral Familiar, da Pastoral da Juventude e da luta em favor dos pequenos proprietários de terra e dos sem-terra. Ficou definido também que a Igreja aumentará seu trabalho na periferia da cidade, onde habitam principalmente pessoas expulsas do campo por causa dos conflitos agrários.

Carta ao papa — A assembléia diocesana da cidade de Goiás decidiu enviar uma carta, assinada por centenas de fiéis, ao papa João Paulo II, protestando contra a anunciada punição a D. Pedro Casaldáliga. "Papa João de Deus, nós leigos queremos que o senhor não permita que D. Pedro cale, pois ele precisa levar à frente este trabalho tão bonito, que juntamente com outros bispos, padres e irmãos, está fazendo no Brasil" escreveram os cristãos.

Prossegue a carta: "Quando D. Pedro celebra os mártires, não é só ele que pensa assim. Para nós todos, quem derrama seu sangue pelo amor ao irmão merece ser celebrado, pois o pobre Jesus derramou seu sangue pelos pobres. E ele se fez pequeno como nós. Aqui no Brasil temos intenso sofrimento, tais como os sem-terra, morando em barracos de palha, plásti-

cos, onde faltam alimentação, remédio, moradia, escola, água e luz. Vivemos no país onde o salário é o mais baixo do mundo."

Em Brasília, o nuncio apostólico D. Carlo Furno recusou-se a comentar o episódio em que se viu envolvido, permitindo que chegasse ao conhecimento público a decisão do Vaticano de punir o bispo de São Félix do Araguaia, D. Pedro Casaldáliga. O nuncio, espécie de embaixador do Papa no Brasil, passou o dia ausente da Nunciatura e voltou à noite. Também estava fora de Brasília o cardeal D. José Freire Falcão, em viagem a Fortaleza, de onde deverá voltar dia 1º de outubro.

Ao permitir o vazamento da decisão das Congregações do Vaticano para Doutrina da Fé e para os Bispos, D. Carlo Furno infringiu elementares regras diplomáticas. Esse "escorregão" poderá ter como consequência seu afastamento do cargo, ou outra punição, diante da contrariedade que seu gesto despertou em Roma. Já o cardeal D. José Freire Falcão foi escolhido pelo Vaticano em 1977 para uma missão sigilosa: procurar D. Pedro Casaldáliga e investigar suas atividades.

Goiás Velho (GO) — Moreira Mariz



Casaldáliga, à frente da passeata

D. Tomás diz que caso Casaldáliga revela "coerção interna" na Igreja

Fábri

CNBB discute 'intimação'

Do enviado especial a Goiás Velho

O bispo de Goiás, d. Tomás Balduino, um dos principais representantes da corrente "progressista" da Igreja Católica no Brasil, disse em entrevista exclusiva à Folha, que as pressões do Vaticano contra seu amigo, o bispo de São Félix do Araguaia (MT), d. Pedro Casaldáliga, "revelam algo inerente à estrutura eclesial que é monárquica, reveste-se do poder sagrado e usa instrumentos de coerção psicológica, entre os quais o segredo". Acrescentou que "isto inibe os elementos da Igreja, sobretudo se estão sozinhos ou isolados".

D. Tomás disse ter conhecimento da morte de vários colegas seus, bispos, "até mesmo de câncer, diante da decepção e da tortura representada pela convivência entre o que há de mais sagrado e o que existe de mais abjeto que a força da chicana, das intrigas e do isolamento forçado dentro da Igreja".

A Folha apurou que um dos bispos mais pressionados pelo Vaticano, nesta década, d. José Lamartine Soares, bispo auxiliar de d. Hélder Câmara em Olinda e Recife (PE), morreu de câncer há dois anos. As pressões da Cúria Romana são consideradas como um dos fatores que apressaram a sua morte.

Para d. Tomás —que ajudou a fundar, com Casaldáliga, a Comissão Pastoral da Terra (CPT) e o Conselho Indigenista Missionário (Cimi)— há uma "coerção psicológica" nas estruturas eclesialistas. "A gente se desvencilha mais facilmente de um tirano, do que dos instrumentos utilizados na Igreja para isolar, destruir e quebrar resistências psicológicas". Disse ainda que existem "dois tipos de silêncio: um que protege a identidade e os valores mais profundos e outro, imposto, pior do que a incomunicabilidade policial, que obriga as pessoas a se castrarem e a se isolarem".

As pressões contra Casaldáliga, segundo d. Tomás, "entram na sequência de outros fatos na Igreja" como a revisão do Concílio Vaticano 2º; a tentativa de rever o caráter jurídico e teológico das conferências episcopais, privilegiando o centralismo na Igreja; a celebração "triumfalista" dos 500 anos da evangelização da América Latina

Do enviado especial

A "intimação" do Vaticano ao bispo de São Félix do Araguaia, no Mato Grosso, d. Pedro Casaldáliga, é um dos temas da reunião da Comissão Episcopal de Pastoral (CEP) da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), que irá começar hoje, na sede da entidade, em Brasília.

Participam da reunião o presidente da Conferência dos Bispos e arcebispo de Mariana (MG), d. Luciano Mendes de Almeida; o vice-presidente, d. Paulo Eduardo Andrade Ponte; e o secretário-geral, d. Celso Queiroz.

Além desses, estarão presentes o arcebispo de Belo Horizonte (MG), d. Serafim Fernandes, o arcebispo-coadjutor de Belém (PA), d. Vicente Zico, e os bispos de Santa Cruz do Sul (RS), d. Sinésio Bohn; Guarabira (PB), d. Marcelo Carvalheira; Pelotas (RS), d. Jayme Chemello; Itaguaí (RJ), d. Vital Wilderink;

Nova Friburgo (RJ), d. Clemente Isnard; e Imperatriz (MA), d. Afonso Gregory.

Ao discutirem o caso, os bispos voltarão a pedir esclarecimentos ao núncio apostólico ("embaixador" do papa) em Brasília, d. Carlo Furno, sobre o "vazamento" da "intimação" feita pelo Vaticano ao bispo d. Pedro Casaldáliga.

O fato de a informação ter "vazado" é considerado na Igreja Católica como sendo "um precedente gravíssimo", considerando o sigilo dos setores burocráticos dessa instituição.

Não está também descartada a possibilidade de seja realizada uma viagem ao Vaticano de um dos membros da presidência da CNBB —ou de sua Comissão de Pastoral— para dar esclarecimentos "in loco" do caso de d. Pedro Casaldáliga.

A posição dos dirigentes da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil é de solidariedade ao bispo de São Félix do Araguaia.

(1492-1992); além do "avanço, na Igreja, de um episcopado escolhido sem atender aos critérios anteriores de consulta".

Perguntado sobre as causas do avanço do conservadorismo na Igreja, d. Tomás afirmou que os setores "conservadores" da Cúria Romana "agem cientificamente, beneficiados não somente pela técnica desenvolvida há séculos pela "inteligência" do Vaticano, mas também pela atuação de elementos simpáticos ou aliados ao Departamento de Estado norte-americano". Acrescentou que "antes da visita do papa João Paulo 2º à Nicarágua, em 1982, foi-lhe apresentado um relatório sobre a situação desse país, preparado pelo Departamento de Estado e que condicionou a visão pontifícia sobre a realidade nicaraguense".

Retomando a questão do "silêncio" na Igreja, d. Tomás disse que "hoje, qualquer crítica ou qualquer sinal de divergência na Igreja são interpretados como rebeldia" e perguntou: "Quem sabe a história de d. Paulo Evaristo Arns, d. Hélder Câmara ou de d. José Maria Pires com a Cúria Romana? Ninguém sabe, nem ficará sabendo".

(Dermi Azevedo)

Um santo de "jeans"

Sérgio Buarque de Gusmão

Quando o miúdo, inquieto padre europeu instalou sua alma de poeta naquele vilarejo miserável às margens do rio Araguaia, em 1968, logo percebeu que sua missão evangelizadora deveria começar não com sermões, mas com vermes. Na primeira semana, quatro crianças morreram — “e passaram por nossas casas em caixas de papelão, como sapatos, a caminho do cemitério”, anotou em seu diário o sacerdote espanhol Pedro Casaldáliga, despachado para aquele fim de mundo, a vila de Santa Terezinha, pela Ordem dos Claretianos. Bastava correr os olhos pela desgraça de seu rebanho para descobrir que ser padre no sertão de Mato Grosso não era a mesma coisa que pregar numa catedral de Gaudí em Barcelona.

Chocado, o padre Casaldáliga invertiu o curso de sua trajetória eclesástica — iniciada numa família, segundo ele, “católica e direitista, o que naqueles tempos eram uma coisa só”.

exemplo, uma sala do Vaticano decorada com pavões reais que devoram cordeiros, serpentes enroscadas, imagens sacras e sapeca um comentário: “Fellini faria uma festa maliciosa.”

Para a audiência com os bispos, usou uma jaqueta emprestada. Para o encontro com o papa, pediu um hábito a amigos em Roma. Não é um caso de desadaptação do homem à instituição. O bispo acha que um pastor deve ser como seu povo — e nisso é incomodamente coerente. Usa sandálias, veste jeans, anda a cavalo e a pé, mora num barraco e da indumentária oficial só se vale para rezar a missa. Quando foi sagrado bispo, em 1971, numa cerimônia crepuscular às margens do Araguaia, usou um chapéu sertanejo como mitra e uma borduna de pau-brasil, ofertada pelos índios tapirapés, como báculo.

É a sua opção. Por que incomoda tanto? Incomoda tanto que muitas vezes é achincalhado com acusações de coisas que não é — comunista, por exemplo, qualificação que para o senador Luiz Carlos Prestes é um elo-

Depois de odiar os republicanos que mataram seu tio Luís na Guerra Civil Espanhola, semelhar cursilhos da cristandade na África e achar que ser sacerdote era mediar a vida real com a eternidade, o padre Casaldáliga mudou sua rota e a partir daí passou a ser o que é: um santo.

Os santos, acreditem, ainda existem. Já não têm visões proféticas, que a ciência hoje diagnostica como crises psicóticas, nem fazem milagres, inclusive porque agora a Igreja Católica exige comprovação científica, mas existem santos que enaltecem a vida com o radicalismo da fé. Dom Pedro Casaldáliga é um deles. É um santo por sua mística, por sua coerência retilínea, que incomoda aos que o vêem sempre fiel à sua integridade de homem concreto, humanizado por seu trabalho pastoral. Casaldáliga não faz o elogio da alienação. Tudo o que diz pratica. Só diz o que pensa e sente. E, quando sente, fala — seja como pastor de índios e posseiros, em suas cartas pastorais e nas suas reflexões teológi-

cas, seja como poeta que fala ao coração dos homens, como mostra ao lembrar da avó Francisca, “que tinha a pele da mão quente e fina como um seio”.

Aos 60 anos, várias vezes ameaçado de morte ou de expulsão do país, em permanente rota de colisão com a Cúria Romana, dom Pedro Casaldáliga volta aos noticiários como personagem de uma confusa história de que está obrigado a calar a boca. O Vaticano, dizem, impôs-lhe o “silêncio obsequioso” com que já amordaçou o frei Leonardo Boff, um dos principais expoentes da Teologia da Libertação. Na verdade, Casaldáliga foi convocado a Roma para explicar por que se recusa a cumprir as visitas chamadas de *ad limina* — um instituto romano que obriga os bispos a ir à Santa Sé, a cada cinco anos, beijar a mão do papa. De quebra, foi interrogado sobre sua fé por dois cardeais. Com seus dotes de escritor, dom Pedro produziu comovente peça literária sobre esses encontros — capaz de divertir até mesmo ao carola mais fanático. Ele descreve, por

entregando o dossiê ao embaixador do Vaticano em Brasília, dom Carmine Rocco. A televisão foi chamada para testemunhar o ato de delação. Dias depois, dom Pedro dava a dom Geraldo, com cordial dedicatória, seu livro de poemas *Tierra Nuestra, Libertad...*

Corajoso, franco, sério, dom Pedro Casaldáliga deveria, pelo menos, ser reconhecido pelos que o combatem como um adversário leal. Antes de tentar matá-lo, com balas, como já fizeram, ou com cânones, como sempre tentam, seus inimigos poderiam verificar por que este espanhol atrevido tanto os incomoda. Talvez porque seja sério — e a seriedade, como notou o escritor Otto Maria Carpeaux, intelectual que fugiu do nazismo para o Brasil, é uma virtude dos santos. “O santo é o homem que possui a graça de levar o mundo mais a sério do que ele o merece”, ensinou Carpeaux. “Tão a sério que o seu caminho para o céu passa precisamente por este mundo.”

Sérgio Buarque de Gusmão é chefe da Redação de Sucursal do JORNAL DO BRASIL em São Paulo

Esquivel pode propor Casaldáliga para o Prêmio Nobel da Paz de 89

Da Reportagem Local

O Prêmio Nobel da Paz argentino Adolfo Pérez Esquivel está começando a manter entendimentos com as representações nacionais e regionais do Serviço Paz e Justiça (Serpaj), organismo pacifista e de direitos humanos que atua em toda a América Latina, para a indicação do bispo de São Félix do Araguaia (MT), d. Pedro Casaldáliga, ao Prêmio Nobel da Paz do próximo ano.

A principal justificativa de Esquivel, para a candidatura de Casaldáliga, é o trabalho realizado pelo bispo, há vinte anos, pela integração latino-americana e pelos direitos dos indígenas e dos trabalhadores rurais, na Amazônia Legal brasileira.

D. Pedro Casaldáliga recebeu, há um mês, uma "Intimação" das

Congregações vaticanas para a Doutrina da Fé e para os Bispos, contendo uma série de restrições à sua liberdade de atuação pastoral. Entre essas restrições (que vigorariam caso o bispo fivesse assinado o documento de Roma) estaria a necessidade de pedir licença aos bispos da América Central —sobre tudo os da Nicarágua— caso volte a visitar essa região.

A reação de Casaldáliga e a repercussão nacional e internacional do seu caso frustrou a iniciativa de setores "conservadores" da Cúria Romana.

Entidades de direitos humanos e pastorais de São Paulo estarão reunidas, na próxima segunda-feira, para analisarem o caso Casaldáliga e definirem a intensificação da solidariedade para com o bispo de São Félix.

Ele virá a São Paulo, em outubro próximo, para lançar, dia 29, o seu novo livro "Na procura do Reino", publicado pela Editora FTD (dos Irmãos Maristas).

Paralelamente, está sendo concluída a coleta de assinaturas de bispos para uma carta aberta em apoio a Casaldáliga, sob a coordenação do bispo de Goiás (GO), d. Tomás Balduino.

A carta expressa, também, a "estraneza" dos bispos diante do "vazamento" de informações indicando que a punição a d. Pedro já estava consumada. A carta já foi enviada ao papa João Paulo 2º, no Vaticano.

O caso de d. Pedro Casaldáliga será, também, lembrado numa vigília pela paz na América Central que será realizada, em todo o país, no próximo dia 4.

Luis Inacio Lula da Silva

Solidariedade ao irmão Pedro

A anunciada punição, pela Cúria Romana, ao bispo d. Pedro Casaldáliga, condenando-o ao silêncio e proibindo-o de se deslocar livremente, merece a reprovção não apenas dos cristãos, mas de todos aqueles que, independentemente de crença ou fé, têm compromissos com a verdade, a justiça social e a liberdade.

Sim, porque durante 20 anos de ação pastoral no sertão do Brasil, servindo à Prelazia de São Félix do Araguaia, o trabalho de d. Pedro tem sido o de levar conforto e solidariedade, em nome da Igreja, a milhares de camponeses, índios, operários, sem-terra, desvalidos e perseguidos. Enfrentando toda sorte de ameaças, violências e até mesmo atentados, d. Pedro nunca se deixou intimidar e continua combatendo as injustiças, deixando sua marca de animador, porta-voz e conselheiro aos pobres e oprimidos.

Já não se trata, simplesmente, de enquadrar a perseguição ao bispo na rede de manobras dos conservadores, na disputa ideológica que se trava no interior da Igreja, cujo episódio mais recente foi a investida contra a arquidiocese de São Paulo, para tentar enfraquecer o prestígio do cardeal Arns. Agora, a coisa realmente passa dos limites.

Para além da punição sem culpa, que por si só sempre justifica nossa indignação, no caso de d. Pedro há razões adicionais para a gente ficar revoltado. Primeiro, pelo que tenho sido informado, nem se sabe ao certo qual a autoridade responsável pela intimação a d. Pedro. É tudo muito nebuloso, ninguém assina nada e todos procuram livrar a cara. Depois, a punição, se oficializada pelo Vaticano — e isto é muito grave —, viola flagrantemente os direitos do homem e as liberdades fundamentais, entre elas a liberdade de pensamento e de consciência. E ninguém ignora que o Estado do Vaticano assinou convenção internacional de adesão e respeito à Declaração Universal dos Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas (ONU).

Além disso conversando com o companheiro Hélio Bicudo, jurista católico respeitável, tomei conhecimento de que o próprio processo movido contra d. Pedro, a advertência e a punição, nada disso está de acordo com o que prevêem as normas da Igreja. Tanto que tem sido grande a confusão entre os porta-vozes e comunicados do Vaticano pretendendo explicar a opinião pública o injustificável.

Ora, não se pode concordar que a Cúria Romana, atropelando suas próprias regras e passando por cima de sua atuação no campo dos direitos humanos, imponha qualquer punição a um bispo que tem dedicado sua vida ao apostolado, no exercício de uma missão consagrada aos pobres do Brasil.

Calar, nessa hora, significaria ser conivente com a injustiça. Não agir, tolerar, manter-se indiferente, seria concordar com a condenação de um inocente. Vamos tomar a defesa de d. Pedro, para que ninguém detenha sua caminhada serena, nem consiga calar sua voz lúcida.

Companheiro Pedro, irmão, amigo, conte com nosso apoio e solidariedade sempre.

Luis Inacio Lula da Silva escreve às segundas-feiras nesta coluna.

D. Pedro recebe novas manifestações de solidariedade

Diversas entidades populares e democráticas continuam enviando a D. Pedro Casaldáliga manifestações de solidariedade contra a tentativa de punição pelo Vaticano. O CEDI enviou o seguinte telegrama: *"Pedro, irmão e Bispo, calar tua voz e amarrar teus pés cai sobre nós. Sofremos como sofrem aqueles que sempre foram abençoados pela tua voz profética, por tuas caminhadas evangélicas. Como aconteceu ao primeiro Pedro, rezamos para que tuas cadeias caiam muito breve. Recebe nosso abraço fraterno solidário"*.

CPT: solidariedade a Casaldáliga

A Comissão Pastoral da Terra - CPT - ao lado de outras pastorais da Igreja, foi colhida de surpresa pela divulgação na imprensa de uma série de medidas punitivas que teriam sido tomadas pela cúria romana e contra dom Pedro Casaldáliga.

Em contato com dom Pedro, fomos informados de que ele recebera uma intimação sem a assinatura e sem os selos da congregação que a teria enviado. Antes de tomar qualquer providência com relação a este documento, dom Pedro foi surpreendido com a publicação das medidas pelos meios de comunicação.

A Comissão Pastoral da Terra exprime seu inconformismo com relação ao conteúdo das medidas punitivas e com os métodos utilizados para anunciá-las à sociedade. Entendemos tais métodos como contrários à ética e ao respeito que se deve à pessoa e ao serviço que dom Pedro prestou durante toda a sua vida - e continua prestando - aos trabalhadores e à Igreja.

A vida de dom Pedro Casaldáliga é o testemunho mais eloquente do seu compromisso com o

evangelho de Cristo. O evangelho, despido de qualquer adereço que as contingências políticas eventualmente acrescentam é a chama que alimenta a vida deste pastor. Pela fidelidade ao evangelho, dom Pedro tornou-se o bispo dos posseiros, dos lavradores, dos índios. Por eles, dom Pedro expôs sua figura frágil e forte nos campos de batalha da América Central, particularmente na Nicarágua, em defesa de um povo oprimido que se liberta.

A CPT, fundada entre outros por dom Pedro Casaldáliga para testemunhar o evangelho de Jesus Cristo nas lutas dos trabalhadores rurais brasileiros, solidariza-se incondicionalmente com ele. A causa de dom Pedro é a causa dos trabalhadores oprimidos deste continente, é a nossa causa. Não é possível ser presença de caridade na América Latina sem abraçar e se comprometer profundamente com o processo libertador dos trabalhadores e sem manter a chama viva da solidariedade entre os povos irmãos.

Goiânia, 23 de setembro de 1988
Secretariado Nacional da CPT

D. Evaristo Arns fará homenagem a Casaldaliga

SÃO PAULO — O Bispo de São Félix do Araguaia, Dom Pedro Casaldaliga, e o teólogo Gustavo Gutierrez, considerado o "pai" da Teologia da Libertação, serão homenageados em São Paulo durante um ciclo de palestras na Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo, nos dias 25, 26 e 27. Esta é a forma que Dom Paulo Evaristo Arns, da Arquidiocese de São Paulo, encontrou para homenagear Gutierrez, que fez 60 anos recentemente, e o Bispo, que recebeu uma intimação do Vaticano, convidando-o a subscrever documento comprometendo-se a não falar, entre outros assuntos, sobre a Teologia da Libertação.

As palestras são promovidas pelo Departamento de Teologia e Reitoria da PUC/SP e pelo Centro Ecológico de Serviços à Evangelização e Educação Popular, com o apoio do Centro de Direitos Humanos e da Faculdade de Teologia Nossa Senhora Assunção.

● DIVISÃO — A decisão do Vaticano de dividir em cinco dioceses a Arquidiocese de São Paulo, dirigida por Dom Paulo Evaristo Arns, "destroi uma esperançosa via de desenvolvimento", segundo a organização pacifista católica Pax Christi, em Frankfurt. Para a entidade, a medida porá fim a uma orientação prioritária dirigida às camadas mais pobres da população brasileira.

Clero de N. Iguaçu ameaça romper com Papa

Antônio Barros

NOVA IGUAÇU (Sucursal) - A advertência imposta pelo Vaticano a Dom Pedro Casaldáliga, Bispo de São Félix do Araguaia, no Mato Grosso, advertido por suas viagens à Nicarágua sem autorização, continuam repercutindo negativamente no clero. Em carta enviada aos cardeais Bernardin Gantin e Joseph Ratzinger, das congregações para os bispos e para a doutrina da fé, em Roma, 110 religiosos e leigos de Nova Iguaçu manifestaram o seu repúdio às ameaças de punição ao bispo, classificando-as de "arbitrárias e irresponsáveis", e podem partir para a desobediência evangélica, rompendo com o Vaticano caso as medidas se concretizem.

Em um trecho do documento, organizado pela Coordenadoria Eclesiástica de Pesquisa e Solidariedade, os padres afirmam: "Não aceitaremos entregar mais cabeças, seja para o imperialismo norte-americano, seja para o imperialismo eclesástico. Permaneceremos firmes na desobediência evangélica e na resistência organizada para construir com os pobres a nova sociedade e a nova Igreja."

A carta enviada no dia 28 de setembro à Cúria Romana, até agora não foi respondida. Várias cópias do documento foram remetidas também para outros bispos do Brasil, além de Dom Adriano Hipólito, bispo de Nova Iguaçu, que está em

viagem, e, por enquanto, não manifestou qualquer posição a respeito do assunto.

"Infelizmente estamos vendo se repetir o mesmo processo do qual vítima o Frei Leonardo Boff, tendo agravante de que esta é a primeira vez em toda a história da Igreja Católica Brasileira que isto envolva um bispo", lamentou o presidente da Coordenadoria Eclesiástica de Pesquisa e Solidariedade, padre Carlos dos Santos.

Em outro trecho do documento, os religiosos afirmam estar "entristecidos e envergonhados" com a medida tomada pelo Vaticano, pois Dom Pedro Casaldáliga tem sido aquele que melhor encarnou a opção pelos pobres ditada pelo evangelho o que, segundo os padres "lhe valeu a perseguição nos tempos de ditadura militar, e hoje, na nova velha república, a entrada para a lista da União Democrática Ruralista (UDR), marcado para morrer".

Segundo acreditam os religiosos, as ameaças feitas a Dom Pedro por sua congregação são consequência de um processo de ataque da Igreja de Roma contra a Igreja dos pobres na América Latina e no Terceiro Mundo, atendendo a interesses norte-americanos. "O Brasil está servindo apenas de bode expiatório", afirmou o padre Carlos dos Santos, acrescentando que os padres e leigos da Baixada não aceitarão passivos um retorno a Trento concílio católico que implantou a inquisição - e, conseqüentemente, uma "volta à grande disciplina".

"Nós não aceitaremos calados"

Esta é a íntegra da carta enviada pelos religiosos de Nova Iguaçu à Congregação dos Bispos e à Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé:

"Senhor Cardeal,

Acabamos de receber, entristecidos e envergonhados, a notícia das punições impostas por sua Congregação a Dom Pedro Casaldáliga, Bispo de São Félix do Araguaia-MT.

Conhecendo pessoalmente a Dom Pedro e tendo-o como irmão e companheiro, sabemos que ele reúne as qualidades requeridas pela mais antiga Tradição para um Bispo: pastor, profeta, poeta e santo. Dom Pedro tem sido, entre nós, aquele que melhor encarnou a opção pelos pobres do Evangelho na sua dedicação aos povos indígenas, aos camponeses sem terra, aos trabalhadores explorados e a todos os marginalizados por este nosso sistema iníquo. Ter sido conseqüente no seu pastoreio profético só valeu a Dom Pedro a bem-aventurança evangélica da perseguição nos tempos terríveis da ditadura militar, e hoje, na nova-velha República, a entrada para a lista da União Democrática Ruralista - UDR, marcado para morrer!

Por isso, estamos convencidos com outros irmãos Bispos solidários de que "as causas pelas quais ele é repreendido são as nossas causas" e, portanto, "como Igreja, nos sentimos no dever de manifestar nossa profunda comunhão com Dom Pedro. O seu trabalho e a sua palavra são, para nós, e para todo o povo latino-americano, uma fiel expressão do Evangelho de Jesus Cristo na linha do Concílio Vaticano II e do

documento do Conselho Episcopal Latino-Americano, emitido em Medellín e em Puebla, e em plena comunhão com a fé apostólica." (Nota divulgada por Bispos brasileiros JB, 25/09/88, p. 12)

Acreditamos ainda que as punições impostas a Dom Pedro por sua Congregação são apenas consequência de um processo de ataque da Igreja de Roma contra a Igreja dos pobres no Brasil, na América Latina e no Terceiro Mundo satisfazendo, neste momento histórico, os reais interesses da administração norte-americana. Por isso manifestamos nosso total apoio e solidariedade a Dom Pedro porque nele reconhecemos o rosto de uma Igreja que quer ser fiel a Jesus Cristo, "sem impérios e oligarquias", sem exploradores e explorados. Por outro lado manifestamos nossa preocupação com o nosso repúdio pela medida arbitrária e irresponsável tomada por sua Congregação, surpreendendo o povo de Deus no Brasil e desobedecendo ao preceito evangélico que manda "não escandalizar".

Saiba, Senhor Cardeal, que não aceitaremos calados, passivos ou indiferentes um retorno a Trento portanto, uma "volta à grande disciplina". Não aceitaremos "entregar mais cabeças" seja para o imperialismo norte-americano, seja para o imperialismo eclesástico - ambas pecam pelo exercício do poder de domínio. Permaneceremos firmes na "desobediência evangélica" e na resistência organizada para construir com os pobres a nova sociedade e a nova Igreja."

In caritate Christi, Padre Carlos dos Santos e 110 assinaturas

CEBs do Rio acusam Roma de imperialismo

Da Sucursal do Rio

Um documento com 111 assinaturas de integrantes das comunidades eclesiais de base (Ceb's) de Nova Iguaçu, a 35 km do Rio, foi enviado ao Vaticano no último dia 28, com críticas à advertência feita ao bispo de São Félix do Araguaia (GO), d. Pedro Casaldáliga. Os signatários (entre os quais se encontram cinco padres) classificaram a atitude da Cúria Romana de "arbitrária e irresponsável" e compararam o "imperialismo eclesiástico" ao "imperialismo norte-americano". Os signatários afirmam que continuarão em sua "desobediência evangélica" e "resistência organizada".

"Queremos mostrar que continuamos mobilizados e não aceitaremos medidas dos que fazem tudo para salvar a instituição eclesiástica e

não seguem o projeto de Jesus Cristo que, antes de mais nada, era um libertador", disse ontem o presidente da Coordenadoria Ecumênica de Pesquisa e Solidariedade, o padre Carlos César dos Santos, 33, idealizador do abaixo-assinado endereçado aos cardeais Bernadin Gantin, prefeito da Congregação dos Bispos, e Joseph Ratzinger, prefeito da Sagrada Congregação para Doutrina da Fé. Santos disse que o incidente criado em setembro com a advertência a Casaldáliga não se encerrou com a negativa do Vaticano sobre uma futura punição ao bispo, "os fatos estão seguindo a lógica do que aconteceu com frei Leonardo Boff. Primeiro, a notícia de uma possível punição estourou na imprensa. Depois Roma negou e as coisas esfriaram e deu o bote quando as CEBs pararam a pressão".

É GRANDE A SOLIDARIEDADE A D. PEDRO CASALDÁLIGA

São Paulo, SP (AGEN) - O Conselho Nacional de Leigos, a Comissão Justiça e Paz de São Paulo e um grupo de leigos, religiosos e religiosas reunidos para estudar a Palavra de Deus, foram, entre muitos, os que mandaram mensagens de solidariedade a d. Pedro Casaldàliga, bispo de São Félix do Araguaia, ameaçado com medidas punitivas pelo Vaticano.

Em textos curtos, mas carregados de sinceridade, os remetentes expressaram seus desagrados frente à questão. O Conselho Nacional de Leigos, por exemplo, em carta datada de 30 de setembro, afirmava: "é de causar estranheza e indignação assistir a fatos como esse que

ora atinge d. Pedro Casaldàliga dentro da própria Igreja. Isso revela o grande distanciamento de alguns membros da Igreja em relação à pessoa humana, ao processo de libertação do povo e, por que não dizer, em relação ao próprio Evangelho de Jesus Cristo".

Subversão - Eis o texto da carta da Comissão Justiça e Paz: "o episódio da disputa processual entre o bispo de São Félix do Araguaia e o Vaticano, em seu aspecto jurídico, ameaça abafar algo de muito importante para a comunidade cristã universal. Trata-se de saber se o Evangelho nos obriga a superar, a todo momento, os convencionalismos da ordem estabelecida, para darmos o nosso

apoio aos pobres de Deus, aos excluídos desse mundo e aos desprezados, ou se, em qualquer circunstância, é preciso seguir os mandamentos das autoridades estabelecidas e abdicar da liberdade dos justos.

Jesus foi, em seu tempo e no seu meio, o mais notável adversário da ordem oficial. Os cristãos, já no século 2º, eram taxados por Tácito de subversivos (eversores ordinis). A Comissão Justiça e Paz de São Paulo saúda em d. Pedro Casaldàliga o chefe espiritual que sacode, a tempo e a contratempo, a tibieza e a dissimulação da comunidade cristã, para salvar a Vida e o Amor".

Bispos fazem em São Paulo um desagravo a Casaldáliga

SÃO PAULO — Nada menos de 19 bispos brasileiros — entre eles Dom Mauro Morelli, de Duque de Caxias (RJ); Dom Valdir Calheiros, de Volta Redonda (RJ); Dom José Maria Pires, o Dom Pelé, da Paraíba (nome da arquidiocese com sede em João Pessoa (PB)); e Dom Antônio Frago, de Crateús (CE), todos figuras exponenciais da chamada ala progressista da Igreja — estiveram presentes na noite de quarta-feira à palestra de Dom Pedro Casaldáliga, bispo de São Félix do Araguaia (MT), a mais concorrida do encontro de teologia "Vinte anos após Medellín", promovido pela Pontifícia Universidade Católica (PUC) e pelo Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular (Cesep), com o apoio de 50 entidades religiosas e civis.



Dom Pedro Casaldáliga

Foi o maior desagravo que o bispo de São Félix do Araguaia recebeu, desde que, há algumas semanas, uma carta do Vaticano solicitou-lhe um "silêncio obsequioso" sobre temas como a teologia da libertação e a continuação de suas viagens à Nicarágua. Dom Pedro falou por quase uma hora, na Igreja de São Domingos, no bairro das Perdizes, Zona Oeste da capital, para uma atenta plateia de 1.500 pessoas, desenvolvendo o tema A Caminho do Ano 2000 Passando por São Domingos (1992). Nesse ano serão comemorados os 500 anos da descoberta da América por Cristóvão Colombo, que aportou onde hoje é o país São Domingos. O bispo foi precedido por intervenções rápidas do reitor da PUC, Luiz Eduardo Vanderlei, do chefe do Departamento de Teologia da mesma universidade, Sílvio José Pilon, e do bispo mexicano Dom Samuel Ruiz, um respeitado teólogo do grupo progressista. Quando começou, sob uma chuva de aplausos, Dom Pedro mostrou, definitivamente, que dele ninguém deve esperar qualquer tipo de silêncio, muito menos o obsequioso.

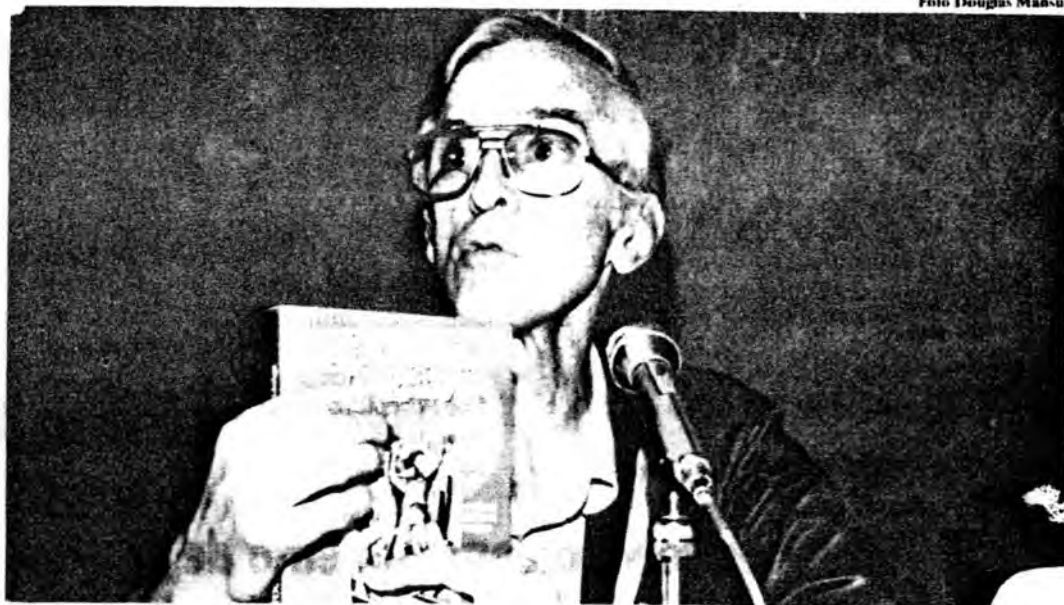
A Igreja de São Paulo mereceu um emocionado agradecimento pela "solidariedade explícita" que tem prestado à luta desenvolvida na região do Araguaia. "Se continuamos caminhando, sem dúvida devemos isso à solidariedade da Arquidiocese de São Paulo", disse Dom Pedro. A "querida Nicarágua", como ele chama esse país de conflito na América Central, mereceu elogios diversos e a proposta concreta de que a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) comandará uma campanha de levantamento de fundos, para ajudar as vítimas do furacão Joana, que assolou o país na semana passada. "Dom Luciano (Mendes de Almeida, presidente da CNBB) me prometeu que vai abrir uma conta bancária para ajudar a Nicarágua - e estou dizendo isso aqui para comprometé-lo publicamente", disse o bispo de São Félix, arrancando gargalhadas do auditório. Logo a seguir rezou um Pai Nosso com todos de pé.

Não faltaram farpas afiadas — mas sempre bem humoradas — ao Vaticano e à Igreja conservadora. "Se eu ou Leonardo (Boff, o franciscano que foi punido com o "silêncio obsequioso" pela Santa Sé) disséssemos que a evangelização deve se renovar no conteúdo, ganhávamos outro pito. Mas quem disse isso foi o papa", afirmou o bispo, provocando mais gargalhadas. Para Dom Pedro, a Igreja deve ter um sentimento de "remorso e autocrítica" no aniversário dos 500 anos de descoberta da América - "Remorso frente ao massacre secular coletivo dos índios e dos negros, com muita frequência em nome de Deus". A autocrítica, para ele, deve ter como base o fortalecimento do que chama "Igreja católica, apostólica latino-americana".

Sobre Medellín, onde a Igreja definiu a "opção preferencial pelos pobres", base da teologia da libertação, Casaldáliga afirmou que "foi o maior acontecimento eclesialístico de toda a história da América Latina". O bispo de São Félix do Araguaia foi mais uma vez aplaudido quando voltou a condenar a decisão da Assembleia Nacional Constituinte sobre a reforma agrária: "O fato de a Constituinte ter negado a reforma agrária jamais poderá ser perdoado. É um pecado mortal para a democracia do Brasil".

Casaldáliga: na procura do reino

Foto Douglas Mansur



O bispo de São Félix do Araguaia, D. Pedro Casaldáliga, vai escrever ao Papa João Paulo II para explicar o trabalho pastoral da diocese e eliminar qualquer dúvida quanto à sua atuação junto às comunidades. A revelação foi feita por D. Pedro em entrevista ao Aconteceu, em São Paulo, durante o lançamento de seu livro, "Na Procura do Reino".

D. Pedro revelou que o episódio das restrições pelo Vaticano já está superado e serviu apenas para reforçar ainda mais a caminhada de luta junto ao povo oprimido. Na sua opinião, a reação do Vaticano reflete uma postura de defesa de quem se sente ameaçado pela proposta nova de uma ação pastoral voltada para os interesses de uma América Latina que luta para ser independente e livre.

Na Procura do Reino é uma coletânea de textos "sobre as causas maiores da vida", sobretudo nos últimos 20 anos. O lançamento foi no Instituto Sedes Sapientes, na capital paulista, organizado pelo próprio instituto, junto com um grupo de "amigos históricos" do bispo de São Félix. O livro comemora os 20 anos da reunião de Medellín, que coincide com os 20 anos de Pedro no Brasil.

Seus próprios títulos explicam o conteúdo teológico, social e político dos textos abordando temas referentes a fé e política; fé e re-

volução; o compromisso com os povos da Terra e os povos proibidos, como os índios e os negros, ampliando fronteiras.

A sua paixão pela América Latina está explícita na proposta de continentalidade sempre com o ponto de vista do cristão que compreende o ponto de vista do Verbo encarnado.

- Só podemos anunciar a fé se nos comprometemos com o hoje de Deus vivo, na atualidade do espírito. Ressalta Pedro.

Após passar por uma reflexão sobre a presença dos mártires, mortos e vivos, D. Pedro aborda também o tema Maria, mãe de Jesus, com uma visão pura e questionadora. Ao final, a presença de Deus/Jesus Cristo através de seus poemas (muitos deles inéditos). "Estamos na hora de recuperar Deus", disse D. Pedro.

Centenas de pessoas compareceram ao ato de lançamento do livro que começou com uma saudação a D. Pedro feita pelos componentes da mesa e terminou com uma saudação a D. Pedro feita pelos componentes da mesa e terminou com música, preparada especialmente para o ato. Ao voltar para São Félix, D. Pedro reafirmou o compromisso solidário com o povo e disse que tudo o que aconteceu reforça a sua luta.

PARA CNBB, CASALDÁLIGA É APENAS UM BISPO

Dom Luciano fala de seu respeito a Casaldáliga

BELO HORIZONTE — "Tenho grande respeito por Dom Pedro Casaldáliga e não o critico: não sou juiz", disse ontem o presidente da CNBB e arcebispo de Mariana, Dom Luciano Mendes de Almeida, referindo-se ao episódio envolvendo Roma e o bispo de São Félix do Araguaia (MT), possível tema da reunião da entidade hoje em Brasília. Dom Luciano nega que o texto da nota de

apoio a Dom Pedro lhe tenha sido previamente submetida pelo bispo de Goiás Velho, Dom Tomás Balduino; mas na cidade goiana afirma-se que não só a nota lhe foi lida como ele pediu (e foi atendido) fosse suprimido um trecho que julgou agressivo em relação ao Papa. Dom Luciano avisou depois a Dom Pedro que concordava com a nota mas achava que como presidente da CNBB não deveria assiná-la.

D. Luciano vai discutir caso Casaldáliga com o papa

Toda Mar

DERMI AZEVEDO

Do Reportagem Local

O presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), d. Luciano Mendes de Almeida, viajará a Roma, na próxima semana, para discutir com o papa João Paulo 2º o caso da "intimação" enviada há três semanas ao bispo de São Félix do Araguaia (MT), d. Pedro Casaldáliga. D. Luciano entregará ao papa uma carta das Comunidades Eclesiais de Base (da diocese de Goiás Velho (141 km de Goiânia)) assinada pelos 100 participantes da 14ª Assembleia Diocesana local.

D. Luciano disse ontem de manhã aos bispos e assessores da Igreja que participam, em Brasília, da reunião ordinária da Comissão Episcopal de Pastoral (CEP), organismo executivo da CNBB, que "existe e tem caráter oficial" o documento do Vaticano dirigido a d. Pedro Casaldáliga, mesmo sem o timbre e sem a assinatura dos cardeais Joseph Ratzinger, prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé e do seu colega, cardeal Bernardin Gantin, prefeito da Congregação para os Bispos.

O presidente da CNBB disse,

depois, que a imprensa está tratando este caso de forma "sensacionalista". afirmou, também, que a "intimação" exige que d. Luciano, em suas viagens à América Central, peça autorização aos bispos locais para poder fazer pregações nas igrejas e que evite contatos políticos, de acordo com as normas eclesiais para os clérigos. D. Luciano acrescentou, ainda, que os católicos brasileiros "têm medo" para se manifestarem sobre o caso Casaldáliga, embora ele não veja tantos motivos para isso.

A direção da Igreja Católica no Brasil foi, mais uma vez, surpreendida por procedimentos ligados a seus membros, executados à revelia. Isto já ocorreu há três anos quando o teólogo franciscano Leonardo Boff foi punido com um "silêncio obscuro" por sua crítica à aprovação da Congregação para a Doutrina da Fé ao seu livro "Igreja, Carisma e Poder".

Com base nos entendimentos posteriores, mantidos com o papa e com o cardeal-prefeito da Congregação para os Bispos, d. Bernardin Gantin, a CNBB já considerava "superada" a prática dos canais paralelos entre o Vaticano e setores da Igreja no

Brasil, marginalizando a conferência episcopal. Por isso, diante do caso Casaldáliga, a conferência voltará a invocar a aplicação do "princípio da subsidiariedade", herança das ciências sociais. Segundo este princípio, uma instância superior de poder só interveem nos assuntos internos de uma instância inferior, depois de esgotadas todas as providências em nível local.

Apoio

A Comissão Justiça e Paz da Arquidiocese de São Paulo e a Comissão Teotônio Vilela, de direitos humanos, divulgaram ontem, em São Paulo, notas de apoio a d. Pedro Casaldáliga, diante da "intimação" que recebeu do Vaticano. A nota da Justiça e Paz afirma que "o episódio da disputa processual entre o bispo de S. Félix do Araguaia e o Vaticano, em seu aspecto jurídico, ameaça abafar algo de muito importante para a comunidade cristã universal".

A nota da Comissão Teotônio Vilela afirma que Casaldáliga está sendo atingido por "atitudes arbitrárias, no conteúdo e na forma, que violam os sagrados direitos (de d. Pedro) como homem e sacerdote".

Bispo diz que concorda com a intimação

Do Sucursal de Brasília

O presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), d. Luciano Mendes de Almeida, disse ontem que assinaria a intimação enviada pelo Vaticano ao bispo de São Félix do Araguaia (MT), d. Pedro Casaldáliga, caso tivesse sido ele (d. Luciano) o destinatário. Ele disse que concorda com as orientações contidas na intimação, acrescentando que o conteúdo do documento foi "deformado" pela imprensa. D. Luciano classificou de "advertência e lembrança das obrigações episcopais", sem caráter punitivo.

O presidente da CNBB disse que se ofereceu para ser o intermediário entre Casaldáliga e o Vaticano, mas nada havia sido acertado. Segundo ele, este tipo de intimação enviada a Casaldáliga não é inédito. "Inédito é sua divulgação". O bispo disse que a origem do "vazamento" da notícia é uma incógnita e que seria "severo" com quem deu a informação.

Dizendo que não tentaria minimizar a importância do episódio, d. Luciano afirmou que era preciso "estabelecer os fatos", já que até aquele momento o que havia eram interpretações. O fato, segundo ele, é uma "carta" das Sagradas Congregações para a Doutrina da Fé e para os Bispos a um bispo, em seguida à visita "ad limina" realizada por Casaldáliga, em junho, ao Vaticano, sem caráter punitivo.

D. Luciano disse não saber quais seriam as consequências de uma recusa definitiva de Casaldáliga em assinar a intimação (o que equivale a dizer que está ciente) e em voltar ao Vaticano. Ele disse que não há um precedente e que não considerava episódios isolados. afirmou, porém, que é comum ao fato de a "carta" não estar assinada, já que as correspondências diplomáticas da Igreja normalmente são encaminhadas em envelopes e decodificadas pelas autoridades.

Durante a entrevista, d. Luciano estava com uma carta de intimação, cuja origem ele, mesmo após uma

certeza. "Colocaram na minha mesa dizendo que Casaldáliga tinha me mandado, é só o que sei", afirmou. Para ele, o fato de um bispo ter sido intimado sem o conhecimento da CNBB não representa uma quebra de hierarquia na Igreja. "Há a Nunciatura...", disse.

O presidente da CNBB disse que a intimação do Vaticano tem quatro determinações, que são feitas "a todos os bispos, porque ninguém é bispo sozinho, é bispo na Igreja universal". Os quatro itens que citou são: 1) Atender-se às orientações dadas pela Santa Sé nos seus pronunciamentos; 2) Não aprovar textos de catequese que "trazem dano à ortodoxia da fé e aos bons costumes"; 3) Abster-se de fazer celebrações com fins "sócio-políticos" (D. Luciano disse que não saberia definir esta expressão); 4) Abster-se de qualquer visita a Nicarágua ou a qualquer diocese da América Central para pregar ou celebrar, sem o consentimento da autoridade eclesial local.

Reações fazem o Vaticano adiar a punição

Da Reportagem Local

A reação de d. Pedro Casaldáliga, bispo de São Félix do Araguaia (MT), recusando-se a assinar a "intimação" do Vaticano, e a repercussão que o caso vem obtendo em todo o mundo são os dois principais fatores para o adiamento do castigo que os setores "conservadores" da Cúria Romana pretendem infligir ao bispo de São Félix.

De acordo com o "script" inicial das Congregações do Vaticano para os Bispos e para a Doutrina da Fé, o enquadramento de d. Pedro Casaldáliga teria dois momentos.

No primeiro deles, sob a pressão do "segredo pontifício", o bispo de São Félix receberia a "intimação" e a assinaria, acatando, assim, as restrições às suas idéias e atividades pastorais.

No segundo momento, a opinião pública ficaria sabendo que d. Pedro Casaldáliga havia sido punido pelo Vaticano e ele próprio já não poderia

mais reagir.

Nesta perspectiva é que personalidades influentes no poder eclesástico, como os cardeais-arcebispos do Rio de Janeiro, d. Eugênio de Araújo Sales, e de Brasília, d. José Freire Falcão, reagiram à primeira notícia sobre a punição de Casaldáliga, já considerando-a como um fato consumado e elogiando a "obediência" do bispo-poeta de São Félix do Araguaia.

As congregações vaticanas e a Nunciatura Apostólica em Brasília cometeram, porém, um erro tático, facilitando o "vazamento" da notícia da punição de Casaldáliga para a Rede Globo de Televisão. Quebraram, assim, o "segredo pontifício", que representa a principal arma da Igreja, e expuseram Casaldáliga a uma punição "branca".

Além disso, fizeram tudo à revelia da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

A única peça do caso está em mãos de d. Pedro e do Nuncio: o

texto da "intimação", traduzido com vários erros de português, sem a assinatura dos cardeais Joseph Ratzinger e Bernardin Gantin e sem data. A outra peça, um telex pelo qual a punição de d. Pedro teria sido comunicada à Rede Globo, até agora não foi localizado, nem mostrado.

O Vaticano não desistiu, porém, de castigar o bispo de São Félix do Araguaia. O motivo principal é a sua atuação pastoral em países da região centro-americana e, sobretudo, na Nicarágua.

Ao visitar a Cúria Romana, há três meses, d. Pedro Casaldáliga foi advertido de que deve esperar a divulgação de um relatório sobre sua prelação, feito há nove anos por d. José Freire Falcão.

"Da próxima vez, o documento contra d. Pedro virá com carimbo e assinatura, conforme o figurino", dizia ontem, informalmente, um de seus amigos bispos.

(Dermi Azevedo)

CNBB tenta amenizar o episódio Casaldáliga

BRASILIA — O presidente da CNBB, dom Luciano Mendes de Almeida, procurou, ontem, amenizar os atritos entre o bispo de São Félix do Araguaia, dom Pedro Casaldáliga e o Vaticano, afirmando que a advertência da Santa Sé representa "a busca de um entendimento e não uma punição". Dom Luciano afirmou que, como bispo, se recebesse a mesma carta que chegou a Casaldáliga através da Nunciatura Apostólica, não teria dúvida em assiná-la pois ela apenas lembra de obrigações próprias de um bispo. Ele também se colocou à disposição do bispo de São Félix para intermediar um entendimento com a Santa Sé.

Durante a entrevista, dom Luciano citou os quatro pontos contidos no documento de advertência que lhe enviou Casaldáliga e está sendo analisado pelos bispos que integram a direção da CNBB e Comissão Episcopal de Pastoral. Os prefeitos da Sagrada Congregação

para a Doutrina da Fé, Joseph Ratzinger e da Congregação dos Bispos, Bernardin Gantin, fizeram as seguintes recomendações: só fazer pronunciamentos que se atenham às orientações da Santa Sé; evitar nas publicações catequéticas escritos que causem danos à ortodoxia da fé ou bons costumes; evitar celebrações que tenham fins sócio-políticos e não fazer pregações na Nicarágua ou outro país da América Central sem o consentimento da autoridade eclesiástica local.

Dom Luciano elogiou o trabalho pastoral do bispo de São Félix e admitiu que existem tensões hoje na Igreja em relação à Teologia da Libertação. "Nem sempre se alcança a harmonia mas não se pode desistir", afirmou. Ao analisar o comportamento do Vaticano, dom Luciano afirmou que algumas posições podem parecer restritivas, mas outras dão uma dimensão de abertura, como a encíclica *Solicitudo Rei Socialis*.

No caso específico do documento, ele acredita "que houve exagero" na interpretação do episódio, a partir do vazamento para a imprensa da advertência que tinha caráter reservado. Dom Luciano lembrou que após o encontro de bispos com os cardeais da Cúria é comum o preparo de um relatório, depois submetido à pessoa ouvida. Mas o presidente da CNBB admitiu que a apresentação a um bispo de um documento na forma de advertência é algo inédito.

MILITARES E CEBS

A acusação feita em Montevideo durante a 71ª Conferência dos Exércitos Latino-Americanos de que as Comunidades Eclesiais de Base são usadas como focos de subversão no Brasil, foi comentada pelo presidente da CNBB: "É uma pena que este tipo de discurso que ouvimos tanto durante o regime militar não tenha ainda mudado."

Dom Luciano acha que D. Pedro deve manter sua linha de trabalho

Wilson Pedrosa

BRASÍLIA—O presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), Dom Luciano Mendes de Almeida, vai intermediar a crise entre o Vaticano e o bispo de São Félix do Araguaia (MT), Dom Pedro Casaldáliga, que se recusa a assinar a carta de advertência que recebeu das Congregações para a Doutrina da Fé e para os Bispos ao seu trabalho pastoral e às suas viagens à Nicarágua. Dom Luciano dedicou 60 minutos da entrevista coletiva de ontem à minimização do conflito, conseguindo o quase impossível: dar razão aos dois lados.



D. Luciano Mendes

— Se recebesse uma carta de advertência como essa, eu assinaria — disse o presidente da CNBB, que tinha em sua agenda um contato com o núncio apostólico do Vaticano no Brasil, Dom Carlos Furno, marcado para ontem à noite.

Em seguida, porém, Dom Luciano disse que recomendaria a Dom Pedro esclarecer todas as dúvidas que sua consciência possa ter, mas, ao mesmo tempo, prosseguir com o seu trabalho pastoral.

— A opção preferencial pelos pobres não é só de Dom Pedro. Deveria ser de todos nós — comentou, num tom coincidente com a nota dos bispos progressistas, redigida no último fim de semana por iniciativa do bispo de Goiás Velho, Dom Tomás Balduino. A certa altura, a nota, que, segundo Dom Luciano, não terá apoio da CNBB, diz que "as causas pelas quais ele (Dom Pedro) é repreendido, e até expõe sua vida, são as nossas causas".

O presidente da CNBB recusa-se a avaliar a conduta pastoral do bispo de São Félix do Araguaia, argumentando não ser seu juiz. Mas manifestou "apeço e estima por esse irmão, pela sua dedicação apostólica e empenho na causa dos pobres". E em seguida mudou de tom:

— Cada bispo é pastor de sua diocese, mas sempre em comunhão com a Igreja universal.

É normal — Segundo Dom Luciano, a carta do Vaticano não põe em questão a fidelidade do bispo de São Félix à Igreja.

— É uma advertência, uma lembrança das obrigações episcopais, que são as mesmas para todos os bispos, e não apenas para Dom Pedro — minimiza o presidente da CNBB, revelando que o fato de o Vaticano advertir bispos não constitui nada de anormal.

Dom Luciano disse não querer afirmar que se está fazendo tempestade num copo d'água.

— Mas eu diria que estão aumentando a tempestade — comentou afirmando ter havido exagero na divulgação das supostas punições do Vaticano a Dom Pedro. A CNBB tem uma cópia da carta em seus arquivos e, segundo seu presidente, as advertências ao bispo de São Félix são quatro: ele pode pregar na Nicarágua e outros países da América Central, desde que com autorização dos bispos locais; pode se pronunciar livremente, desde que se atenha às orientações da Santa Sé; pode publicar seus escritos, desde que eles não causem danos à ortodoxia da fé ou aos bons costumes; e, finalmente, pode também continuar pregando, desde que se abstenha dos temas sócio-políticos.



Durante 20 anos, a ditadura militar quis silenciar e expulsar d. Pedro Casaldáliga do Brasil. Agora, setores conservadores da Cúria Romana tentam fazer o que os militares não conseguiram: calar o pastor dos índios e dos lavradores sem terra, o apóstolo da solidariedade latino-americana.

Foto de Walter Carvalho

VATICANO QUER SILENCIAR CASALDÁLIGA

São Paulo (AGEN) - O bispo de São Félix do Araguaia (MT), d. Pedro Casaldáliga, está sendo punido pelas congregações vaticanas para a Doutrina da Fé e para os Bispos, com a mesma censura de "silêncio" imposta há três anos ao teólogo franciscano Leonardo Boff. A notícia foi divulgada pelos jornais "Folha de São Paulo" e "O Globo", no último dia 23 e confirmada por várias outras fontes eclesiais.

Nota - No dia 23, d. Pedro (que consta de todas as listas de ameaçados de morte por pistoleiros, a serviço dos latifundiários) divulgou nota, neste teor: "Ontem, dia 22/9, a Rede Globo do Rio e de Brasília falou, pelo telefone, com a sede da prelazia de São Félix do Araguaia (MT), dizendo ter recebido telex de Roma em que se comunicava que o Vaticano me teria imposto silêncio total e que este seria o primeiro caso que se dava com um bispo católico.

Como esta notícia se tem feito pública, eu me sinto no dever de dar a seguinte comunicação: há uma semana, recebi da Nunciatura em Brasília e em papel timbrado da mesma, um documento com o título "Intimação". O documento viria da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé e da Sagrada Congregação para os Bispos. Não trazia assinatura de ninguém, nem selo nenhum dessas congregações romanas. Retomava os itens que, em fins de junho, conversamos em Roma com os cardeais Ratzinger e Gantin: Teologia da Libertação, romaria dos mártires da caminhada, certos folhetos catequéticos da prelazia, críticas a alguns procedimentos da Cúria Romana, minhas visitas à América Central e, particularmente, à Nicarágua.

O documento pedia a minha assinatura, com a qual eu assumiria certas proibições ou restrições em torno a estes itens. Não assinei o documento. Do dia 20 a 25 deste mês de setembro, estou na cidade de Goiás, ajudando na assessoria à assembléia diocesana por ocasião dos 20 anos de caminhada desta igreja irmã.

D. Tomás Balduino, bispo de Goiás, telefonou ontem, dia 22, à Nunciatura, pedindo esclarecimentos. O substituto, monsenhor Florentino, respondeu que o Nuncio estava ausente e que ele estava sob segredo.

Pedro Casaldáliga, bispo de São Félix do Araguaia (MT), Goiás, 23 de setembro de 1988.

D. Luciano vai a Roma e não falará de Casaldáliga

BRASÍLIA — O Presidente da CNBB, Dom Luciano Mendes de Almeida, confirmou que vai a Roma no dia 15 de outubro, mas negou que vá tratar da advertência ao Bispo de São Félix do Araguaia (MT), Dom Pedro Casaldáliga, pelo Vaticano.

O Bispo de Imperatriz (MA), Dom Afonso Gregori, porém, afirmou que a viagem estava programada antes do episódio e que "é evidente" que o assunto entrará na agenda.

Fugindo ao comportamento sempre diplomático, Dom Luciano reagiu irritado à notícia de que iria a Roma, na próxima semana, tratar com o Papa João Paulo II do caso de Dom Pedro Casaldáliga.

— Isto é mentira. Não estou credenciado para ir a Roma em nome de Dom Casaldáliga. Todo mundo sabe que eu vou lá de seis em seis meses, à reunião da Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos, da qual sou membro. E é isso que vou fazer — disse.

Dom Aloísio

BRÁSILIA — Em documento enviado à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), o Cardeal Arcebispo de Fortaleza, Dom Aloísio Lorscheider, condenou a intenção do Vaticano de centralizar o poder até agora exercido no âmbito das conferências episcopais. Ele afirma que a proposta da Santa Sé "gera muita perplexidade e se apresenta confusa, contraditória e pouco lógica", além de ser falha por não considerar a prática eclesial das conferências.

As alterações das responsabilidades das conferências episcopais foram sugeridas pelo documento "Statut teológico e jurídico" das conferências episcopais, elaborado pela Congregação dos Bispos com o laboratório das Congregações da Doutrina da Fé, das Igrejas Orientais e da Evangelização dos Povos, a pedido do Papa João II. O documento, que não tem caráter definitivo, foi enviado às conferências episcopais de todo o Mundo para análise e proposição de emendas. A CNBB enviará seu parecer até o dia 31 de dezembro.

O Consultor Jurídico da CNBB, padre Gervásio Fernandes Queiroga, considera sem precedentes uma das restrições contidas na proposta do Vaticano: submeter à sua revisão quaisquer documentos de caráter doutrinal aprovados por dois terços dos membros da conferência episcopal. Em documento redigido em agosto, padre Queiroga menciona que o Vaticano também pretende restringir aos concílios plenários o poder decisório das questões doutrinais mais importantes, aquelas que dizem respeito a uma nação.

Ele acha que essas propostas não têm fundamentação teológica ou base jurídica e implicam condenar ao silêncio (ou quase) os bispos integrantes das conferências episcopais. Segundo assessores da CNBB, se essa mudança fosse efetivada da forma como está sendo apresentada pelo Vaticano, a Conferência Episcopal Brasileira perderia toda a sua autonomia e passaria a existir como mera promotora de eventos festivos.

A condenação às propostas do documento da Santa Sé é endossada pelo Vice-Presidente da CNBB, Dom Paulo Ponté, que o considera irregular. Isso porque "ora parece querer valorizar as conferências episcopais, ora, na maioria das vezes, parece relativizá-las bastante". Ao contrário do que ocorre atualmente, quando as votações das assembleias devem obedecer a uma maioria jurídica, o Vaticano propõe que se passe a exigir consensos para aprovação de documentos.

Dom Luciano critica o Vaticano

'Martírio' da popularidade

D. Luciano discutirá caso Casaldaliga

SÃO PAULO — O Presidente da CNBB, Dom Luciano Mendes de Almeida, enviou carta a todos os bispos brasileiros minimizando o caso do Bispo de São Félix do Araguaia, Dom Pedro Casaldaliga, e acusando a imprensa de ter abordado o assunto de forma sensacionalista. Dom Luciano estará no Vaticano dia 17 para uma reunião dos Secretários do Sínodo, mas deverá aproveitar a viagem para discutir a situação de Casaldaliga.

Na carta, Dom Luciano repete a versão da Nunciatura Apostólica e do Vaticano, insistindo que Casaldaliga não foi punido, mas apenas convidado a assinar um documento comprometendo a não falar sobre a Teologia da Libertação, a não fazer celebrações de cunho sócio-político nem viajar ao exterior, sobretudo a países da América Central, sem a concordância do bispo do local a ser visitado.

O Presidente da CNBB destaca a intenção de continuar o diálogo com as congregações do Vaticano envolvidas no caso — dos Bispos e para a Doutrina da Fé.

SÉRIO Incidente preocupa os altos círculos religiosos do País.

O QUE devia ser documento secreto do tipo "pessoal-confidencial", veio rumorosamente para as páginas dos jornais.

VEIO, porém, pela mesma via dos documentos reservados, que alguém "esquece" em cima da própria mesa — em face dos benefícios que espera arrancar de sua divulgação.

O CORRIDO o que certamente era desejado — essa divulgação — o conteúdo do documento logo pôs em relevo a "vitima" de mais uma "violência punitiva".

NA EXPERIÊNCIA criminalística, existe uma investigação inicial que é algo como um "primeiro mandamento": a quem aproveita o "crime"?

SIM, A QUEM aproveita a divulgação da advertência

que, podendo ter sido feita publicamente — como casos precedentes — fora, ao contrário, em caráter sigiloso?

TRATAVA-SE apenas de advertência, com enumeração de inconveniências que vinham sendo registradas.

MAS TODAS as dores e andares foram postos na rua em procissão, através de solenes e dramáticas declarações de "companheiros de viagem" do advertido.

LEVANTARAM bem alto o pavão da celebração pública, quando a "punição" fora expressa pela forma silenciosa, de documento secreto e ultra-confidencial.

MAS ERA preciso que todos os irmãos — em Cristo e em Marx — soubessem daqueles espinhos do "martírio" da popularidade.

CNBB se manifesta sobre Casaldáliga

"Prezados irmãos no episcopado."

A paz de Cristo!

É meu dever dar alguns esclarecimentos sobre as notícias divulgadas a respeito da carta recebida de Roma por nosso irmão dom Pedro Casaldáliga.

1 - Na segunda semana de setembro, recebi dom Pedro carta enviada pela Nunciatura Apostólica, contendo documento da parte das Congregações para a Doutrina da Fé e para os Bispos. Conservo dom Pedro a carta sob sigilo.

2 - No entanto, dia 22 de setembro, a *Rede Globo* (Rio de Janeiro e Brasília) falou pelo telefone com a sede da Prelazia de São Félix do Araguaia, dizendo ter recebido um telex de Roma em que se comunicava que o Vaticano teria imposto silêncio total ao bispo e que este seria o primeiro caso que se que dava com um bispo católico.

3 - Diante deste fato, dom Pedro sentiu-se no dever de fazer uma comunicação aos muitos jornalistas que o procuravam na cidade de Goiás, onde estava, a convite de dom Tomás Balduino, por ocasião dos 20 anos de missão.

4 - De acordo com a nota assinada e divulgada nos jornais por dom Pedro, trata-se de um documento com o título *Intimação*. O texto retoma os itens que, em fins de junho, foram tratados em Roma, na Congregação para a Doutrina

Diante dos recentes acontecimentos envolvendo o bispo da Prelazia de São Félix do Araguaia (MT), dom Pedro Casaldáliga, a CNBB, através de seu presidente, dom Luciano Mendes de Almeida, emitiu uma nota de esclarecimentos aos fiéis e ao público em geral, onde afirma que "o recurso do diálogo permitirá superar equívocos, explicar os fatos e encontrar, num clima de confiança e discrição, o pleno entendimento". Ela é íntegra nota:



Dom Luciano assina a nota de esclarecimento sobre o caso Casaldáliga



da Fé e para os Bispos. "Teologia da Libertação, romarias dos mártires da caminhada certos folhetos catequéticos da Prelazia, críticas a alguns procedimentos da Cúria Romana, minhas visitas à América Central; particularmente à Nicarágua".

5 - A notícia desta carta se divulgou por vários jornais de modo sensacionalista, com distorção de conteúdo e interpre-

tação arbitrária. Assim anunciavam: "Vaticano proíbe Casaldáliga de viajar, falar e escrever" (*Folha de S. Paulo* - 23/09/88).

6 - No dia seguinte foi divulgada nota dada aos jornalistas pela Sala de Imprensa da Santa Sé (24/09/88), com o seguinte teor: "As informações publicadas na imprensa brasileira, segundo as quais Sua Excelência

monsenhor Pedro Casaldáliga (bispo prelado de São Félix do Araguaia) teria sido punido ou a ele teria sido imposto o silêncio, não são exatas. Em seguida à visita *Ad Limina*, foram recordados a monsenhor Casaldáliga alguns dos deveres próprios do bispo. Em particular, foi-lhe pedido que permanecesse sempre fiel ao magistério da Igreja e que não interferisse em assuntos de outras

Igrejas particulares, viajando a dioceses de outros países sem o consentimento dos bispos do lugar.

7 - O documento da Congregação para a Doutrina da Fé e para os Bispos, enviado pela Nunciatura Apostólica, é de caráter reservado e pessoal. Desconhecemos como alguns pontos deste texto vieram a ser divulgados pelos meios de comunicação social.

8 - Tenho a certeza de que dom Pedro Casaldáliga, cuja firme vontade de fidelidade à Igreja bem conhecemos, entrará em contato com o Santo Padre e as Congregações Romanas para os esclarecimentos que considerar necessários e as diligências requeridas. O recurso do diálogo permitirá superar equívocos, explicar os fatos e encontrar, num clima de confiança e discrição, o pleno entendimento.

A presidência da CNBB, reunida com a Comissão Episcopal de Pastoral, em setembro, diante dos acontecimentos, procurará se colocar à disposição de dom Pedro e da Santa Sé para qualquer tipo de colaboração fraterna.

Unamos nossas preces ao Senhor esperando que, quanto antes, seja possível, conforme o espírito fraterno e a liberdade evangélica, encontrar a perfeita comunhão na mesma vontade de fidelidade à Igreja.

Com toda estima e amizade,

dom Luciano Mendes de Almeida, presidente da CNBB."

Dom Luciano debate com o Papa punição de D. Pedro Casaldáliga

O presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), dom Luciano Mendes de Almeida, viajou dia 14 para Roma com uma missão que lhe foi delegada pelos bispos que integram a presidência da entidade e a comissão episcopal de pastoral: discutir com o papa João Paulo II e os bispos da Cúria Romana a advertência do Vaticano recebida há cerca de três semanas pelo bispo de São Félix do Araguaia, dom Pedro Casaldáliga.

Embora alguns bispos discordem da gravidade atribuída à advertência dirigida a Casaldáliga, a assessoria jurídica da CNBB, depois de analisar o documento, concluiu que a medida abre um "precedente gravíssimo" na igreja Católica e fere a colegialidade representada pela entidade.

A viagem do presidente da CNBB a Roma estava programada antes dos incidentes entre os bispos de São Félix do Araguaia e a Cúria Romana. Dom Luciano participará de uma reunião preparatória para o próximo sínodo dos bispos, mas decidiu também tratar de alguns problemas que preocupam a entidade: além do caso Casaldáliga, a CNBB está reagindo contra um documento de consultas da Santa Sé, Status Teológico das Conferências Episcopais, capaz de diminuir a autonomia da entidade.

Os problemas do bispo de São Félix do Araguaia foram discutidos em Brasília durante a reunião do conselho permanente da entidade, no final de setembro. Seus integrantes concordaram com a necessidade de dom Luciano conversar com o papa e cardeais na Cúria sobre os principais pontos de

tensão entre a chamada ala progressista da Igreja Católica do Brasil e o Vaticano.

Debate político

Na carta de advertência, os prefeitos da Sagrada Congregação para os Bispos, Bernardin Ganton, e da Congregação para a Doutrina da Fé, Joseph Ratzinger, sugeriam que dom Casaldáliga cumprisse algumas orientações, entre as quais não visitar a Nicarágua sem a concordância dos bispos locais. Os cardeais queriam que o bispo assinasse o documento, mas ele se recusou, pois, a seu ver, seria o mesmo que amordaçar-se.

Esta é a mesma conclusão a que chegou a assessoria jurídica da CNBB. Embora a advertência não tenha o mesmo sentido de silêncio obsequioso imposto pelo Vaticano ao frei Leonardo Boff - afirma uma fonte da CNBB - Casaldáliga ficaria privado de sua liberdade de pregação como bispo. Por estas razões, comenta-se na CNBB que dom Luciano "não vai ao papa para colocar panos quentes na situação", mas aproveitar a ocasião para discutir abertamente as atitudes da Santa Sé.

Dia 14, em Belém, dom Luciano afirmou ter havido distorções no noticiário da imprensa sobre o relacionamento de dom Casaldáliga com o Vaticano e acrescentou que gostaria de uma retificação. Segundo ele, não há punição em relação ao bispo, "que sempre foi fiel à Igreja". (O Estado de S. Paulo - 15/10/88)

Informalmente bispo fala de Casaldáliga

ROCCO MORABITO
Correspondente

ROMA — O arcebispo de Mariana e presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), dom Luciano Mendes de Almeida, que desde segunda-feira está em Roma, nega ter feito a viagem especificamente para tratar do caso de dom Pedro Casaldáliga. No entanto, dom Luciano tem sido visto freqüentes vezes conversando informalmente com o cardeal Ratzinger, responsável pela advertência a Casaldáliga.

"Estou em Roma para participar da reunião do conselho da secretaria-geral do Sinodo dos Bispos, do qual faço parte", explicou dom Luciano. O encontro definirá a pauta de assuntos do próximo Sinodo e também fará um balanço do último, onde foi analisada a função dos leigos na Igreja. O papel da mulher, tema da última carta apostólica do papa, *Dignitatem mulieris*, também será debatido no Sinodo? Não creio, embora não o exclua", disse o presidente da CNBB.

INFORMAL

O conselho da secretaria do Sinodo é formado por 15 membros. Dentre seus componentes

encontra-se também o cardeal Joseph Ratzinger, prefeito da Congregação pela Doutrina da Fé. Durante os intervalos das reuniões do conselho, Ratzinger e dom Luciano mantêm repetidos encontros informais.

Foi perguntado a dom Luciano se confirmava uma afirmação atribuída a ele, de que dom Pedro Casaldáliga ultrapassou o limite do tolerável. "Não disse isto. Pelo contrário, sempre elogiei o trabalho pastoral do bispo de São Félix. A advertência que ele recebeu não é uma punição, apenas recorda as obrigações próprias de um bispo", esclareceu o presidente da CNBB. Ele acrescentou que até o momento não teve contato oficial com nenhum órgão da Curia para tratar do assunto.

É evidente o esforço de dom Luciano de não dramatizar o episódio do bispo de São Félix e de evitar que ele se torne motivo de crise, ou pelo menos, de esfriamento nas relações entre uma parcela do episcopado brasileiro e a Santa Sé.

No topo da congregação dos claretianos, a que pertence Casaldáliga, há forte convicção de que o presidente da CNBB deverá mesmo dedicar especial atenção ao caso.

D. Luciano: 'Papa tem apreço por Casaldaliga'

BRASÍLIA — Em sua primeira entrevista após retornar de Roma, onde foi recebido por meia hora pelo Papa João Paulo II, o Presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), Dom Luciano Mendes de Almeida, negou que esteja havendo uma campanha do Vaticano contra a ala "progressista" da Igreja brasileira. Garantiu que sua conversa com o Papa foi cordial e disse ter notado que João Paulo II "tem apreço" pelo Bispo de São Félix do Araguaia (MT), Dom Pedro Casaldaliga, que recentemente recebeu uma carta de advertência da Santa Sé.

Dom Luciano disse que o Prefeito da Congregação para os Bispos, Cardeal Bernardim Gantin, desmentiu notícias divulgadas no Brasil segundo as quais o Vaticano também teria enviado cartas de advertência a outros cinco bispos brasileiros alinhados com a ala "progressista".

O Presidente da CNBB esteve em Roma semana passada, na reunião do Conselho da Secretaria do Sinodo Episcopal, e aproveitou para conversar vários assuntos com o Papa, entre os quais a advertência ao Bispo de São Félix do Araguaia. Dom Luciano disse ter manifestado a João Paulo II "a certeza da fidelidade de



Dom Luciano: sintonia com o Papa

Dom Pedro ao Santo Padre, à Santa Sé e às instituições romanas". Por dever de amizade, conforme disse, também falou sobre o trabalho do Bispo em defesa dos índios e posseiros. Lembrou, inclusive, das ameaças que ele vem sofrendo nos últimos anos por sua atuação na Prelazia. Disse também ao Papa que a imprensa brasileira tratou o caso

com "sensacionalismo, deformando a opinião pública".

O Presidente da CNBB não revelou o que disseram o Papa e o Cardeal Gantin, com quem também se reuniu para falar sobre este assunto. Mas contou que o Papa "manifestou interesse e sintonia".

Segundo Dom Luciano, no momento oportuno o Bispo de São Félix do Araguaia responderá ao Vaticano sobre a orientação que recebeu para não viajar à América Central — especialmente à Nicarágua — sem autorização do episcopado local.

Ele disse que a maior parte de sua audiência com o Papa, no dia 20, foi dedicada ao relato que fez sobre a promulgação da Constituição brasileira, quando ressaltou pontos positivos e também os que desagradaram à Igreja: reforma agrária, não garantia do direito à vida desde a concepção e a manutenção do divórcio. O Presidente da CNBB disse que João Paulo II tem grande interesse em conhecer o texto constitucional.

Dom Luciano renovou o convite para que o Papa retorne ao Brasil e, novamente, recebeu resposta positiva. Ele acredita que a viagem deverá se realizar no próximo ano, em data a ser marcada pelo Vaticano.

Gutierrez acha que polêmica acabou

SÃO PAULO — O teólogo peruano Gustavo Gutierrez — o "pai da Teologia da Libertação" — considera encerrada a polêmica entre esta corrente teológica e o Vaticano. Mas, na sua opinião, persiste em alguns setores eclesiais o temor de que a presença da Igreja nos problemas concretos do Mundo — um dos pontos básicos da Teologia da Libertação — implique sua "evaporação como instituição religiosa", com a redução de suas tarefas a um nível puramente político, temporal e humano.

— Os críticos da Teologia da Libertação temem que façamos da reflexão teológica uma tarefa política. Mas é que nós entendemos o espiritual e o religioso de maneira diferente. Nos interessamos pelo bem comum. Não me parece correto pedir distanciamento do Mundo para poder afirmar que a Igreja tem uma tarefa própria — disse Gutierrez, que veio a São Paulo para um ciclo de palestras na Igreja de São Domingos, onde será homenageado pelos seus 60 anos, completados em junho.

A INSTITUIÇÃO SEMPRE DETESTA FATOS NOVOS

D. Eugênio diz que 'está de acordo' com a punição de Roma ao bispo

Da Sucursal e da Reportagem Local

O cardeal do Rio de Janeiro, d. Eugênio Salles, disse ontem estar de acordo com a decisão do Vaticano de punir com o silêncio, a censura prévia e com a limitação de movimentos, o bispo de São Félix do Araguaia (MT), d. Pedro Casaldáliga.

O cardeal do Rio de Janeiro, que participava ontem da 5ª Conferência Nacional de Cultura e Evangelização, no auditório do edifício João Paulo 2º, disse que confia plenamente na obediência do bispo Casaldáliga.

"Tenho certeza de que ele vai cumprir as normas citadas pela congregação vaticana, não apenas por ele ser meu amigo, mas por que ele assim o declarou diante da Santa Sé", declarou d. Eugênio Salles.

Ele acrescentou que se encontrava no Vaticano há dois meses, na mesma época em que o bispo fazia sua primeira visita "ad limina apostolorum", a que os bispos são obrigados a fazer ao Papa de cinco em cinco anos.

Já o bispo de Juazeiro (BA), d. José Rodrigues de Souza, disse ontem, em Salvador, que estranhou "a rapidez com que tramitou" o processo de punição a Casaldáliga. Lembrou a visita que d. Pedro fez a Roma, em junho último e afirmou que "geralmente, depois dessa primeira conversa, a pessoa recebe um comunicado com uma avaliação de suas respostas e outros encontros ainda acontecem, antes de uma posição final". D. José estranhou, também, a falta de assinaturas na "intimação" recebida por Casaldáliga.

Em Petrópolis (RJ), o Movimento Nacional de Defesa dos Direitos Humanos (MNDDH), fundado em 1982, com apoio do teólogo Leonardo Boff e que reúne cerca de 350 entidades de direitos humanos de todo o país, divulgou nota ontem, às 19h, afirmando que "uma vez mais, setores autoritários do Vaticano — nomeadamente os cardeais Joseph Ratzinger e Bernardin Gantin —, em contradição com o discurso e a prática do Papa, violaram publicamente os direitos humanos, cassando a palavra e cerceando as liberdades de um pastor, de um profeta e de um poeta, d. Pedro Casaldáliga".

A nota acrescenta que "tentou-se usar o sigilo, não para proteger a pessoa, mas para sorrateiramente puni-la". O teólogo Leonardo Boff também foi punido com o "silêncio obscuro".

As vacilações de Roma

núncio um documento de apoio ao rebelde e de claro desafio à Santa Sé.

Enquanto Roma lembra a d. Pedro Casaldáliga que nenhum bispo tem jurisdição fora de sua diocese — o que, aliás, até um aluno dos seminários pós-conciliares deve saber — e que, por isso mesmo, não pode interferir na vida eclesial da Nicarágua sem autorização do episcopado local, os bispos seus aliados mandam dizer ao papa: "Nada nos fará abandonar o serviço efetivo aos povos indígenas, a caminhada dos lavradores e operários e a prestar a nossa solidariedade à América Latina, especialmente aos povos oprimidos da América Central". Em suma, sublevam-se contra Roma.

O que senão isso, pode significar esse insolente lembrete a João Paulo II? Pela posição assumida, mandaram dizer ao pontífice que uma parte do episcopado brasileiro não reconhece limites nem geográficos, nem muito menos doutrinais a sua ação e a sua pregação.

Diante disso, como reagirá Roma? Transformando o núncio apostólico em bode expiatório e culpando-o por ter traduzido a palavra latina *monitum* por *intimação* e não por *admoestação* (na realidade, a palavra latina tem também o sentido de *advertência*), com isso salvando a face do poeta ibérico e cedendo aos bispos rebeldes? Por outro lado, se d. Pedro Casaldáliga não pode pregar suas idéias marxistas na Nicarágua, conforme se depreende da admoestação, que seja, por que pode fazê-lo no Brasil, onde é, além do mais, um estrangeiro?

As incoerências de Roma não contribuem certamente para fortalecer sua posição. Talvez seja tempo, de o papa tomar consciência de que a Igreja não está sob a admirável guarda do Espírito Santo simplesmente porque as multidões o aplaudem em suas numerosas viagens. Afinal, o primeiro dever do bispo de Roma é preservar a unidade da Igreja, impondo sua autoridade de papa aos demais antistes.

suspenso nem sequer a *politicis*, ou seja, de suas funções políticas, que são, aliás, as únicas que ele exerce, em tempo integral, usando o santo nome de Deus em vão e a religião apenas como disfarce para sua pregação marxista.

Se a Santa Sé usa esses critérios, não é de espantar que perca autoridade, em primeiro lugar aos olhos do próprio vate ibérico, que chega ao ponto de insultar as massas, ou, se se preferir, o povo de Deus, dizendo que se deve "manter os olhos abertos e a consciência alerta para ter coragem de enfrentar os lobos", como se ele fosse a própria encarnação do bom Pastor, e João Paulo II fosse o lobo vestido de ovelha infiltrado no rebanho.

Por mais que Roma aja sem a firmeza que seria de esperar (se é que corresponde à verdade a afirmação de Casaldáliga de que lhe foi enviado um documento em papel da Nunciatura Apostólica, mas sem assinatura, ou seja, um documento capaz de ser transformado em oficial ou em apócrifo, de acordo com as conveniências do momento), nada pode disfarçar a gravidade do que está ocorrendo. Principalmente porque a perda, por Roma, da coragem de agir oportuna ou oportunamente, que o apóstolo Paulo impunha a Timóteo, faz o caso transbordar dos limites da insubordinação de um bispo para tomar as proporções de uma rebelião de uma parte do episcopado do maior país católico do mundo.

Naturalmente, a máquina propagandística do bloco ideológico do qual o poeta espanhol é fiel servidor — máquina cuja eficiência ninguém pode negar — já está articulando uma campanha de âmbito internacional em defesa do piedoso pastor *perseguido*. Até aí, nada há de novo ou de inesperado. O que talvez não se pudesse esperar — embora o fato de a omissão de Roma há muito tempo vir apresentando todas as aparências de uma autêntica convivência — era que vários bispos chegassem a enviar ao

Há evidente intenção da parte de muitos em fazer da ação do Vaticano, visando à conduta episcopal de d. Pedro Casaldáliga, uma crise de enorme alcance político, em que a Santa Sé é apresentada como "autoritariamente" contra d. Pedro, perseguindo-o. Conviém, por isso, ver os fatos à sua verdadeira e objetiva luz.

O núncio apostólico no Brasil, d. Carlo Forno, é dois funcionários vaticanos, monsenhor Giovanni Battista Re, secretário da Congregação para os Bispos, e padre Giovanni d'Ercole, vice-diretor da Sala de Imprensa da Santa Sé, deixaram claro que d. Pedro Casaldáliga não foi punido, mas apenas lembrado de seus deveres de bispo, e convidado a ser sempre e plenamente fiel aos ensinamentos da Igreja. Nesses esclarecimentos está a melhor explicação para a crise que envolve o bispo de São Félix do Araguaia e seu séquito de prelados rebeldes. Não porque essas explicações atendam aos anseios dos fiéis que esperam da Santa Sé pelo menos um mínimo de coerência e de intrepidez na defesa da fé, mas justamente pelo contrário.

O que os citados funcionários vaticanos conseguem mostrar, ao buscar colocar panos quentes sobre a crise ou de dar o dito por não dito — quando o que o Evangelho impõe aos verdadeiros seguidores de Cristo é que seja o seu sim, sim e o seu não, não —, é apenas que Roma usa dois pesos e duas medidas na administração do depósito da fé, como uma espécie de feitor infiel, para usarmos mais uma imagem evangélica. Em outras palavras, o arcebispo tradicionalista Marcel Lefebvre, cujo único crime é continuar acreditando no que a Igreja apresentava durante séculos como inmutável, foi suspenso a *divinis*, ou seja, de suas funções eclesialísticas (para não falarmos na pena infinitamente mais grave da excomunhão), ao passo que o bispo de São Félix contesta e desafia publicamente o papa e arrebanha outros bispos para a rebelião sem ser

Desvios de Rota

É um episódio doloroso a celeuma que se criou, de um momento para o outro, em torno da figura de D Pedro Casaldáliga. Há quem diga que se trata de uma história mal contada, porque o bispo de São Félix do Araguaia recebeu de Roma uma comunicação que não estaria assinada. Os bispos, entretanto, conhecem bastante bem os mecanismos de comunicação interna da Igreja.

O que há a estranhar, no episódio, é o modo como uma questão interna da Igreja — que configurava uma advertência, e não uma punição — se transformou, de uma hora para outra, num movimento de rua, em que bispos lideram passeatas e os meios de comunicação são acionados no clima de uma grande campanha política. Ainda são mais de se lamentar as declarações de homens da Igreja em que o Vaticano é tratado como a antiquada cúpula de um partido à espera de um novo líder, ou de uma nova plataforma. Nada disso contribui para esclarecer ou iluminar a cabeça de um católico.

O caso Casaldáliga tomou foros de novidade: seria a continuação, em nível ainda mais espetacular, das sanções do Vaticano a um religioso como frei Leonardo Boff. Na verdade, o caso é muito antigo; e se o Vaticano vivesse imbuído de ânimos punitivos, já poderia ter ocorrido há vários anos, devido à personalidade "fora das normas" do bispo espanhol enfiado nas selvas.

Em São Félix do Araguaia, coisas estranhas e brutais devem acontecer quase todos os dias; e só se pode admirar o estofo ético de quem aceita um desafio desses. Viver no faroeste, entretanto, não confere a ninguém privilégios teológicos. Se fosse este o caso, Che Guevara poderia reivindicar maior intimidade com Deus do que uma freira de clausura (hipótese que alguns adeptos da "teologia nova" talvez aceitem com entusiasmo).

Vasto é o mundo; e o Vaticano é um só. Mesmo quando o mundo era menor, isso criava algumas tensões, originárias da postura universalista do catolicismo romano. O apelo das realidades locais, na Europa da Renascença, criou uma tendência à formação de "igrejas nacionais". A Alemanha acabou desgarrando, com Lutero. A Inglaterra fez o mesmo, por interesses dinásticos. Calvino carregou para fora do rebanho um bom número de franceses.

O "centralismo" vaticano, entretanto, emergiu dessas crises fiel a si mesmo, e produzindo papas que exerceram e exercem verdadeira liderança espiritual. Para um católico, o Vaticano representa a continuidade de uma tradição venerável que come-

çou com São Pedro. O que assim se pode perder em "cor local" ganha-se, e abundantemente, na fidelidade a uma doutrina que tem dois mil anos de vida, e que tem no papado uma "pedra fundamental" estabelecida pelo próprio Cristo.

Mas há um setor da Igreja católica que parece ter entrado em aguda crise de identidade. Alguma coisa está errada com um bispo que arde de desejos de estar na Nicarágua, mas considera uma visita ao Vaticano uma perfeita inutilidade.

A pobreza do continente é um desafio pungente ao cristianismo. Não pode ser morna e conformista uma religião que vive em meio a tanto sofrimento. Os "teólogos da libertação", entretanto, instituíram uma leitura ideológica e política do Evangelho que entra inevitavelmente em rota de colisão com a instituição romana.

O casamento que eles estimularam entre marxismo e cristianismo produziu uma "mística da ação", uma "teologia revolucionária" que não admite uma convivência normal com Roma. Tal como recomenda o marxismo, essa "teologia nova" valoriza a *praxis* e a "classe oprimida", "parteira da história". Nessa mesma *praxis* é que o cristão encontraria a pista para o conhecimento teológico. Tudo o mais seria "alienante".

Não é preciso muita argúcia para deduzir que, nesse tipo de "leitura", o papado se transforma numa "superestrutura" (sempre Marx) a ser rapidamente superada pela "marcha do povo em busca da libertação". Se a ênfase é posta na *praxis*, o que poderia haver de comum, realmente, entre um bispo que vive no Araguaia e um cardeal que trabalha na Praça de São Pedro?

A teologia tradicional tem outras ênfases. Ensina que o conhecimento teológico é um dom de Deus, que o espírito, mesmo evitando cuidadosamente os preguiçosos, "sopra onde quer", e tanto pode visitar o homem na favela como no escritório, na selva como na clausura. Ensina também que a humildade é a primeira das virtudes.

Um verdadeiro homem de igreja (de qualquer igreja), advertido pelo seu superior hierárquico, fará disso, possivelmente, matéria de reflexão ou de enriquecimento interior, confiando numa Justiça que tarda mas não falta (e desconfiando sempre das suas próprias luzes).

Há alguns prelados modernos, entretanto, que mobilizam o clamor das ruas — e dos meios de comunicação — contra a instituição que deveriam representar. Não é um espetáculo edificante.

Para bispo é justa pena a Casaldáliga

ARACAJU — O arcebispo de Aracaju, dom Luciano Cabral Duarte, ao comentar ontem a notícia da punição de dom Pedro Casaldáliga, por Roma, declarou: "A Santa Sé agiu de maneira justa e certa". De acordo com dom Luciano, "dom Pedro foi convidado por Roma a ser fiel aos ensinamentos da Igreja e a não interferir em questões de outras igrejas visitando dioceses de outros países sem o consentimento do bispo local".

Segundo o arcebispo, o conteúdo deste monitum, como a Santa Sé intitula suas adver-

tências, "é bastante grave". Ele afirmou, porém, que "em várias atitudes tomadas recentemente e principalmente no último confronto com Roma, dom Pedro Casaldáliga foi muito além do limite tolerável".

De acordo com dom Luciano, no mês de junho, em resposta ao cardeal Joseph Ratzinger, prefeito da Congregação da Doutrina da Fé, que lhe apresentava o resumo da doutrina social da Igreja para que ele assinasse, dom Pedro afirmou: "Não assino sem antes consultar minhas bases na prelazia".

Fala, Pedro

Dom Marcos Barbosa

Gustavo Corção em seu magnífico livro sobre Chesterton, *Três alqueires e uma vaca*, dá-nos o resumo de uma historinha contada e ilustrada pelo mesmo. "O pequeno Redley consegue libertar a princesa Japônica com grande assombro de quatro vigorosos cavalheiros que haviam malogrado no mesmo intento. O castelo onde vivia a princesa estava situado além da última floresta do mundo, e dois caminhos lá iam ter. No primeiro havia um feroz gigante de uma cabeça; no segundo, um ferocíssimo gigante de duas cabeças. Os vigorosos cavalheiros, fracos de inteligência, acharam mais fácil atacar o primeiro gigante, e voltaram destroçados e humilhados. O menino Redley percebeu que o segundo devia ser mais fraco porque tinha duas cabeças. Efetivamente encontrou-o empolgado por uma discussão consigo mesmo sobre a política britânica na guerra dos Boers. Atacou pois o ferocíssimo gigante, matou-o e casou-se com a princesa."

Vem muito a propósito esta historieta intitulada *A desvantagem de ter duas cabeças* para ilustrar a sabedoria do fundador da Igreja quando lhe deu apenas uma. Pois, tendo convocado os apóstolos, só a Pedro disse "tu és pedra", só a ele disse que conduziria o barco para o alto, só a ele disse por três vezes que apascentasse as suas ovelhas, só a ele recomendou que confirmasse na fé os seus irmãos. Daí a tradição cristã ter formulado muito cedo o *ubi Petrus, ibi Ecclesia*. E, tendo Pedro se tornado bispo de Roma, o *Roma locuta, causa finita*.

Quando Jesus pergunta aos discípulos quem dizem os homens que ele seja, não se satisfaz com as suas respostas, mas insiste: "E vós, quem dizeis que eu sou?" Tendo Pedro respondido: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo", ele logo declara: "Não foram a carne e o sangue que te revelaram isto, e sim o meu Pai, que está nos céus. Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja." Por isso é espantoso vermos hoje pretender-se uma Igreja nascida do povo, dos palpites das comunidades de base e das fantasias dos teólogos que as manipulam. Muitos daqueles sucessores dos apóstolos a quem Jesus disse: "Ide e ensinai" (e referindo-se a uma doutrina que não era dele, mas do Pai) pretendem agora ser evangelizados pelo povo, que lhes daria até outro Credo (quantos já não inventaram para a missa?), outra liturgia, outra moral, outra organização eclesialística?

Como os extremos se tocam, vemos, depois de dom Lefebvre, a bandeira da rebelião hasteada do outro lado por

dom Pedro Casaldáliga, que chega a promover passeata contra o Vaticano (que eles pretendem distinguir do papa...), recebendo logo alvoroçados aplausos de Leonardo Boff e companhia, no meio do cúmplice silêncio de tantos pastores! Enquanto tantas vozes se levantam para apoiar o arcebispo, que, humilde juiz em causa própria, não quer dividida a sua diocese, poucos são aqueles que, como dom Luciano Cabral Duarte, escrevem (e duas vezes neste mesmo JB) em defesa do arcebispo do Recife, a quem se pretende negar o direito de, embora eleito presidente do Regional Leste II, escolher os seus próprios auxiliares.

Dom Pedro Casaldáliga recebeu um *Monitum* da Santa Sé, palavra que, como adverte mons. Abílio Real Martins, devia ser traduzida por advertência (e não intimação), no qual se propunha ao bispo que não fosse a Nicarágua sem entendimento prévio com o episcopado daquele país; pois o mesmo prelado, que julga inúteis e dispendiosas as visitas quinquenais ao papa, demonstra grande interesse por estas outras... Também lhe teria sido recomendado seguir a orientação da Igreja quanto à Teologia da Libertação. Ora, quem terá tornado pública tal advertência, senão o próprio interessado ou seus adeptos, para desafiar publicamente a autoridade eclesialística?

Segundo notícia dos jornais, o Departamento de Sociologia da PUC no Rio (P quer dizer Pontificia) está lançando uma campanha para que se telegrafe a dom Pedro Casaldáliga, sugerindo-lhe: "Fala, Pedro!" Pois eu digo o mesmo a João Paulo II, que é o único a merecer o nome de Pedro, que lhe foi dado pelo próprio Cristo e confirmado pelo Espírito Santo: "Neste dia de hoje, 7 de outubro, dedicado ao rosário, a cuja recitação se atribuiu a vitória contra o Islã em 1571, na batalha de Lepanto, fala Pedro! Fala, Pedro para que as pedras não tenham de falar. Não consintas que teu Reino seja um reino dividido, como aquele de que fala o Evangelho, onde Belzebu estaria contra Belzebu. Fala, Pedro, e não permitas que a Igreja se transforme num monstro de duas (ou mil) cabeças. Fala, Senhor, que os teus servos te escutam, como outrora o pequeno Samuel. Fala, Pedro, que corremos maior risco que outrora, quando os inimigos não estão fora, mas dentro de casa!"

Crítica a uma crítica contra a Igreja católica

LUCIANO CARRAL DUARTE

O professor Roberto Romano, doutor em Teologia (Unicamp), publicou na Folha de S. Paulo do dia 3 do corrente (pág. A-3), um desconcertante artigo intitulado "Esmagar a infâmia".

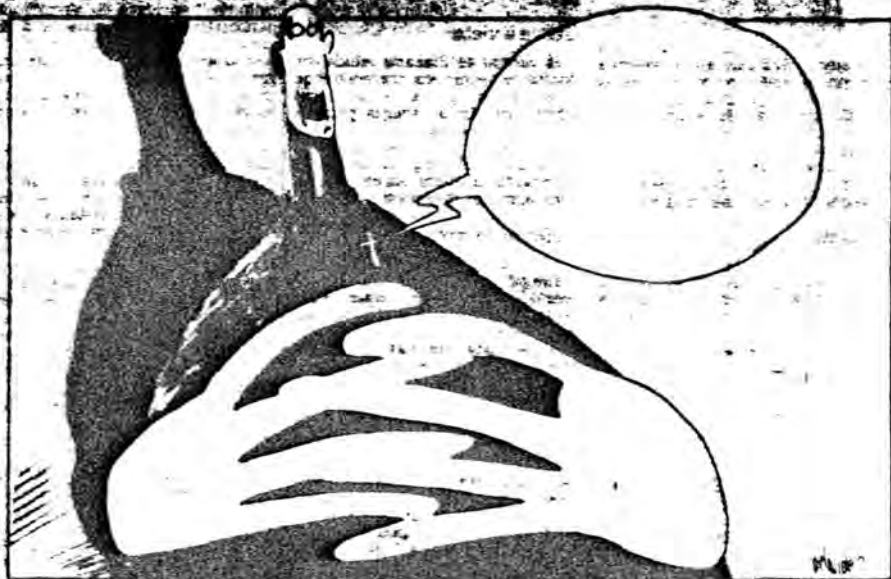
A arte de desorientar e ludibriar se manifesta logo no título, vago, acurioso, que levanta a expectativa que somente de uma crítica moral. Ora, quem não se lembra sob a influência dos jesuítas para "esmagar a infâmia"?

No corpo do seu escrito, o professor Romano desmonta a infâmia e nos ele apresenta a crítica contra a "infâmia" que se trata de desmascarar, mas não desmascarar os pontos de 100 anos de história perversa de Voltaire, arduo filósofo francês do século 18, que tinha como alvo, seu e aos outros propõe provocantemente, "esmagar a infâmia", isto é: "Esmagar a infâmia Igreja católica". Contra a qual ele escreveu também: "Menti contra a Igreja, menti sempre: alguma coisa sobre a infâmia".

O difícil numa crítica ao artigo, algo saliente, do eminente professor de Campinas, é que ele toca, em poucas linhas, numa porção de assuntos.

Em alguns casos, estes intrinsecamente de acordo com ele. Quando, por exemplo, esboça os pontos esboçados "teólogos da libertação filomarxistas" que pretendem, do alto de sua alardeada sabedoria teológica, arrastar-se em sociólogos e economistas. Com toda razão escreve o professor Roberto Romano: "Com desenvolvimento (...) na arte dos teólogos, teólogos populistas se reapresentam (...) em misturas escuras, de modo sincrético e oportunista. Por exemplo, o sr. Clóvis Buff para quem é lógico dizer que a "propriedade social" (doutrina católica) e "socialização dos meios de produção" não seriam senão "um único ideal". Não se passa assim, sem mais do domínio da teologia para as terras vulcânicas da sociologia e da economia política.

Infelizmente, o professor e filósofo Roberto Romano incide no mesmo erro, quando no início de seu artigo, escreve, sem ambages: "O domínio teológico-político (da Igreja católica) evidencia, além de atraso social, retrocesso na cultura, obscurantismo tenebroso e autoritário" (o início entre parênteses e o grifo são meus). Ora, meu ilustre professor Romano, toda vez que, em seu bem escrito artigo, o sr. invade o território da teologia, sua pena brilhante só escreve coisas disparatadas e lamentáveis. Cria-me, é perigoso sair da faixa estreita do conhecimento humano, no qual cada um de nós se move, mais ou menos à vontade, e penetrar temerariamente em terreno estranho... O sr. não se dá bem,



quando, deixando os domínios da filosofia, da sociologia e da economia, em que é grande mestre, comete a imprudência de uma incursão despreparada, pelas regiões da teologia que, pelo visto, ignora totalmente.

O segundo ponto desta modesta "crítica a uma crítica" que refere-se às afirmações profundamente infelizes e imprudentes que o citado articulista faz a respeito de d. Pedro Casaldáliga, recentemente advertido pela Santa Sé, através de um "Monitum". Escreve o professor Romano: "Para fins e danos assassinatos de alma, como o sofrido por d. Casaldáliga, só nos cabe o recurso da razão, laica, secular e livre". Ora, meu querido mestre de Campinas, sabe o sr. o que foi que o Papa, através do cardeal-prefeito da Congregação dos Bispos, mandou dizer ao irrequieto espanhol que é o bispo-prelado de Conceição de Araguaia? Simplesmente, o óbvio. A saber: duas coisas: a) — d. Pedro Casaldáliga deve ser fiel à doutrina da Igreja católica, quando escreve e quando prega; b) — o sr. bispo-prelado em questão não deverá mais ir à Nicarágua, apoiar os sandinistas, entrando nas dioceses dos bispos nicaraguenses sem licença deles.

O professor Romano há de covir que é um abuso intolerável, da parte de d. Casaldáliga, invadir as dioceses nicaraguenses, sob o repúdio da hierarquia de lá. Sabe o professor de Campinas o vexame que d. Casaldá-

liga criou para a CNBB, com sua maldadada viagem à pátria de Sandino? Os prelados nicaraguenses, num seco e enérgico protesto, mandaram dizer à cúpula de nome Conferência Episcopal: "Vá, os bispos da Nicarágua, protestamos veementemente contra a ingerência indelicada de um bispo do Brasil em nossos assuntos internos. A Nicarágua tem bispos".

E quanto ao primeiro ponto do "Monitum", a Santa Sé não pede a d. Casaldáliga outra coisa do que o cumprimento de seu dever de ser conseqüente. Como sabe, melhor do que eu, o professor Romano, o único "pecado" imperdoável da razão humana é a incoerência. Pois bem: como todos os bispos, d. Casaldáliga, antes de ser ordenado bispo, acatou uma precondição para isto: fez um juramento de fidelidade ao Papa e à doutrina ensinada pelo sucessor de Pedro. Agora, se ele resiste duas opções: ou ser um homem de caráter e cumprir aquilo que jurou, ou então abandonar a instituição eclesial e deixar que suprem, com toda féria, os molinos de vento de seu espírito algo quixotesco...

O terceiro e último aspecto do desconcertante artigo do professor Romano, que pretendo comentar (e haveria vários outros...) é o seguinte. Desvelando o que pretendia esconder no título de seu escrito, o professor de Campinas avança: "Mas do que nunca, precisamos assumir, sem descanso, o lema das Lamas: 'Esmagar a infâmia'!" Como

escrevi acima, Voltaire dedicou esta cruel convocação aos que quisessem, como ele, destruir, aniquilar a Igreja católica, no período de iluminismo, aquelas setembras mal chamadas de Lamas, no século 18.

Todavia, o articulista é, pelo menos, simplista, ao empunhar, com tanto ardor, a esquerosa bandeira voltairiana. A Igreja de Jesus, na terra, é o véu de Verdade. Isto é a face de Cristo desfigurada pelos pecados dos cristãos. Mas, é a face de Cristo.

Como esquecer que é desta Igreja que saíram os maiores santos da Humanidade? De lá saiu a madre Teresa de Calcutá, que, neste momento, está recolhendo os moribundos caídos nas ruas de Índia, para dar-lhes um sorriso de esperança na última derrogação... Também desta mesma Igreja, cujo sacramento da eucaristia não recebe todas as manhas, emergiu o doutor Heráclito Sobral Pinto, o defensor de Luiz Carlos Prestes Sobral Pinto que salvou das garras do nazismo, arrancando-o do território alemão, com o seu talento invulgar de jurista, a filha de Prestes e de Olga Benário, a sra. Anita Leonádia, que ainda hoje aí está, para dar seu testemunho... Não, caro professor Roberto Romano, a Igreja católica não é uma "infâmia". O sr. foi longe demais...

Dr. LUCIANO CARRAL DUARTE, 41 anos, advogado de Aracaju (SE), é doutor em Filosofia pela Universidade Sorbonne (França).

Dom Casaldáliga e a Igreja dividida

DOM LUCIANO CABRAL DUARTE

Vários eclesiásticos, entre os quais os assessores da cúpula da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), em geral não gostam quando alguém afirma que a Igreja do Brasil está dividida. Eu sou um dos bispos brasileiros que fazem esta afirmação e, contraditados, a mantêm. Com provas à mão, segundo creio.

Na memorável Conferência do Episcopado Latino-Americano em Puebla, em 1979, um bispo peruano, de tendência esquerdista, arrancou fortes aplausos do terço dos bispos presentes que rezavam por sua cartilha, ao lançar no plenário esta frase de efeito: "Quem não tiver ideologia, entre os bispos aqui reunidos, que atire a primeira pedra". Numa parábola pouco feliz da palavra de Jesus, defendendo o adúltero de Jerusalém, (Evangelho de S. João, cap. 8, v. 7), o prelado peruano procurava justificar sua opção radical esquerdista, contra-argumentando que os bispos do "outro lado" tinham, todos, sem exceção, uma ideologia pró-capitalista. Será verdade esta ideologização generalizada, como uma epidemia incontrolável de mentipite? Tenho dúvidas.

De qualquer maneira, parece-me que, desta forma, o problema está mal colocado. Porque a ideologia não é o fundo do poço. O que está em crise, na inteligência de numerosos eclesiásticos brasileiros e latino-americanos, é a eclesiologia. Agora, sim, tocamos o punctum dolens, o busilis do problema.

Que quero dizer? Que há um sismo, um tremor de terra sacudindo as camadas interiores da sedimentação intelectual, sobre a qual repousa a fé na Igreja de Jesus. De um lado, os que ficam fiéis, inabalavelmente fiéis à instituição eclesial como Cristo a estabeleceu. De outro lado, os que, por pretextos vários, querem apresentar uma outra Igreja, mais moderna, mais atraente, uma Igreja que seria uma democracia. Como, por exemplo, frei Leonardo Boff, que exprime seu pensamento num livro já infeliz pelo título: *A Igreja que Nasce do Povo*. Este frontispício é, pelo menos, ambíguo e gerador de perplexidade. A Igreja não nasce do povo: ela nasce do coração de Deus. A Igreja não é uma democracia, nem os apóstolos foram eleitos pelo voto popular dos israelitas. A Igreja é uma hierarquia. Isto é: um Poder (entendida, como sempre) que é, sagrado, porque vem de Deus. Sei que os arraiais da teologia da libertação

filomarxista (que, infelizmente, é a única "tal" que existe no Brasil) estremecem ao ouvir ou ler a palavra "sagrado". Este vocábulo entrou na lista dos conceitos malditos, e neste catálogo são inscritos todos os termos que fogem do terra-a-terra da Nova Igreja Horizontal, centrada sobre o Homem, os Problemas Humanos e a idéia confusa e desnorteante de Pecado Social. Não importa: "A Verdade vos libertará, e não a No-vidade", como disse João Paulo II, falando a um grupo de Bispos Brasileiros, em 1985, entre os quais estava eu.

Quero deixar claro que não pretendo julgar a consciência de meu irmão no episcopado, dom Pedro Casaldáliga. Não julgo a consciência de ninguém, nem mesmo a minha. Peço a Deus que nos julgue a nós todos, mais na sua misericórdia do que na sua justiça.

Entretanto, vivendo em sociedade, somos obrigados a opinar e a julgar os atos externos uns dos outros. O próprio Jesus, que nos mandou — "Não julgueis e não sereis julgados" (Evangelho de S. Mateus, cap. 7, v. 1) — julgou o ato externo do soldado romano que o esbofeteou, na noite da agonia e da flagelação: "Se falei mal, mostra-me em que, mas, se falei bem, por que me bates?" (Evangelho de São João, cap. 18, v. 23).

Isto posto à luz, devo dizer que dom Pedro Casaldáliga é, na minha opinião, um dos responsáveis maiores da divisão existente no meio do episcopado brasileiro. Não pelo que ele faz em favor dos pobres. Neste ponto estamos todos de acordo. Todos os bispos latino-americanos fizemos a "opção preferencial não-exclusiva pelo pobres" (desculpem a redundância) de que fala Puebla. E nem sempre são os bispos que contam com uma coorte de sopradores de trombetas os que, na realidade, mais realizam em favor dos "malditos da terra". Na nossa santa e pobre Igreja há de tudo. Inclusive os que têm a vaidade de serem profundamente humildes...

Dom Casaldáliga, querendo ou não querendo (na realidade, mais querendo do que não-querendo...), é um mestre em criar tempestade num copo d'água.

Oh, que triste espetáculo este a que estamos assistindo... Por causa de um "Monitum" de Roma, em que a Santa Sé pede, singelamente, ao bispo-prelado do Araguaia que cumpra duas obrigações elementares de qualquer bispo, a saber: a) que seja fiel à Doutrina da Santa Sé (conforme ele jurou que seria, com a mão

na Bíblia, antes de receber o episcopado, isto é, o Sacramento da Ordem em plenitude); b) que não visite a Nicarágua, para aí pregar, sem a permissão dos bispos nicaraguenses.

A partir de algo tão elementar, dom Casaldáliga e seus amigos provocam um temporal. Sem exagerar, eu poderia mesmo dizer: conseguem desencadear, não sei com que misteriosos poderes meteorológicos, uma violenta chuva de pedras sobre Roma... Senão, vejamos.

O senador Severo Gomes deixou, por um momento, suas aflições durante a feitura da Constituição, para declarar, em nome da Comissão Teotônio Vilela, sua solidariedade a dom Casaldáliga, agora sofrendo do Vaticano "atitudes arbitrárias no conteúdo e na forma, que violam os mais sagrados direitos como homem e sacerdote". Comovente, mas falso.

De seu lado, com o destempero habitual, frei Leonardo Boff, que está sempre onde estiverem atacando a Santa Sé (oh, meu pobre São Francisco de Assis, tão humilde e tão reverente ao Sumo Pontífice...), alardeia, do alto de sua sabedoria e de sua revolta mal contida, a punição (sic) a dom Casaldáliga "revela a estratégia conservadora de setores importantes do Vaticano, (...) que usa métodos escusos, extremamente ditatoriais, abomináveis durante o regime militar de segurança nacional".

Beleza retórica. Mas improcedente e fundada na inverdade...

Na minha opinião, dom Pedro Casaldáliga fez muito mais do que o necessário para receber o Monitum que Roma lhe mandou. De um robusto repertório de declarações desnorteantes do citado bispo, respigo os seguintes exemplos. Ao receber, faz alguns anos, uma jaqueta de guerrilheiro, em São Paulo, das mãos do presidente da Nicarágua, Daniel Ortega, marxista assumido, o prelado do Araguaia declarou: "Vestido desta forma, eu me sinto como paramentado para uma Missa"... E mais, desta vez na efervescência do caso atual: "Aquele Vaticano tem muito de uma iglu; quiçá, dourada"...

Peço a Deus que dê mais humildade ao meu irmão de Conceição do Araguaia. E também lhe conceda o bom senso de rever o alcance do voto de obediência que os religiosos fazem, obediência aos seus legítimos superiores, dos quais o primeiro é o Papa.

Dom Luciano Cabral Duarte, arcebispo de Aracaju, é doutor em Filosofia pela Sorbonne, de Paris.

Da arte de desenfocar uma notícia

Dom Luciana Cabral Duarte

Conta-se do dr. Assis Chateaubriand, organizador e proprietário da outrora poderosa Rede Associada, composta de emissoras de televisão, de potentes rádios e de uma imponente cadeia de jornais, que ele era um homem de muitas virtudes e de muitos pecados. Entre estes últimos, referem o seguinte. Um belo dia, lá pelos anos 40, o dinâmico paraibano que era o dr. Assis (como o chamavam os íntimos) decide ampliar ainda mais sua rede de meios de comunicação. Este era o seu objetivo focal. Seus jornais começam a falar do assunto, em termos de projeto, de plano.

Como os escrúpulos éticos não eram o que havia de mais forte no ânimo do nosso nordestino inteligente e realizador, ele manda um emissário a um rico industrial de São Paulo, dizendo-lhe que precisava, para a ampliação de sua mídia, de uma determinada quantia de dinheiro. Assim mesmo, taxando-o, implacavelmente, impondo-lhe o montante de sua "contribuição espontânea". O industrial lhe responde, corajosamente: "Não." E, então, o dr. Chateaubriand deu ordem à sua rede de jornais, desde Porto Alegre, passando por São Paulo e pelo Rio de Janeiro, e indo até Recife e Belém do Pará, que desencadeasse uma campanha diária, noticiando que as empresas do grande industrial caminhavam, em marcha batida, para a falência... Inútil dizer que isto provocou uma corrida desastrosa, entre os acionistas das mencionadas organizações, causando um mal incomensurável ao bravo paulista que não se dobrou à chantagem... Que aconteceu neste caso? Deixando de lado o foco de malícia, que era a ampliação da "rede associada", colocou-se no centro da questão o que era, de fato, apenas um pormenor, a saber: o auxílio financeiro pedido ao industrial de São Paulo.

Penso nisto, ao ver como a mídia brasileira está *desenfocando*, com astúcia e maldade, a notícia do *Monitum* que veio da Santa Sé para dom Pedro Casaldáliga. E vou explicar o que entendo pela "arte de desfocar uma notícia".

Nossa percepção visual abrange um raio de 180°, naquilo que avistamos usando os dois olhos. Mas, a nitidez e o foco da visão que temos não são os mesmos, em toda a angulação. Pelos cantos dos olhos, percebemos confusamente; e os bordos da imagem visual são imprecisos, esfumados e de contornos fluidos. É a mácula do olho, a depressão da retina no pólo posterior da vista humana, que nos dá a acuidade visual no seu ponto máximo. E estes milímetros de claridade estão no centro da imagem captada por nossa visão, angulada em 180°.

Explicação isto, quero denunciar aqui o procedimento pouco ético de alguns jornais e revistas brasileiros. E, de vários eclesiais, também, quando se está forjando agora todo um ciclone contra Roma e contra o papa, no caso da advertência que a Santa Sé enviou, por intermédio da Nunciatura do Brasil, ao bispo de Conceição do Araguaia.

O ponto focal do *Monitum* é transparente como água cristalina. Roma pede a dom Pedro Casaldáliga duas coisas: a) que seja cumpridor de seu juramento de fidelidade ao papa e à doutrina da Santa Sé; b) que se abstenha de visitar a Nicarágua e de aí pregar, sem permissão dos bispos locais. Nada mais lógico nem mais elementar, dentro das obrigações assumidas por cada bispo, que aceitou ser pastor numa Igreja cujo feixe de lei interna é o Código de Direito Canônico.

Ora, o que está acontecendo em torno disto, que se transformou num rumoroso caso, quando não devia ser senão um acontecimento de rotina, na vida da Igreja católica? Está sucedendo exatamente o que considero uma manobra pouco ética, para desfocar uma notícia. Não é a primeira vez que assistimos a esse gênero de espetáculo. E o mais grave é que ele é levado à ribalta, não só por jornais e revistas mais ou menos anticlericais, mas também, e infelizmente, por eclesiais rebeldes, insofridos, insufladores de revolta. Que articulam uma verdadeira conjuração larvada,

Não faço afirmações sem ter à mão as provas do que digo. Aqui vão elas.

A revista *IstoÉ*, de 5 de outubro, p. 33, informa jubilosamente seus leitores que, de Conceição do Araguaia, chegam estas palavras: "Não inventei os índios, os posseiros. Não posso deixar de denunciar sua situação." Leitores amigos: mas, pelo amor de Deus, quando o *Monitum* de Roma (que significa "Advertência" e que foi incorretamente traduzida em português pela palavra *intimidação*) falou de índios e de posseiros?

Um sacerdote da Baixada Fluminense escreve uma carta insolente ao cardeal Bernardin Gantin, prefeito da Congregação dos Bispos e um dos subscritores do *Monitum* a que aludi. Falando em nome de uma vaga e nebulosa Coordenadoria Ecológica de Pesquisa e Solidariedade, esse "ministro de Deus e dispensador dos mistérios de Jesus Cristo" (como diz São Paulo) leva seu atrevimento ao ponto de tratar de maneira ignóbil o santo e bondoso africano filho do Benin, que é o cardeal Gantin. E lhe diz: "Dom Pedro tem sido, entre nós, aquele que melhor encarnou a opção pelos pobres do Evangelho, na sua dedicação aos povos indígenas, aos camponeses sem terra e a todos os marginalizados por este nosso sistema iníquo."

E cito, ainda, um exemplo da distorção inescrupulosa de uma notícia, a pior distorção que encontrei entre as dezenas que tenho colecionadas. Ela vem de um eclesiástico do estado de Goiás. E declara, sem pejo: "A gente se desvencilha mais facilmente de um tirano, do que dos instrumentos utilizados na Igreja para isolar, destruir e quebrar resistências psicológicas."

Ora, meus leitores, esta arte de desfocar uma notícia referente ao papa e à Santa Sé é desonesta e abominável.

Em nenhum momento, em seu *Monitum*, Roma repreendeu dom Pedro Casaldáliga por seu amor aos pobres. Amor que o tem levado a gestos de verdadeiro heroísmo em determinadas ocasiões. O papa João Paulo II está infelizmente de acordo com tudo o que dom Pedro faz pelos mais desprezados e oprimidos de sua prelazia. Sabe-se que há poucos meses, dom Pedro Casaldáliga fez sua primeira *Visita ad limina* (isto é: "Visita aos túmulos dos apóstolos Pedro e Paulo", em Roma), cumprindo a obrigação quinquenal de cada bispo, após uma relutância de dezesseis anos. Naquela ocasião, o sucessor de Pedro o tratou com o maior carinho. Deu todo apoio ao seu trabalho em favor dos deserdados de Goiás. E lhe disse saber que as situações pastorais, no Brasil, são as mais diversas possíveis, e que cada bispo tem que descer aos últimos da terra. Para levar os pés, como Jesus fez aos apóstolos, retornando e aqui uma conveniente palavra de Paulo VI, sobre os bispos do Brasil.

Não, amigos leitores, não é o amor de dom Pedro Casaldáliga aos pobres que está sendo julgado e condenado por Roma. Afirmar tal coisa, como o fazem alguns órgãos da mídia nacional e a chamada "Igreja progressista", é uma iniquidade. Pela qual cada um responderá diante de Deus.

Este noticiário maldoso, desvirtuado, é uma violência praticada contra o "ponto colimado", o ponto focal da notícia objetiva que trata do assunto. A tática empregada para desfocar a notícia do *Monitum* de Roma é um expediente indigno, que depõe contra a integridade moral dos que praticam. Em termos jornalísticos, isto é uma das táticas maquiavélicas da *contra-informação*.

Se o papa toma uma atitude que não agrada aos meios de comunicação do Brasil e estes criticam o pontífice romano, cabe-nos, aos que vemos nele a presença visível de Jesus ressuscitado e invisível, partir para a contestação, expondo os motivos reais dos gestos e atitudes de João Paulo II.

No meu modo de ver, discordar do papa é uma atitude facultada à mídia, numa sociedade pluralista e, mais ainda, secularizada como a em que vivemos. Mas, ninguém tem direito de desfocar o sentido das palavras do sucessor de Pedro. A fim de, em seguida, chafurdar na água suja, que não veio de Roma, mas brotou, aos borbotões, da mente pouco ética dos distorcedores de notícias...

Dom Casaldáliga, um mito a desmontar

DOM LUCIANO CABRAL DUARTE

O grande mestre francês de Filosofia, André Lalande, nos ensina que o rico conceito de mito envolve vários significados diferentes. Um deles é este: mito é a exposição de uma doutrina (que pode ser representada numa pessoa), "onde a imaginação se dá a si mesma livre curso e mistura suas fantasias a verdades subjacentes" (Vocabulaire de la Philosophie, Presses Universitaires, Paris).

É sob esta acepção que tomamos aqui a categoria conceitual de mito. E vemos nela uma valiosa chave de interpretação do fenômeno sócio-político-midiático que é o bispo-prelado de Conceição do Araguaia, dom Pedro Casaldáliga. Toda ideologia precisa de uma bandeira. A ideologia filomarxista, que viceja robusta nos acampamentos progressistas da Igreja no Brasil, tanto entre os leigos cristãos desta corrente como também entre padres e bispos que têm "seu coração à esquerda", não foge à regra. Nesses casos, é preciso encontrar uma bandeira e um porta-bandeira. Mostrando uma polivalência rara, dom Pedro Casaldáliga é, ao mesmo tempo, a bandeira esquerdizante dos filomarxistas e também seu próprio porta-bandeira principal.

O mestre Lalande nos adverte que, na base de todo mito, há "verdades subjacentes". Quais são estas verdades, no fato e na pessoa que aqui peço vênia para analisar?

Parece-me existir algo de objetivo neste verdadeiro culto nacional a dom Casaldáliga, culto fermentado, na opinião pública, pela mídia a serviço da causa da edificação de uma Nova Igreja. Uma Igreja Horizontalista, Democrática, "que nasce do povo" e não mais da Palavra criadora de Jesus Cristo. Este quid de verdade é o seguinte. Dom Casaldáliga, realmente, desde que foi eleito bispo, por volta de 1971, e enviado a uma região paupérrima, miserável mesmo, como é a maior parte da prelazia de Conceição do Araguaia, tem dado um belo testemunho de pobreza pessoal. E também de um grande e sacrificado amor aos pobres. Os camponeses sem terra, que são os mais desamparados deste país, contraditório que é o nosso, como também os índios e os inúmeros sub-homens, reduzidos a uma condição que roça o nível dos animais irracionais, sempre tiveram em dom Casaldáliga "a voz dos sem voz", o grito de protesto legítimo que, na garganta dos humildes, era sufocado. Dom Casaldáliga nunca se abrigou na sombra da omissão. Escapou milagrosamente de ser assassinado e não

calços. Sob este aspecto, merece meu respeito, minha admiração, meu fraterno e humilde abraço de solidariedade, que aqui lhe mando.

Mas, decididamente, "a perfeição não é deste mundo", como dizia Simone Weil. E já aqui, nessas mesmas "verdades subjacentes", a ambigüidade se insinuou, serpenteando, sutilmente, como uma vibração. Como assim? Por que dom Casaldáliga não é, no Brasil, o primeiro bispo a, literalmente, sacrificar-se até à morte pelos pobres. Lembro agora uma grande figura episcopal, notável, aos meus olhos, nessa postura.

Trata-se de dom Aristides Piróvano, religioso italiano do Pime, que renunciou ao seu cargo de bispo diocesano, e hoje o Diretor Litúrgico da CNBB, para 1988, registra, na sua página nº 30, no elenco dos bispos que vivem no Estado do Pará: "Dom Aristides Piróvano, Pime (Pontifício Instituto das Missões Estrangeiras), bispo prelado emérito (isto é: resignatário) de Macapá, no Pará, é hoje capelão-auxiliar na Colônia dos Hansenianos de Marituba". Oh, meu santo e querido dom Piróvano, que deixou a direção de uma prelazia, e foi ser, humilde como São Francisco de Assis, o capelão-auxiliar de um hospital de leprosos, no meio dos quais ele vive as 24 horas de todos os dias... Quem já ouviu falar de dom Piróvano? Em que o testemunho de amor aos pobres que ele dá é menor do que o exemplo oferecido por dom Casaldáliga?

Esta preferência, exclusiva e excludente, das fanfarras publicitárias por dom Casaldáliga, parece ter algo de suspeito. Não será que estão usando dom Casaldáliga como um instrumento tático, dentro de um arco de estratégia esquerdista de longo alcance? Pica a pergunta...

Entretanto, neste sereno artigo, fiz uma grave afirmação acima, que devo provar. Escrevi, efetivamente, que forjaram (e continuam forjando) um verdadeiro culto nacional ao mito dom Pedro Casaldáliga. As provas? De várias dezenas de fatos, vou garimpar apenas alguns. Eis-los.

No seu brilhante artigo intitulado "Fala, Pedro", publicado no Jornal do Brasil de 7/10/88, dom Marcos Barbosa, beneditino do Rio de Janeiro e da Academia Brasileira de Letras, nos informa que o Departamento de Sociologia da PUC carioca vinha de lançar uma campanha. Lançou apelos a tous azímutos (a todas as direções) pedindo que sejam enviados telegramas a dom Casaldáliga, para dar-lhe apoio por ter sido silenciado por Roma. Que mentira! Que

maldade! Todos os telegrafadores devendo rogar ao bispo-prelado do Araguaia: "Fala, Pedro"...

E ainda: tenho ante os olhos uma circular, enviada a todos os bispos do Brasil, pelo padre Carlos C. dos Santos, da Diocese de Nova Iguaçu, ao cardeal Gantin, prefeito da Congregação para os Bispos, em Roma. Num contexto da carta escrita com um despitado esgarizador e uma obscuridade que beira a insanidade, o referido sacerdote, entre outras coisas, escreve: "Dom Pedro tem sido entre nós aquele que melhor encarnou a opção pelos pobres do Evangelho". Mas, meu pobre padre Carlos (por quem rezo, neste momento), onde foi que você encontrou, no "Monitum" de Roma a dom Casaldáliga, mesmo de muito longe, uma censura a seu amor aos pobres? Sejamos coerentes, sejamos honestos! O cardeal Gantin pediu a dom Casaldáliga o que nunca deveria ter sido necessário pedir-lhe, porque é mais do que óbvio: a) que seja fiel à doutrina da Igreja; b) que não vá pregar na Nicarágua sem autorização dos bispos dela.

E nada mais, meu padre de efervescente cabeça...

Finalmente, leio no Estado de S. Paulo, de 15/10/88, a notícia, vinda de Brasília, onde está a sede da CNBB, na visita recente que fez a Roma, dom Casaldáliga se recusou a assinar um documento que os cardeais Joseph Ratzinger (da Congregação da Doutrina da Fé) e Bernardin Gantin (da Congregação para os Bispos) lhe pediam subscrever, comprometendo-se a obedecer aos dois pontos acima indicados. E agora dom Pedro Casaldáliga se justifica, dizendo que assinar aquele papel seria o mesmo que amordapar-se... A mesma notícia informa também: dom Luciano Mendes de Almeida, presidente da CNBB, ia viajar no dia seguinte, 16 de outubro, para Roma. Com vários objetivos, e, entre estes, o encargo que lhe teria sido dado pela Presidência e pela Comissão Episcopal de Pastoral da CNBB, a saber: "Discutir com o papa João Paulo II e os bispos da Cúria Romana a advertência do Vaticano, recebida há cerca de três semanas por dom Casaldáliga". Advertência considerada um "precedente gravíssimo" pela assessoria jurídica da mesma CNBB. No mesmo informe do citado jornal, leio que "dom Luciano não vai ao papa para colocar panos quentes na situação, mas aproveitar a ocasião para discutir abertamente as atitudes da Santa Sé".

Esta história de que o presidente da CNBB não vai a Roma "colocar panos quentes na situação" talvez seja apenas uma nervosa informação de assessores da CNBB. Deles, reconhecidamente, um que outro têm uma imaginação algo delirante...

Neste assunto o melhor que dom Luciano Mendes de Almeida poderia fazer era calar-se. E pedir o perdão de Deus para o episcopado brasileiro. Episcopado enver-

gonhado pela atitude de rebeldia de nosso irmão do Araguaia, arrebatado por seu sangue ebullente de espanhol, filho da Catalunha...

Dom Luciano Cabral Duarte, arcebispo de Araguaia, é doutor em Filosofia pela Sorbonne, de Paris.